

A REALIDADE ESPIRITUAL POR
TRÁS DO MAIOR ACIDENTE DA
AVIAÇÃO BRASILEIRA

Inspirado pelo espírito
ALBERTO SANTOS DUMONT

O VÔO DA ESPERANÇA

MEDIUM WOYNE FIGNER SACCHÊTIN



EDITORA LACHÂTRE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Inspirado pelo espírito
ALBERTO SANTOS DUMONT

O Vôo da Esperança

Médium Woyne Figner Sacchetin

EDITORALACHÀTRE

AGRADECIMENTO

Por mais elevados sejam os autores espirituais, por mais brilhantes, inspiradas e divinas sejam suas idéias, eles não conseguiriam desempenhar a missão de espalhar luzes às almas dos homens, se não tivessem o precioso auxílio de pessoas como Natal Andreta, Maria Elena

Castagnoli Costa Neves, Danilo Costa Neves Paoliello e Sylvia Rodrigues Blanco, que digitaram toda a obra, e de Renata Nogueira Manoel, Rita de Cássia Conde e Walter Tiss Figner Sacchetin, que organizaram tudo com profundo amor e dedicação. A eles estendemos nossa inspiração e reconhecimento cheios de amor fraterno.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Prefácio..... | 11 |
| 1 - Cicatrizes na história | 13 |
| 2 - Causas do sofrer | 21 |
| 3 - A justiça ordena parar..... | 27 |
| 4 - A agonia - o Umbral..... | 33 |
| 5 - Reencontros | 41 |
| 6 - O passado e a guerra..... | 49 |
| 7 - Ferido na neve..... | 63 |
| 8 - Sacrifício até a loucura | 69 |
| 9 - Voltando do mundo espiritual | 73 |
| 10 - Retorno à escola da vida..... | 77 |
| 11 - A infância no país do amor..... | 83 |
| 12 - A formação política na escola | 91 |
| 13 - O primeiro vôo | 101 |
| 14 - Vida perigosa - primeiro susto..... | 105 |
| 15 - Aprendendo a voar | 113 |
| 16 - Sobre o rio Tietê | 119 |
| 17 - Formando dois grandes pilotos | 123 |
| 18 - Conhecendo o melhor país do mundo | 129 |
| 19 - Cruzando os céus da Amazônia..... | 135 |
| 20 - A violência da tempestade | 139 |
| 21 - O grande piloto se despede | 145 |
| 22-0 aeroporto estrangulado | 151 |
| 23 - Lições da vida..... | 155 |
| 24 - Pagamento de graves delitos..... | 165 |
| 25 - O amor vence o ódio | 169 |
| 26 - Punição nunca - o amor eternamente | 181 |
| 27 - Mensagem de J. K..... | 185 |
| Nota explicativa..... | 189 |

PREFÁCIO

Na madrugada chuvosa, vejo chamas no aeroporto, em plena São Paulo, a terra do coração, que me deu os meios para construir Brasília. Eu choro. Chorando, orei pelo Brasil e por aqueles dirigentes que desviam nossa Pátria do caminho da dignidade. Que Deus tenha misericórdia deles. Porém peço que lhes aplique, com todo rigor, Sua justiça, para que os maus brasileiros aprendam que a Pátria é instituição sagrada, merecedora de muito mais do que o nosso respeito - exige veneração dos seus filhos. Minha carinhosa saudação às vítimas e aos familiares, neste acontecimento que nos enche o coração de amargura e tristeza. Quero abraçá-los com todo respeito e profundo afeto patriótico. Nunca me esqueci, todos nós - brasileiros - estamos ligados, pelos laços do afeto, a este país magnífico que haveremos de construir esplêndido, para brilhar na sua grandeza, iluminando os caminhos da civilização humana.

JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA
Fundador de Brasília

1- CICATRIZES NA HISTÓRIA

Nos paredões do caminho estreito que levava à Aquitânia, ecoava o ruído das patas dos cavalos nas pedras, marcando a passagem da tropa montada por soldados gauleses a serviço de Roma. Aproveitavam o claro da lua cheia, que se destacava no céu da Gália Cisalpina feito romântico foco luminoso. O sol amava aquela região da Europa. A estrela-mãe da Terra, mesmo à noite, naquele verão quente, queria iluminá-la através do reflexo da lua.

Estávamos no ano 58 antes de Cristo. A Gália era cheia de vida, de povo ardente, de mulheres apaixonadas e gênio caloroso, que se expressavam nas danças insinuantes de trejeitos temperados de malícia. Os sons de instrumentos, no país da castanhola, provocavam os ouvidos atentos dos homens guerreiros, de caráter forte, cheios de desejo, que não hesitavam em retirar, dos largos cintos de couro de cabra, o punhal com o cabo cravejado de pedras, coladas como lembranças de lutas passionais, de crimes, de batalhas, que eles ostentavam com orgulho nos seus encontros.

Às vezes, o olhar mais demorado de um homem em direção a uma mulher atraente, de colo à mostra, era mais que suficiente para dar início, entre eles, a um ódio que brotava como as chamas de uma fogueira, nas noites claras.

Juntavam-se, homens e mulheres, às bilhas de vinho envelhecidas no uso, exalando o perfume das parreiras que sugavam as paixões da terra. As mulheres depositavam o sangue das uvas nas canecas de cabo amassadas e, durante as noites quentes, faziam circular a bebida de cheiro penetrante, como penetrante era o destemor daqueles povos indomáveis que, ora ameaçavam o Império Romano, ora eram seus aliados.

Muitas vezes, embriagados pelas paixões e pelo vinho, punhais vibravam no ar, feito raios rasgando os céus dos sentimentos desequilibrados, instigados pelos olhares maliciosos de uma mulher sensual, fazendo-se desejada, ao mesmo tempo, por dois homens. A lâmina, como raio alucinado, cravava-se no peito do suposto rival. A mulher continuava a dançar, com as saias rodadas, vermelhas como

sangue, bordadas de rendas, sob a noite de lua cheia, na apaixonante Gália Cisalpina. Naqueles lugares, séculos mais tarde, brotariam do solo das paixões partes do atual território da França, da Espanha e do norte da Itália.

Os guerreiros das Gálias espalhavam a dor e o desespero. A indisciplina e a injustiça campeavam soltas, até que o poder do Império Romano, graças a César, dominou as tribos célticas, ricas e totalmente divididas entre si. Povos fortes, tão fortes quanto cruéis, tão cruéis quanto indisciplinados, foram submetidos pelas forças implacáveis de Roma, que, com a sabedoria política de César, dominaram a peso de ouro soldados mercenários, principalmente os belicosos iberos.

No cavalgar da tropa de soldados de fidelidade comprada pelas moedas da águia de Roma, até no tilintar das armas chocando-se com os metais dos arreios dos cavalos treinados para as batalhas, percebia-se a volúpia por sangue daqueles guerreiros valentes, rudes e, ao mesmo tempo, religiosos e místicos, que os romanos, inteligentes e dominadores, usavam como máquinas de guerra. Naquela noite perdida nos confins dos tempos, a luz da lua, refletida do sol, lembrava aos soldados que, mesmo à noite, a paixão para a luta lhes vinha do fulgor do próprio sol, pois sob a lua brilhavam as armas prateadas e lustrosas: lanças, espadas, chicotes metálicos com esferas cheias de pontas.

Sob o ritmo monótono das passadas dos cavalos, noite adentro, quando os soldados aproveitavam para atravessar o território inimigo, percebia-se no ar o sentimento de vingança e de ódio pulsando na intimidade dos corações. Os caminhos que eles utilizavam eram trilhas secretas no meio das montanhas, feitas de rochas negras e rudes. A trilha estreita, por onde passavam apenas dois cavalos empareados, obrigava a que as lanças fossem colocadas verticalmente, apoiadas nos suportes dos arreios. Às vezes, ouvia-se o guinchar de uma pedra rígida e negra se chocando contra os metais. O ruído fazia o cavaleiro aproximar-se mais do companheiro ao lado. Aí nascia, no silêncio da noite enluarada, outro tipo de som, o das perneiras das armaduras se atritando. Naquela música desagradável, marcavam compasso os cascos e as ferraduras de cavalos treinados em duros combates,

alguns deles com cicatrizes nos flancos, no pescoço, na cabeça, fruto das encarniçadas batalhas em que haviam se metido os soldados que os dominavam.

Os combatentes seguiam. No fim do cortejo, carros de boi iam batendo as proteções metálicas das extremidades das rodas de madeira contra as pedras da trilha. Os carros eram especialmente construídos bem estreitos. Os bois, musculosos e com as cangas e canzís únicos, eram ligados em fila indiana. As passadas, lentas e fortes, dos cascos que iam tropeçando nas pedras também faziam tropeçar as rodas gigantescas, fixas nos cocões bem azeitados para impedir o atrito da madeira contra madeira, que poderia cantar, despertando a atenção dos inimigos.

Os carroções carregavam amontoados vinte e dois prisioneiros de olhos vendados e mãos atadas às costas. Os iberos transformavam os vencidos em magotes de sofredores. Para aumentar as paixões e descarregar a bestialidade daquelas almas cruéis, de vez em quando, entre os ruídos das armaduras se atritando contra as paredes de pedra, ouvia-se o estalar de um chicote nas costas nuas, iluminadas pela lua cheia. Do estalido desumano, vinha o gemido dolorido de um prisioneiro no carro que o transportava. Após o ruído elo chicote, a lua, envergonhada pela maldade desses homens, clareava as cicatrizes no dorso do prisioneiro. Notava-se algo parecido ao vinho tinto escorrendo do ferimento. Os passageiros feridos gemiam e choravam, soluçando, sofrendo sob o tacão das botas dos mercenários gauleses a soldo de Roma.

Era deslumbrante a luz da lua naquela noite. Deus tentava chamar a atenção dos homens para Sua bondade infinita. Para isso, ele pintava com pontos estrelados o céu sem nuvens e a lua prateava o mundo. Queria mostrar o quanto amava seus filhos.

Silenciam os ruídos de ferros dos cascos dos cavalos e das rodas dos carros nas pedras da trilha. Os soldados tiram algumas partes das armaduras, que colocam apoiadas nas pedras, bebem água do rio, encostam-se nas saliências das pedras e, por algumas poucas horas, descansam da jornada rude, pois, ao cansaço físico, juntam-se as tensões e o medo dos ataques num despenhadeiro longo e estreito, onde o inimigo poderia surpreendê-los.

A luz da noite clareia, não apenas os ferros ou as rodas pesadas e as armaduras; agora ilumina também as águas claras descendo das montanhas para o vale lá embaixo. O caudal, similar a imensa serpente de prata corcoveando entre as rochas, contornando barrancos de pedras negras, rapidamente mergulha suas águas no leito que se estreita e se apressa. As águas quase espumejam e se lançam em múltiplas cachoeiras, que vão saltando das pedras para outras mais abaixo, mais abaixo, mais abaixo...

O céu começa a se manchar de listras vermelhas no manto escuro que a natureza vestiu a terra. Amanhece. Uma alma bondosa entre os soldados se lembra dos vinte e dois prisioneiros, toma uma caneca de metal bastante amassada e, aproveitando a pouca luz, vai tropeçando nas pedras para distribuir água entre eles, colocando-lhes nos lábios, secos e feridos, o líquido precioso. Eles bebem sofregamente e agradecem, a cada gole barulhento, conforme a água da caneca desce às gargantas ressecadas de cada um.

Um soldado truculento, vendo os gestos de compaixão do companheiro de batalha, ri sarcástico:

- Noluen, para que encharcá-los de água, se logo mais serão ressecados pelas chamas onde eu os atirarei?

O soldado, mercenário, mas digno, profissional de guerra, baixa a cabeça:

- Não se esqueça de que a compaixão pelos vencidos é sinal de grandeza do soldado.

A um canto, um magote de guerreiros pede ao comandante Iccius:

- Senhor, logo mais estaremos em batalha. A viagem secreta foi abençoada pela nossa inteligência; estamos perto da cidade inimiga. Fizemos prisioneiros na calada da noite, vencemos os guardas nas entradas estratégicas, passamos sem ser vistos pelas colunas inimigas e estamos aqui, bem perto das cocheiras dos fogosos cavalos treinados pelo inimigo. Há várias carruagens de batalha, conforme verificaram dois rastreadores que galoparam na frente do nosso batalhão. Vejo lá embaixo os troféus, que são como pedaços saborosos de carne para nós, os Leões. Assim, para vencermos - diz um dos soldados, representando o grupo -, sugiro que matemos

todos os prisioneiros, livrando nossos carros do peso, para levarmos mais troféus de guerra.

O comandante, espírito rígido, mas justo, possuía tal capacidade de liderança que os seus soldados eram imbatíveis. Algumas dezenas deles haviam conseguido desarticular e vencer exércitos em cruentas batalhas, graças aos seus conhecimentos de estratégia. Sua principal qualidade, porém, era a compaixão pelos vencidos. Sabia que, para conviver com lobos e leões, é necessário muitas vezes jogar-lhes pedaços de carne para saciar-lhes os apetites cruéis. Argumentou, então, que poderiam deixar os prisioneiros de mãos amarradas nas vilas atacadas, ou mesmo soltos até, para ajudar nos saques. Propôs uma votação entre os graduados do batalhão. Sua proposta foi derrotada. "Pobres prisioneiros", pensem Iccius...

O sol ainda não havia surgido. Dez homens truculentos pegaram a corda que amarrava a longa fila de prisioneiros e arrastaram-nos violentamente. De olhos vendados, alguns caíam, gemendo, ferindo-se, outros choravam. Depois, foram amontoados em uma depressão do terreno. Algumas tochas embebidas num líquido negro e malcheiroso fizeram arder as costas, as cabeleiras e os farrapos que vestiam, encharcados com óleo. Os infelizes começaram a gemer alto. Tentando evitar que a cidade fosse alertada pelos gritos e gemidos, a soldadesca enlouquecida perfurava-lhes o pescoço, a face, o tórax com golpes de lança. De repente, alguém grita:

- Soltem a corda! É muito preciosa para ser queimada com esses porcos. Ela servirá para carregarmos nossas posses, que se encontram na vila lá embaixo!

Os prisioneiros, trespassados pelas lanças assassinas, ardiam amontoados na fogueira humana.

O comandante deu ordem para colocarem as armaduras:

- Montar!

Aquele ruído de mais de cem soldados montando, vestidos com armaduras, espadas e lanças, prontos para o ataque, amedrontaria quem o ouvisse. De repente, o barulho se amplia como uma avalanche descendo a montanha. Imediatamente cercaram a cidadezinha, que era um entreposto de armas, veículos de guerra, cavalos e alimentos. A cidadela estava quase desguarnecida de soldados, que

havam se deslocado para as fronteiras da região, esperando o ataque.

O plano do inteligente comandante de atravessar pelos despenhadeiros de pedra colocou-lhe nas mãos o importante entreposto sem qualquer defesa: armas, animais, mulheres e crianças estavam disponíveis. Os poucos homens que lá estavam - os velhos, os doentes e os feridos - foram impiedosamente trucidados. Mulheres choravam, crianças corriam, fugindo sem saber para onde.

Os cavalos foram atrelados, os carros carregados com armas, lanças, espadas e armaduras. Muitos soldados, imediatamente, largavam as armaduras velhas e colocavam, sobre o corpo, as novas, perfeitas. Muitos cavalos do batalhão foram ali substituídos por corcéis novos, preparados para carregar cargas. Um cavalo, cego de um olho ferido por lança inimiga, foi substituído por um mais novo, que estava nas cocheiras. O carro de boi, que carregara os prisioneiros que foram queimados, logo se encheu de mulheres de cabelos longos e negros. A corda chamuscada que atava as vinte e duas vítimas serviu para amarrá-las. Outro veículo foi carregado com carnes temperadas e defumadas, preparadas para alimentar os soldados durante as campanhas. Todos os valores foram roubados da cidade. Mulheres choravam, crianças se desesperavam, correndo atrás dos carros velozes que levavam suas mães.

2- CAUSAS DO SOFRER

Os Leões iam em fuga. Pelos portões da cidadezinha usurpada, os soldados saíram galopando, levando fogosos cavalos e deixando os animais imprestáveis. Ficaram, na saída do desfiladeiro, as cinzas que sobraram daqueles corpos sofredores, que o vento espalhou pelo campo. Restaram lá apenas a dor, o desespero e as crianças que viram as mães serem raptadas pelo batalhão implacável, que desapareceu no pó da estrada. Eles seguiam buscando outras batalhas para deixar para trás mais um rastro de destruição, dor e orfandade.

Contornando uma montanha baixa, nas proximidades de onde seria, hoje, a cidade francesa de Lião, numa curva fechada da estrada, deram de frente com outro batalhão, que seguia na direção

contrária, também caçando aventuras, procurando vilas indefesas para pilhagens. Ao ver o grupo dos Leões, com carros novos, cheios de lanças, espadas e escudos, tracionados por bois e corcéis fortes, o outro grupo, com soldados razoavelmente aparelhados, estacou. Prepararam as armas - as lanças foram colocadas na saliência de metal dos arreios, posicionadas para o ataque; os elmos, abaixados. O comandante preparou-se para a batalha. Separados por uns oitenta metros de distância, as caudas dos batalhões se escondiam na curva da estrada, contornando a pequena montanha.

Tentando planejar o ataque, ambos os comandos analisavam as forças inimigas antes do banho de sangue. Todos pararam ao mesmo tempo. As ferraduras rugiram num só golpe, encaixando-se nas saliências das pedras do caminho. O barulho de metal das espadas saindo das bainhas, as lanças riscando as proteções nos peitos dos cavalos, tudo dava impressão de um monte de ferros atritados violentamente. Depois veio o silêncio... Olhares se alongavam. O comando de ambos os batalhões deu alguns passos e novamente estacou.

Iccius, o inteligente comandante do batalhão dos Leões, como havia feito antes do grupo voltar para queimar os vinte e dois prisioneiros, reuniu-se com os subcomandantes. Cinco deles optaram por não lutar, pois percebiam serem ibéricos os supostos inimigos.

O silêncio parecia durar uma eternidade; o vento soprava entre as frinchas das rochas, cantando músicas tristes que mais pareciam canto fúnebre de desespero. A lança de Iccius foi colocada em posição sobre seu cavalo. O outro comandante, protegido por custosa armadura, com a lança pronta para o combate, adiantou-se uns dez passos. O barulho das quatro patas nas pedras ecoou entre as paredes altas do caminho e o vento fez coro à tristeza da mensagem, mostrando que a bruxa da morte, com o alfanje, ceifadora de vidas, ia surgindo em cena, gargalhando desrespeitosa com a dor alheia. Ela, como sombra maldosa, ficou sentada sobre uma pedra, entre os dois batalhões. Quanto mais sangrenta a batalha, mais corações e cabeças a colher, maior sua satisfação. Assim é a morte...

Iccius também se adiantou uns dez passos, virou-se para os cinco experientes subcomandantes e perguntou, num idioma antigo:

- Lutar ou negociar?

A distância não permitia que o outro comandante ouvisse. O dialeto um pouco diferente fazia parte da confusão de idéias, tribos e raças que começavam a forjar o povo espanhol e o francês.

Dialogaram o comandante e os auxiliares do batalhão dos Leões. De repente, de um dos carros de carga, aparece uma bandeira branca. Um cavaleiro, montando um corcel negro, sai da fila de cavalos, aproxima-se do comandante dos Leões e estende uma longa lança com a bandeira branca, símbolo da paz, amarrada na extremidade.

As caudas de ambas as filas de soldados estavam estacionadas atrás da curva da montanha. Era um jogo inseguro, Nenhum dos comandantes saberia avaliar soldados, cavalos e carros escondidos. A sorte venceu a megera da morte. Tivessem se encontrado numa estrada reta, podendo avaliar as forças contrárias, o banho de sangue destruiria ambos os batalhões.

Iccius, comandante dos Leões, pegou a bandeira branca. O comandante da outra facção, para amedrontá-los, desencadeou uma gargalhada zombeteira. Inteligente e observador, Iccius percebeu a ordem do adversário para que todos gargalhassem. Pelo som, notou que a fila era curta, o número deles era pequeno. Baixou a bandeira, jogou a lança para seu auxiliar e gritou ao outro comandante:

- Se você quer sangue, terá muitos mortos para comandar! Tudo silenciou. O sol começou a aquecer as armaduras dos cavalos e dos soldados; o calor refletido das pedras negras incomodava-os. Iccius levantou a mão direita. Mais de cem espadas, manejadas por mãos e braços truculentos, fizeram ecoar, nas paredes de pedra, o ruído do metal das lâminas se atritando com o metal das bainhas.

O adversário conversou com os seus soldados que estavam por perto, tomou de uma lança, ordenou que uma bandeira branca fosse atada a ela e fez seu cavalo andar três passos. Iccius deu mais três passos. A distância entre eles diminuiu. A bandeira branca foi levantada na lança e os expectadores da enervante situação ouviram as ferraduras das patas dos dois cavalos se aproximando lentamente. Quando as cabeças estavam a uns dez metros de distância, Iccius rompeu o silêncio:

- Nós, ibéricos, soldados valentes, não tememos a morte, mas os inimigos se multiplicam. São celtas, germanos, helvécios. Estão à

espreita para arrancar nossos corações a golpes de espada, e lançá-los aos abismos dos Pireneus. Estamos fortemente armados, armas novas, animais novos, carros novos. A valentia da raça ibérica não seja desculpa para a decisão da estupidez.

O comandante do outro batalhão jogou longe a sua lança. Iccius fez o mesmo. Ouviram-se os metais resvalando nas pedras com ruído. Todos os soldados comemoraram aos gritos. Iccius retirou a luva de metal que protegia sua mão e levantou os braços:

- Estamos a soldo dos romanos e tenho autoridade para contratá-los nas mesmas condições de meu batalhão.

Acauno, sem saber da pilhagem, concluiu tratar-se de um grupo bem pago. Aproximaram-se os carros repletos de armaduras. Os guerreiros do outro grupo abandonaram as armaduras desgastadas e vestiram-se com as novas. Alguns cavalos feridos, com cicatrizes no corpo, até sem orelhas, foram substituídos por aqueles puxados pelos soldados de Iccius.

À sombra do paredão, que se elevava ao lado direito do grupo, o carro das provisões, com patos e galinhas defumados e pães novos, foi descarregado, tendo as mulheres, agora escravas, como servidoras. Algumas jarras cheias de vinho foram distribuídas abundantemente. A bebedeira comemorativa se estabelece. Comem, bebem e a festa se prolonga. O vinho roubado em volumosos garrafões de barro e bolsas de couro, com aroma das uvas da terra ibérica, que produz bebidas das mais perfumadas e saborosas, desce aos borboões pelas gargantas dos guerreiros.

O sol já começava dar sinais de que a noite logo tomaria conta daquela parte dos Pirinéus. A bebida, enchendo os estômagos, passa a subir às cabeças. Um soldado de Acauno foi o primeiro a apertar violentamente o braço de uma prisioneira. Ela reage, empurrando-o; ele, bêbado, quase cai de costas. Um seu colega segura-a por trás e, como se um raio eletrizante atingisse as consciências, cerca de duzentas bestas humanas, para saciar os apetites animais, se servem dos corpos de mães puras, as mulheres que haviam sido raptadas. Soluços, tapas, mordidas, choro, até que tudo se transforma em cansaço, nessa noite de início do inverno. Tudo silencia...

A lua cheia começa a soluçar lágrimas de prata e as estrelas daquele lindo céu ficam envergonhadas diante das cenas de selvageria e horror. O sol encontrou mais de duzentos seres humanos bêbados, dormindo, exceto um deles, Iccius, o comandante, que não participara dos atos de selvageria, distribuía jarros de água às mulheres que jaziam feridas sobre as pedras da estrada, enquanto os soldados bestiais roncavam como animais. Iccius tomou um pedaço de couro de carneiro e, com a lâ, limpava o rosto de cada uma das mulheres. Muitas delas soluçavam. As estrelas, nos seus olhos de luzes, gravaram, pelos séculos afora, aquelas cenas. A lua, como imensa arca do amor de Deus, guardou aqueles nomes, aqueles atos, aquelas cenas, aqueles gritos, gemidos e soluços por vinte séculos. A justiça viria mais tarde...

O dia, no início de inverno na Gália Cisalpina, onde seria, hoje, o sul da França, raiou lindo e rubro, refletindo na cor o caráter dos soldados iberos, do batalhão de duas centúrias dos invencíveis Leões. Juntavam-se agora, pelo acaso do encontro de dois grupos de guerreiros - se é que existe acaso -, formando um pelotão de mais de duzentos atletas, hábeis em cavalgar, em lutar com o gládio e a lança. Nas lutas corpo a corpo, eram ágeis como gatos, fortes como elefantes, rápidos como águias, inteligentes como o leão; por isso, aqueles soldados eram os invencíveis do batalhão dos Leões. O animal-símbolo, nas bandeiras brilhantes, vermelhas, negras e verdes, era o rei dos animais, dentes à mostra e garras expostas, como se estivesse saltando para um ataque mortal. Aquela estampa de animal agressivo, à frente do cortejo mortífero, fazia tremer músculos e corações dos mais valentes inimigos, colocando em total desespero populações de cidades e vilas que gemiam, sofrendo por antecipação, quando rufavam os tambores anunciando a morte. Pobres populações servindo aos seus apetites de um ódio sem causa, que parecia nascer no coração dos soldados iberos. Por onde passavam, semeavam o desespero e a dor. Quando suas mãos, quais garras de leões sanguinários, agarravam alguma vítima, um rosário de dores jorrava dos corações humilhados.

As mulheres prisioneiras, mães na vila assaltada pelas tropas de Iccius, serviam agora de pasto para os desequilíbrios do sexo de ambos os grupos. Nos carros puxados por cavalos, elas seguiam

como se fossem, ao mesmo tempo, animais de carga no trabalho de preparar a comida para mais de duzentos soldados e também, assim diziam alguns deles, a sobremesa dos apetites do sexo. Quando o inimigo o escraviza e esmaga com suas garras de águia, o melhor, para o pássaro, é esconder-se no ninho e aguardar a proteção de Deus.

Agora, todo o grupo comandado por Iccius, tendo Acauno como subcomandante, deslocava-se pelas montanhas e desfiladeiros como o leão, sedento de sangue, vagando à procura de vítimas, em cujas carnes pudesse mergulhar as garras e os dentes. A surpresa do ataque, inteligentemente planejado nas sombras da noite, era trunfo imbatível. As pilhagens foram aperfeiçoando aquela máquina de guerra com o que havia de mais eficiente e moderno naquelas paragens. Vilas e cidades eram saqueadas e, em muitas delas, principalmente nas pequenas comunidades, salvavam-se apenas as mulheres jovens e belas; os demais seres viventes eram degolados.

3- A JUSTIÇA ORDENA PARAR

A vida continuava, assim como continuava a marcha daquele rolo compressor impiedoso, ensangüentando os campos da Gália. Quem visse uma dessas batalhas, com a balbúrdia e o desespero regados a ódio, não perceberia o que se passava do outro lado, além da vida física. O ódio do lado de lá manchava de negro e sangue o céu espiritual. A ventania era um grito de dor e desespero. Espíritos, cujos corpos caíam com as cabeças decepadas ou com os corações dilacerados por lanças, urravam como animais selvagens, emitindo palavras de dor e sofrimento que poucos seres humanos vivos seriam capazes de reproduzir. Quando um dos Leões caía ferido, espíritos empurrados por uma raiva sem limites o atacavam. Estavam enlouquecidos pela dor de ver filhas e esposas sendo esmagadas pelas patas treinadas dos fogosos cavalos, ou vidas sendo dizimadas por pesadas lanças e espadas.

Quando partiam, após os ataques, nuvens de fumaça se enovelavam no ar, pois, para finalizar a destruição, corpos feridos, ainda vivos, eram transformados em tochas humanas, que ardiavam em sofrimentos terríveis.

O tempo, lenta e inexoravelmente, rolava na ampulheta dos destinos.

Era madrugada, o inverno começava a lançar na atmosfera flocos brancos, como se fossem montículos de algodão. Eram as primeiras neves do ano no sul da França. Iccius, Acauno e os dois grupos de estrategistas se reuniram, obedecendo a um centurião romano, que viera com ordens de César para atacarem uma cidade-fortaleza na região dos Pirineus. Ele trazia moedas de ouro que dobravam o soldo prometido, em razão do risco de se lutar nas montanhas no inverno. Aproveitariam a surpresa e o relaxamento da guarda: o leão ataca quando a presa não espera.

A madrugada começava a pintar o horizonte de vermelho; uma ou outra mulher acendia os fogões rústicos alimentados por lenha, cortada pelos lenhadores nos bosques, ao redor da cidade. A fumaça saía das chaminés, entrecruzando os fumos negros com os flocos brancos da neve do início de inverno. Uma mulher desce as escadas de madeira tosca, carregando uma lata de leite de cabra, trazida do estábulo ao lado da casa. Viu, contrastando com as pedras negras da montanha e o fundo branco da neve, que começavam a pintar os contrafortes, tremular algo, e conseguiu divisar as cores negra, vermelha e verde que se aproximavam. O coração parecia sair-lhe pela boca, quando, sob a luz fraca que se atrevia a varar as sombras da noite que se afastava, distinguiu a figura de um leão. Perdeu a voz, petrificada, sem conseguir correr, nem gritar.

A soldadesca da cidade, confiando no início do inverno, dormia sobre montes de feno do celeiro, com as lanças, armaduras e espadas deixadas em repouso em outras construções distantes.

Os comandantes Iccius e Acauno, a um estalo de chicote como combinado, ordenam que os tambores comecem a rufar, enquanto o barulho das ferraduras dos cavalos invade a cidade com uma violência atroz. Muitas vezes, a surpresa faz mais poderoso o atacante. Não se sabia de onde tochas surgiam; de cima dos cavalos eles lançavam o fogo. As casas de madeira, ainda ressecadas pelos ventos do outono, começaram a arder. Os soldados jogavam tochas às dezenas também sobre o feno seco do celeiro, onde dormiam os defensores da cidade. Rapidamente,

trancaram janelas, portas e portões pelo lado de fora. A soldadesca foi sufocada e queimada viva.

Crianças gritavam, mulheres, com lenços de lã cobrindo a cabeça e o rosto, caíam das escadas das casas, tentando correr para a praça central. Um velho sem uma perna, apoiado numa muleta, ao descer a escada rústica, rolou, arrebrandando-se sobre as pedras. Um invasor crava-lhe comprida lança no peito, dando gargalhadas, fugindo rápido com o cavalo para atropelar uma criança na via estreita. As patas do cavalo destroçam-lhe o peito.

Na praça, amontoados e morrendo de frio, crianças e velhos são separados das mulheres jovens, colocadas em carroções, que serviam de prisão. Os outros foram pisoteados pelas patas dos cavalos. Obedecendo a ordens de não atrasarem a marcha de ataque a outra vila, os Leões não roubam nem armas, nem carros de guerra. O plano era dizimar rapidamente os soldados defensores da cidade. Saem da vila, enquanto negros véus de fumaça tapam o sol, que parecia envergonhado ao ver tanto ódio. Do outro lado, no mundo espiritual, os espíritos recém-desencarnados não entendiam o que se passava; estavam surpresos e chocados.

Depois de dois quilômetros, o batalhão pára, esperando os que ficaram para trás. Viam a fumaça negra subindo, raivosa e injusta. Havia ainda um ataque planejado, mais ou menos a vinte quilômetros, onde pretendiam chegar no início da noite. Seguem por um desfiladeiro que desembocava na cidade onde hoje se encontra Toulouse, outro local defensor da região ocupada pelos gauleses. Eles seguem por trilhas à beira de abismos, galopando quando possível, caminhando lentamente na maioria das vezes. Chegam à beira de um afluente do rio Lot, que despencava das alturas das montanhas. Junto às águas cristalinas, apeiam dos animais e matam a sede. Depois de um breve descanso, Iccius olha as águas caindo de mais de oitenta metros de altura, e ordena:

- Leões invencíveis, montar!

O barulho de botas nos estribos, de espadas e lanças tilintando ferro contra ferro, ecoa nas paredes altas.

- Mesmo arriscando a vida, ordeno que, daqui em diante, o trote e o galope sejam a velocidade usada. Os carros com as prisioneiras e

os alimentos irão mais devagar, enquanto os guias adiantados verificam o caminho.

Os Leões invencíveis seguem, margeando a água que desaba velozmente. Iccius na frente, a bandeira enrolada e guardada na sela. Logo adiante, a margem do rio era inclinada para as águas, dificultando muito a marcha. O comandante diminui a velocidade da tropa, levanta a mão e grita:

- A neve começou violenta. Precisamos sair daqui rapidamente!

De repente, os animais começam a resvalar. Cavalos e cavaleiros vão escorregando nas pedras cobertas de neve. Carros e armamentos, armaduras, alimentos e prisioneiras vão deslizando, e são lançados no rio encachoeirado. Tudo é arrastado pelo rio em poucos minutos. A violência das águas, batendo loucas contra as pedras pontiagudas do leito e das margens, leva de roldão toda a caravana. A máquina de guerra se destrói. Braços e pernas tentam se segurar nas pontas das pedras salientes. Cavalos e homens são fragmentados rapidamente. Só restou, na margem, enroscado na ponta de uma pedra, um pedaço do capote de Iccius. A senhora morte, com seu alfanje misterioso, colhia mais de duzentos seres humanos, cavalos e bois.

Do outro lado da vida, continuava uma batalha diferente, semeada de ódio e urros. Os corpos destroçados libertavam espíritos odientos e enlouquecidos, endividados perante a suprema lei. No rio gelado, fecham-se as cortinas e apagam-se as luzes do palco da história de muitas vidas. Silêncio, silêncio...

4 - A AGONIA - O UMBRAL

Restou o rio, apenas o rio, a água borbulhante e violenta, e as pedras, somente as pedras. Do outro lado da vida, assustados, sem entender o que lhes acontecera, soldados iberos acordavam do terrível pesadelo da morte acoçados pelos espíritos inimigos, cujos corpos haviam sido destroçados pelo batalhão dos Leões. Novas batalhas, das mais cruentas, se travaram nas baixezas odientas do mundo espiritual. Nos portais do sofrimento e da loucura, abria-se um mundo, rotulado pela palavra latina '*umbra*' - sombra - região de trevas, choro, horrores, sofrimento e ódio - o Umbral.

Agora, os Leões chegavam em total desvantagem, atacados pelos espíritos inimigos, cujos corpos eles haviam desrespeitado, trucidado e queimado. Chibatadas barulhentas explodiam de chicotes com esferas cheias de pontas, que penetravam nas vítimas, arrancando-lhes pedaços. Gemidos, gritos, imprecações e horrores se espalhavam dos vingadores. O sadismo destes cria cenas dantescas, que a mais perversa mente humana dificilmente conseguiria imaginar. Os espíritos recém-chegados ao mundo espiritual tentavam se defender e não conseguiam, pois suas energias eram violentamente sugadas por vampiros humanos, que se alegravam ao ver o sofrimento deles. A dor era imensa; o desespero, gigantesco; o ódio era um mar de lama e sangue, tentando afogar os algozes que chegavam.

Dezenas de anos se passavam e aquelas cenas se repetiam. Iccius, o comandante ibero, cansado de sofrer, um dia refugiou-se num local pantanoso, de lamas negras, atrás de uma rocha fétida, chorando lágrimas de sangue, com o peito aberto, dilacerado pela ponta de uma pedra da cachoeira onde morrera. Ele podia ver o próprio coração pulsando. Desesperado, orava:

- Oh, deuses, por compaixão, orientem-me. Estou morto? Mas como, se vejo, ouço, sinto o meu coração batendo, caminho, tenho dores? Como estou morto? Se estou vivo, como posso estar vivo, se os meus membros foram arrancados na violência das águas, se o meu pescoço pende para frente, para trás, sem suporte?

Chorando, vendo as cenas de horror à sua volta, o comandante dos iberos ajoelhou-se, escondido, pois era caçado impiedosamente pela malta cruel. Começou a suplicar. Conforme falava, uma luz lhe saía da região do cérebro e parecia subir aos céus. No anoitecer que se avizinhava daquele local, sempre escuro e tétrico, ele viu surgir, nos portais que se abriam, uma figura luminosa, límpida e serena, que descia àquele mundo fétido, de ar pegajoso e frio. O ser chegou-se a ele, colocando-lhe carinhosamente a mão sobre a cabeça. Iccius asserenou-se, olhou para o alto e percebeu que seus membros desconjuntados tomavam posição normal, o tórax fechou-se, o sangramento do peito cessou. Notou que retomava a mesma forma e aparência de antes da morte. Começou a dialogar em pensamento com o anjo que o protegia e perguntou-lhe:

- Em que ano estamos?

- Estamos no início de uma Nova Era, há sessenta anos da data em que César invadiu as Gálias, meu irmão.

Iccius, desesperado, começou a soluçar:

- Meu Deus! Faz, então, cinqüenta e oito anos que estamos nesta batalha encarniçada, neste lugar horroroso!

Em pensamento, o diálogo continuou. Iccius chamava de Mestre o protetor angelical, que retrucou:

- Mestre, para nós, é aquela luz em forma de criança que nasceu na Palestina, numa manjedoura. Mestre é o Messias, cujo nascimento confirma as Escrituras. Todas as legiões romanas estão aquarteladas. A paz reina na Terra desde três anos antes do Sublime Nascimento. Sua divina presença espiritual tomou a amplitude de um trovão poderoso ordenando: "Parem, soldados germanos, iberos, celtas e gauleses. A força de meu amor os obriga a parar"... e a paz desceu sobre a Terra.

Iccius chorava, enquanto o espírito falava. Parecia que aquele pedaço de Umbral ligava-se a luzes que invadiam todo o planeta, vindas da manjedoura do Oriente. Iccius se emocionava, tocado por aquele sentimento que poucos homens, principalmente os guerreiros das Gálias, eram capazes de sentir - o amor.

Tocados, também, pela luz que atingia aquele local, os comandantes das tropas pararam, meditando sobre seus atos passados. Sons divinos ecoavam, como se os mensageiros, que enchem as paragens celestiais, tocassem melodias pelas escadas do infinito. De repente, ouve-se a voz do Amor Maternal. Um silêncio suave domina a paisagem do imenso campo de batalha, onde a dor, o ódio e o desespero rugiam de ambos os lados. O Amor se faz presente: silêncio, silêncio, silêncio...

Surge, anunciado pelo primeiro mensageiro, um ser brilhante, linda mulher jovem, cabeleira longa, iluminada, rosto enfeitado por olhos azuis, pele rosada, mãos que se abriam abençoando os sofredores em luta, enquanto dos dedos lhe saíam focos de luzes clareando a escuridão. Ela começou a falar. Sua voz parecia espalhar o sol naquele lugar de sofrimento. Era o canto de um rouxinol entoando canção de amor que, por um milagre de Deus, penetrava todas as cavernas, ia ao fundo das rochas negras, despenhadeiros e va-

les. Conforme a luz clareava, apareciam das sombras escuras os homens, cujo ódio os fazia sofrer. Aquela região recebia a visita de sublime entidade espiritual. A voz meiga, como o canto dos pássaros divinos, expressou-se:

- Vocês, que usaram a dádiva do corpo para destruir seus irmãos, recebem agora a mensagem do perdoar indefinidamente. Soldados fortes, comandantes impiedosos, umedeceram os campos de batalha com o sangue e com as lágrimas dos semelhantes. Chegou a hora do perdão...

Após esse episódio, aqueles espíritos começaram a renascer, a grande maioria na Europa, em corpos aleijados, com marcas da terrível doença na pele, conseqüência das profundas queimaduras que causaram nos corpos das suas vítimas. Por isso, a lepra, vinda das sombras da alma, se espalhou no antigo batalhão dos Leões renascido.

Sob a proteção da mesma sublime entidade, a visitá-los durante muitos anos, estivessem nas Gálias, no norte da Itália, ou nos vales dos imundos, na Palestina, o influxo do seu amor animava-os a vencerem as próprias provações.

Algumas mulheres, antigas prisioneiras, imitando a maldade dos homens nos campos de batalha, também contraíram pesadas dívidas perante a Lei. Elas, que ajudaram a queimar os inimigos, também renasciam com a terrível doença na pele, abandonadas junto aos comparsas da dor nos vales do sofrimento.

A justiça de Deus espalhou-os por locais onde compromissos ainda não resgatados exigiam-lhes a presença. A justiça é o outro nome do amor que canta em cada ponto do universo. Depois de queimar homens e mulheres, reaprenderiam com a lepra, nas regiões da Itália, da Bélgica e da França, a justiça de Deus.

Na Gália Cispadana, nas vizinhanças do rio Pó, grupos de leprosos eram repelidos pelo chicote quando tentavam beber de suas águas. Do grupo de dezoito que perambulavam juntos por aquela região, muitos morreram de sede. Eram os chefes do batalhão dos Leões.

Quase um século antes, no celeiro incendiado onde foram trançadas sob os escombros, as vítimas do batalhão morreram à míngua, gemendo de fome e sede. As bocas e as gargantas ressecadas

sangravam, tentando gritar por socorro, e ali pereceram na tortura cruel. Para que alcançassem a consciência dos erros cometidos e o posterior perdão aos próprios desacertos, a justiça divina encontrou os artífices daquele sofrimento, quase um século depois, com as bocas sangrando, as gargantas cheias de úlceras, vendo as águas do rio Pó, onde eram impedidos, pelos chicotes do preconceito, de beber daquelas águas e ali morriam sem compaixão.

A sabedoria divina, que é a bondade somada à justiça, ensinava-lhes, na melodia do estalar do chicote, as lições para a eternidade. Aprenderiam o valor da compaixão para enfeitar-lhes a alma em aperfeiçoamento.

Para bem entendermos os mecanismos da justiça, voltemos à Gália, cinqüenta anos antes de Cristo.

Naquela região, graças à disciplina imposta pelos romanos, principalmente por Júlio César, vilarejos, vilas e cidades começaram a ser fundados. Batizadas pelos romanos com nomes latinos, nasciam cidades que seriam verdadeiras jóias da civilização humana: Lião, Bordéus, Toulouse e Paris.

Outros membros do grupo devedor renasceram junto à estrada militar, ligando o sul ao norte da Gália. A estrada se destinava a impedir que os helvécios tomassem territórios controlados por Roma. Todas as Gálias: Cisalpina, Transalpina, Transpadana e Cispadana, assim como os celtas, germânicos, helvécios e os bretões, do outro lado do canal da Mancha, eram um vulcão de convulsões raciais e militares.

Júlio César, que dominou aquele povo rebelde, foi o Napoleão Bonaparte do período clássico. Napoleão, também como César, teve a missão de unir vários países da Europa moderna e falhou. Os romanos, com violência, com suas seis legiões aquarteladas na Gália, impuseram a dura disciplina. Os gauleses, extremamente numerosos, eram muito respeitados pelos soldados de Roma, por causa de sua valentia e fibra na luta. As forças romanas vestiram fardas e armaduras em dezenas de estrangeiros mercenários, que os estrategistas da capital do Império manipulavam com muita astúcia, estimulando-lhes o orgulho, a valentia e o suposto patriotismo.

Os guerreiros gauleses eram lutadores ferozes. Passados alguns séculos, a história vai encontrá-los, como vítimas dos preconceitos, nos vales dos imundos. As mesmas legiões romanas, pelas quais aqueles soldados gauleses, iberos e celtas lutaram, trouxeram das terras do Oriente, durante as suas conquistas, os bacilos da lepra, que agora os vitimavam.

A Lei, soberanamente justa e bondosa, reeducava os soldados, utilizando-se dos seus erros e ódios nas batalhas para domá-los. Aqueles antigos gigantes dos campos de batalha achavam-se agora com as forças minadas diante dos invencíveis micróbios da lepra. "É necessário que o escândalo venha, mas ai daquele por quem o escândalo vier", ensinava o Mestre da manjedoura, durante os anos 29 a 33 da Era do Amor.

A sabedoria divina não se esquece dos detalhes das dívidas, principalmente aquelas originadas da falta de compaixão. Ficou marcado, na consciência de cada soldado, de cada mulher, de cada comandante, o compromisso em resgatar os próprios erros. A providencia divina é tão profunda e amorosa que nos permite resgatar a paz da consciência violentada pelo erro através de duas moedas: o trabalho em nome do amor ou o sofrimento depurador.

A severidade da justiça reeducou o batalhão dos Leões e alguns dos seus prisioneiros, durante mais de dois mil anos. Pela gravidade dos seus erros, foram obrigados a várias reencarnações de sofrimento. Mortos na correnteza do rio, perambularam pelas regiões do Umbral e renasceram, sofrendo horrores, com a pele tostada nas provações da lepra. Um dependia do outro para a conquista do progresso espiritual. Mas poucos escolheram a redenção pelo trabalho aos sofrendores. A maioria ainda orgulhosa preferiu enclausurar-se na própria teimosia e ir pagando as dívidas com a dor.

Iccius, o comandante, e Acauno, o subcomandante das forças gaulesas, pelos laços de afeto que os prendiam, depois do curso de sofrimento na escola da lepra na Europa, juntos, foram renascer no ano de 204 da era cristã, numa aldeia de leprosos na África Negra. Levaram alguns séculos para se livrar dos pesadelos noturnos, lembranças de mais de cinqüenta anos no Umbral. Quando adormeciam, viam homens brancos com a pele negra, queimados

por eles ou pelos seus comandados. "É necessário que venha o escândalo, mas ai daquele por quem o escândalo vier..."

Iccius, o comandante, não torturava diretamente os prisioneiros, mas seus soldados usavam da crueldade, sem punição. Quem comanda tem a responsabilidade sobre seus ombros, e quem imita Pilatos, lavando as mãos, sofrerá todas as punições que a sua fraqueza originou. O comandante tem que resolver os problemas necessários para dominar e disciplinar os comandados, como um pai amoroso faz com a família. Os líderes não têm o perdão da justiça se não desempenharem bem as suas funções de chefe, por isso ambos sofreram torturas com a pele queimada pela lepra.

Na África, auxiliavam os nativos na confecção de armas de caça e na construção de arados de madeira, que multiplicavam as colheitas. O trabalho lentamente lhes foi creditando conquistas, através da Misericórdia Divina. Outros, do grupo dos Leões, escrevem com a própria vida algumas histórias de amor, trabalhando no caminho dos séculos. Vão descontando, da folha dos graves delitos, os créditos que adquiriam nos sacrifícios do amor.

Portadores de lepra, durante seis períodos reencarnatórios, o sofrimento pouco lhes modificava nos valores arraigados no período dos Leões. Muito ainda lhes restava fazer, diante da coletividade que lesaram. Quantas crianças tiveram seu futuro prejudicado, truncando-lhes a evolução do espírito. Filhos ficaram sem a orientação da mãe, alterando profundamente seus planos de burilamento espiritual baseado na presença materna, no lar. O homem leva consigo, e dentro de si, a história da própria evolução espiritual.

Outros do batalhão foram renascer em terras distantes da Europa, mas atrelados aos compromissos com os espíritos que foram suas vítimas nas Gálias. A sabedoria divina, às vezes, obriga o devedor a seguir o credor, para ajudá-lo na ascensão. Dentro de cada espírito está gravado, por processos da mente, o caminho que o devedor deve trilhar para se superar. Conforme vai se aperfeiçoando no caminho infinito, mudam na sua intimidade as características da alma, refletindo as lições recebidas. Muitos homens rebeldes chamam essas lições de sofrimento; os mais sábios chamam-nas de experiências eternas.

Para que um grupo devedor possa resgatar seus delitos, muitas vezes o grupo se separa, como estudantes que vão aprender em escolas distantes e mais tarde retornam juntos à mesma sala de aula, a fim de serem examinados pelos mestres nas duras provas planetárias, de acordo com os erros que cometeram.

5 - REENCONTROS

Assim, no ano de 1492, alguns do grupo dos Leões, mais de quinze deles, necessitando aprender ou sofrer para valorizar a civilização que desprezaram na Europa, se encontravam nas caravelas Santa Maria, Pinta e Nina, comandadas pelo missionário do futuro, Cristóvão Colombo. Desembarcaram em Cuba e, ali, alguns foram deixados quando a esquadra retornou à Europa.

Os sofrimentos, novas idas e vindas à Terra e ao mundo espiritual, vão levar muitos dos culpados a alguns países que começavam a se delinear como nações na América do Sul, países de língua espanhola. A sabedoria divina facilitava o aprendizado da língua espanhola aos devedores iberos e gauleses, que tinham no subconsciente espiritual lembranças de línguas que se desenvolveram posteriormente ao período das Gálias. Alguns deles começaram a progredir intelectualmente e, a partir do ano de 1871, mais de dezenove séculos depois daquelas batalhas sangrentas, voltaram ao palco da vida num país culto, mas ainda violento, chamado Argentina.

Afinidades espirituais e semelhanças culturais atraem os membros formadores de uma coletividade. Muitos deles cresceram em cultura, mas se esqueceram da compaixão e do amor, desenvolvendo apenas uma das asas que elevam o homem às alturas espirituais. No conhecimento, caminhavam bem; no amor, deixavam passar as oportunidades de aperfeiçoamento, esquecidos de que, de posse de apenas uma asa, não se pode alçar o vôo da elevação espiritual.

Iccius e Acauno dedicaram-se à vida militar. O primeiro na Argentina e o antigo companheiro no Uruguai. Outros do grupo eram professores, agricultores, tipógrafos, engenheiros, aproveitando mais da vida do que oferecendo a ela seus esforços espirituais, na aquisição de créditos diante da contabilidade divina. Nada que os destacasse, naquelas decisões em que o homem faz a mudança do seu estado

evolutivo para tomar de assalto um plano espiritual mais elevado. Os anos foram passando e, apesar dos sofrimentos redentores, parte da dívida do passado continuou guardada nos cofres da consciência. Não é apenas o sofrimento que anula o débito, é principalmente o amor que reconstrói o que foi destruído. Cabe ao que destruiu refazer o caminho para seguir com a consciência em paz. Viver por viver, os animais também vivem. Ao homem é exigido um pouco mais: que ele viva na plenitude da própria consciência para planar no vôo ascensional, além e acima das imperfeições espirituais limitantes. Quanto mais sofrer um espírito, mais a sabedoria divina lhe exigirá que aplique o conhecimento recebido para auxiliar a outros sofredores. O viver por viver, comer e beber, deixando a vida passar, faz-nos acumular débitos diversificados, que se acrescentam de juros dolorosos diante da contabilidade divina.

Corria o ano de 1931. Iccius - agora Mário - encontrou um grupo de turistas brasileiros em Buenos Aires e afeiçoou-se a uma jovem brasileira, com traços de espanhola garbosa e atraente. Junto com o grupo, guiado por ela, dirigiram-se a Montevidéu. Os brasileiros e o argentino ficaram maravilhados com a pequena capital uruguaia, numa época em que a exportação de carne trazia divisas para aquele país. O acaso, que não existe, fez o grupo de jovens passear em aprazível local que começava a tomar forma, na capital uruguaia, o *Parque de la Carretera*.

Como se os esperasse, sentado em um banco, Acauno viu o grupo aproximar-se, pedindo-lhe informações sobre pontos turísticos da capital. Ao responder, começou a gaguejar. Uma morena, Marta Albuquerque, sorriu e zombou, dizendo que o estudante uruguaio não sabia mais falar espanhol. As gargalhadas amenizaram a tensão do encontro. Ao dirigir-lhe a palavra, Acauno parecia conhecê-la. A mente, com rapidez, vagou num passado muito distante, penetrando-lhe o subconsciente, reavivando cenas rápidas de sonhos constantes que tinha com batalhas nos campos da Europa. No embaraço para explicar-lhes as direções, intempestivamente, levantou e ofereceu-se para acompanhá-los.

Começam as brincadeiras dos jovens. Marta Albuquerque afeiçoa-se a Acauno, agora vestido com a identidade de Domingo Gonzales, jovem de Montevidéu. Os passeios os aproximam; o fim-

de-semana juntos estreita as relações. As brasileiras voltam ao Brasil; o moço uruguaio e o argentino tornam-se grandes amigos, comunicam-se e visitam-se constantemente.

No Brasil, a vida conduzia as jovens pelos seus caminhos, enquanto cartas, telegramas, telefonemas, tão difíceis à época, os aproximavam. Um dia, Iccius e Acauno, ou Mário e Domingo, resolveram pagar a visita que lhes fizeram as brasileiras e viajaram ao Brasil. Uma série de acontecimentos ia empurrando os quatro jovens na direção de relacionamentos firmes.

A sabedoria infinita, em nome do amor, ia montando o palco da vida com aqueles jovens, que se reencontraram aparentemente por acaso. Os dias foram passando e direcionando os destinos dos personagens para aprenderem a respeito da vida. As várias idas e vindas acabaram levando os quatro jovens ao altar da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de São Paulo.

Tendo as esposas nascido no Brasil, as leis do país permitiam que o argentino e o uruguaio se tornassem cidadãos brasileiros. Ambos decidiram continuar na carreira militar. Mas, por serem estrangeiros, não conseguiam promoções no Exército. Chegaram ambos, depois de muito trabalho, ao posto de cabo. A justiça estava dando lições de humildade aos que, mais de vinte séculos atrás, comandavam sem conter a avalanche de violência dentro da própria alma: saqueavam, queimavam, violentavam e raptavam mulheres-mães, lançando-as no desespero. Os excessos do passado resultavam-lhes agora numa vida de militares modestos, sobrevivendo com pequeno soldo.

Passado o sonho romântico, que leva muitos jovens ao matrimônio, o descontentamento começou a minar a felicidade dos casais. Ao mesmo tempo, às esposas retornavam as lembranças do ódio aos maridos que estavam depositadas no subconsciente, desde épocas muito recuadas. Os personagens eram os mesmos, apesar dos corpos diferentes. Eram as mesmas mulheres, arrancadas dos filhos nas cidades invadidas. Eram os mesmos soldados que comandavam as tropas cruéis do batalhão dos Leões, na Gália. A dívida caminha com o devedor por séculos, ensina a Sabedoria, e determina que os afetos se sublimem, enquanto a esponja do

perdão, de um lado, e a reconciliação com a própria consciência, de outro, reorganizam os sentimentos.

Dentro de ambos os lares o descontentamento começava a criar atritos por causas sem importância, nas ocorrências diárias. As duas amigas, Marli e Marta, saíam juntas para tudo: compras, cinemas, consultas. Um dia, andando por uma das ruas do bairro, Marli sentia-se irritada, odienta mesmo. A amiga-irmã, carinhosamente apoiada no seu braço, percebeu-lhe o estado de alma, quando a esposa de Mário disparou a chicotada:

- Marta, escondi de você, mas estou grávida.

A amiga pressentiu que sombras começavam a enegrecer as telas sutis do destino. Os dias passavam monótonos. Marli relatava à companheira que aumentava a aversão ao marido, conforme progredia a gravidez, chegando ao ódio. Marta também engravidara, com diferença de seis meses da amiga. O ódio na casa de Domingo também começava a fazer seu ninho.

Certa manhã, enquanto faziam compras numa feira livre do bairro, um jovem atlético e elegante sorriu abertamente para Marli. A futura mãe corou, olhou para Marta e a emoção dominou-lhe. Sem perceber, disse alto à amiga:

- É ele!

- E ele, quem? - retrucou Marta.

Conforme o moço as ultrapassava, virou-se e, atrevidamente, beijou o rosto de Marli. Ambas pararam e Marta sentiu o mundo desabar. Começou a entender por que, alguns meses atrás, quando os maridos haviam viajado para instruções de guerra, numa região fria e montanhosa do interior de São Paulo, estranhamente, Marli saía sem a sua companhia. Muito emocionada, Marli não conseguia enganar a companheira. Começou a transpirar intensamente e apoiou-se no ombro da amiga. Um feirante que as conhecia ajudou-a a se sentar e deu-lhe um copo de água açucarada. O moço encostou-se à cadeira, gaguejando:

- Está grande, hein! As horas boas voam. Já faz quase sete meses...

Marta suspirou fundo:

- Já entendi...

Marli melhorou, o moço se afastou e as amigas seguiram para casa, levando as sacolas de frutas e legumes. Marli convidou Marta a entrar. Sentaram-se, saboreando um cafezinho. O filho que ela carregava no ventre não era de Mário; Marta, também grávida, empalideceu e momentaneamente recostou a cabeça na cadeira alta, de madeira velha.

Marli, muito pálida, percebeu que alguém lhe falava aos ouvidos:

- Dentro do lar, quando a semente do descontentamento começa a germinar, os frutos do ódio se evidenciam. Os inimigos se reencontram para acerto dos débitos. O ódio que sentem é reflexo da loucura que praticaram nos campos de guerra, há vinte séculos. Os pais que desprezaram a maternidade alheia recebem o desprezo dos filhos.

Marli voltou ao estado normal de consciência. Sacudiu a cabeça, endireitou-se na cadeira, sem entender o que se passava:

- Meu Deus, cada pensamento! Devem ser coisas da gravidez.

A esposa de Domingo despediu-se após o lanche. Quando ia subindo a escada de sua casa, Marli escutou novamente a mesma voz, como se falasse da intimidade do próprio cérebro:

- Vou cortar a cabeça do louco que há séculos me destruiu; ele vai me pagar...

Com muita tontura, andou até o quarto e sentou-se na cama:

- Meu Deus, a gravidez faz tanta coisa diferente no pensamento, parece loucura. Quem é este soldado de armadura que me apareceu na cabeça? Isso é tudo fruto do cansaço...

No outro lado da vida - na verdadeira vida - a sabedoria reuniu vítimas e algozes diante da justiça de Deus. Após o nascimento do bebê de Marli, aquele ano passou rápido.

A aversão ao marido aumentou muito. Mário, também, mal suportava pegar sua criança no colo; às vezes, tinha ímpetos de jogá-la contra a parede. Ele sempre se lembrava: "Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais...", música popular que, na época, era um hino de amor. No entanto, em seu lar, "um era pouco, dois não era bom e três era muito pior".

Ah! O amor é bom! Quando corações que se amam juntam-se sob o mesmo teto, a alegria se aninha sob o telhado. Um filho é a bênção desse amor. Não importam os problemas, a esperança e a ale-

gria transformam o mais modesto lar em um palácio. O paraíso na Terra é na casinha humilde, cheia de amor, enfeitada por dalias e rosas coloridas, espalhando perfume pela vizinhança.

6-O PASSADO E A GUERRA

Corria o ano de 1944, nos dias em que a mais terrível das guerras ensangüentava os campos de toda Europa. A Segunda Guerra Mundial, como lobo feroz, rugia devoradora, destruindo famílias, cidades e países, ameaçando o futuro da humanidade. O Brasil, então, era dirigido pelo pulso firme de Getúlio Dornelles Vargas, um grande estadista. O presidente, cujo coração era impregnado por profundo amor pela pátria brasileira, pressionado pelos donos do poder e por manifestações populares incitadas pela mídia facciosa, quase chorando, viu-se obrigado a assinar a declaração de guerra aos países do Eixo, em 1942. A Argentina, pátria de Mário, inteligentemente, permaneceu neutra, durante todo o conflito. Vendia produtos agrícolas e matérias-primas, tanto para as forças aliadas, quanto para os países do Eixo: Alemanha, Itália e Japão.

Getúlio Vargas percebeu o erro da sua decisão logo nos primeiros combates brasileiros na Itália. A primeira vítima foi seu filho. Após receber a notícia, o presidente, que defendia com todas as forças nossas riquezas, abaixou a cabeça, emocionado, e, valente, começou a orar diante dos móveis antigos e escuros do seu quarto no palácio do Catete. Pediu a Deus que protegesse nossos soldados, nos campos de batalha da velha Europa. Rezava, pensando na dor que, como ele, os pais sentiriam ao perder seus filhos em plena mocidade, na guerra causada pela loucura dos líderes mundiais.

As notícias do conflito que se espalhava por todo o planeta assustavam os jovens, principalmente os da carreira militar. Um dia, Mário chega a sua casa com a convocação para a guerra. Logo depois, Domingo, esbaforido, chega à casa do amigo com o mesmo impresso do Ministério da Guerra, convocando-o em regime de urgência, ante o feriado prolongado de 7 de setembro. As mulheres se esforçaram para não demonstrar felicidade: estariam livres por algum tempo. Poucos dias depois, junto com as crianças, foram à

estação da Luz para as despedidas dos pracinhas brasileiros, que viajariam, primeiro, até o porto de Santos.

Os dois soldados, promovidos a cabo, mudaram de feição. O trem chegou bufando na *gare*, sob a abóbada de ferro artisticamente trabalhada, soltando fumaça negra que atingiu o teto de aço feito na Inglaterra. Mário olhou para cima e admirou aquele trabalho perfeito. Muitos vagões estavam engatados na máquina possante e logo se encheram de jovens vestidos de verde, com um emblema amarelo, nos ombros: uma cobra fumando cachimbo. Mário e Domingo alongaram seus olhares entre as mãos que acenavam adeuses. Conseguiram ver as esposas com os filhos no colo, e seguiram...

O trem atravessou a serra e chegou ao porto. O navio, feito cavalo nervoso, pintava o céu com uma esteira de fumaça negra. E, na manhã fria, foi engolindo batalhões e mais batalhões de soldados com o bernal verde às costas, o fuzil, a baioneta, o cantil na cintura e, sempre, a figura romântica da cobra verde e amarela com o cachimbo na boca. Horas depois, um apito melancólico, transmitindo profunda tristeza, fez a hélice acelerar, criando ondas fortes que bateram contra as paredes do cais. A máquina de navegar dirigiu a proa para a saída da barra do porto de Santos e rumou para o Rio de Janeiro

No cais e nas praias, nos canais e jardins próximos, por onde passava a nau, acenos de adeuses e bandeiras desfraldadas pintavam a melancolia do povo. Mário parou, olhou tudo aquilo e, silenciosamente, virou-se para o companheiro. Domingo colocou a mão no ombro do amigo e, no silêncio, percebeu que aquela cena tinha um perfume de adeus que lhes tocava o coração.

As esposas ficaram na cidade de São Paulo com os filhos, enquanto os maridos seguiam para a guerra. Havia no ar um misto de ansiedade, de esperança e de patriotismo pulsando no coração dos moços brasileiros. Naqueles dias tumultuosos, suas vidas estavam profundamente influenciadas pelo ódio de líderes mundiais, desequilibrados nas suas ambições de poder. De ambos os lados do conflito, os interesses de dominação esqueciam a dignidade humana. Nas reuniões, secretas ou abertas, entre dirigentes de várias nações, tentava-se esconder os comportamentos mais sórdidos da alma humana.

Mário entrou no navio levado pela responsabilidade de ser cidadão brasileiro. Dentro do peito, porém, o orgulho por ser pai de um brasileirinho empurrava-o para as trincheiras européias. Doces ilusões, onde a alma tenta planar além e acima das próprias imperfeições e se quebra em pleno vôo. As asas do idealismo às vezes se esfacelam nas montanhas do engano e da falsidade. As cobranças dos crimes de guerra, na Gália Cisalpina, voltavam agora através do alçóez espiritual camuflado na figura do filho. A plantação de dor e destruição que Domingo fez nos campos da Gália era parecida com a de Mário. A Lei mandava que ambos colhessem frutos semelhantes de dor, pobreza e ódio.

Para eles, a guerra começou quando puseram os pés na escada que os levava ao tombadilho do navio. Um silêncio profundo se fez quando a Banda dos Fuzileiros Navais, aquartelada no porto de Santos, iniciou a execução do Hino Nacional Brasileiro. Os sorrisos e as brincadeiras durante a viagem de trem, atravessando a serra do Mar, foram substituídos por profunda preocupação. A belonave deixou o porto de Santos em direção ao Rio de Janeiro. Em seguida, o maestro da Banda dos Fuzileiros regeu seus músicos, executando um lindo hino, cheio de romantismo:

Qual cisne branco que em noite de lua
Vai deslizando, num lago azul,
O meu navio também flutua
Nos verdes mares, de norte a sul.

Linda galera que, em noite apagada,
Vai navegando, num mar imenso,
Nos traz saudades da terra amada,
Da pátria minha em que tanto penso.

Qual linda garça que aí vai cortando os ares
Vai navegando sob um belo céu de anil.
Minha galera também vai cruzando os mares,
Os verdes mares, os mares verdes do Brasil.

Quanta alegria nos traz a volta

A nossa pátria do coração.
Dada por finda a nossa rota
Temos cumprido nossa missão.

A embarcação já navegava bem distante de Santos, tão paulista e tão patriota, onde nasceu a família ilustre dos Andradas, que inspiraram a grandeza do império do Brasil.

Algum tempo depois, enquanto o navio balançava sobre as ondas, o maestro orientou a banda para outro hino notável, que só a sensibilidade de um brasileiro - Guilherme de Almeida - poderia produzir. As notas, vibrando no ar, carregavam palavras de amor:

Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais.
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Dos pampas, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal...

... e continuava a súplica do coração brasileiro que não aceita violência.

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse 'V' que simboliza
A vitória que virá.
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A razão do meu bernal,

A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra,
E do luar do meu sertão,
Venho da minha Maria,
Cujo nome principia
Na palma da minha mão.
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos para mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse 'V' que simboliza
A vitória que virá.
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Você sabe de onde eu venho?
É de uma pátria que eu tenho
No bojo do meu violão
Que, de viver em meu peito,
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreiro,

Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá,
Minha casa pequenina,
Lá no alto da colina
Onde canta o sabiá.

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse 'V' que simboliza
A vitória que virá.
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A razão do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Venho do além desse monte
Que ainda azula o horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal da cruz !

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse 'V' que simboliza

A vitória que virá.
Nossa vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bernal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

Aquelas notas românticas ecoavam nas ondas do mar, levando a mensagem da expedição brasileira.

Chegaram ao Rio de Janeiro. No cais, os esperavam navios estadunidenses de grande capacidade de defesa para levarem os homens e os equipamentos pesados até a Europa. Quando o navio partiu, Mário e Domingo, apesar de estrangeiros, sentiam o quanto amavam o país que deixavam para trás. Mas a sensação de insegurança, como se bombas potentes estivessem sob o navio, causava-lhes medo. Navegar, naquelas épocas, tornara-se empreitada muito arriscada. A tensão aumentava dentro da embarcação, quanto mais se aproximavam das costas do Velho Continente. Pelo estreito de Gibraltar, adentraram o mar Mediterrâneo, como imenso lago a banhar as costas da África e de muitos países da Europa. No Mediterrâneo, como se fora a escultura de uma gigantesca bota, estava a velha Itália, antigo palco de lutas das legiões romanas, do Império dominador, e dos guerreiros iberos, celtas, gauleses e helvécios.

Conforme se aproximavam do porto de Nápoles, Domingo e Mário percebiam dominar-lhes a sensação do 'já visto', que não sabiam direito de onde vinha. Eram recordações que nasciam das profundezas do ser, no subconsciente espiritual, onde ficam gravadas, eternamente, as lembranças dos nossos erros passados, quando nos desviamos dos caminhos do amor. Aquela região italiana fazia parte da antiga Gália, onde aqueles espíritos, que ali haviam semeado dor e desespero, voltavam para colher desespero e dor. Fecharam-se as cortinas do palco da guerra na Gália, mas restaram, guardadas no coração, lições que lhes serviriam de farol para as vidas futuras.

Quanto mais próximos às terras da Itália, mais a insegurança aumentava. Perto do porto de Nápoles, uma esquadrilha de aviões da Luftwaffe, a força aérea alemã, passa voando baixo, em direção ao norte. O símbolo do nazismo sob as asas e nas laterais das máquinas voadoras, feitas para matar e destruir, dá uma profunda sensação de medo aos poucos soldados que estavam trabalhando no tombadilho do navio. Mário e Domingo sentem exatamente a mesma comoção dos habitantes das vilas e cidades da Gália, quando percebiam, no horizonte, o estandarte verde, vermelho e preto, com a figura de um leão, de aspecto feroz.

Subitamente, os dois amigos experimentam um sentimento estranho que parece envolver-lhes as entranhas do subconsciente. Como uma faísca mental, surgem-lhes cenas rápidas de combates nos campos da Gália Cisalpina, sob o comando das forças romanas. Coincidentemente, estavam, agora, sob o comando dos romanos modernos, muito parecidos com os de Roma, o Quinto Exército Estadunidense. Ficaram petrificados, esperando que a esquadrilha alemã voltasse, fazendo um arco nos céus para atacá-los. Mas os aviões seguiram, deixando no horizonte pequenos pontos, que foram desaparecendo, como se tragados pelas nuvens daquela manhã de setembro.

A saudade do Brasil, apesar do pouco tempo de ausência, doía-lhes no peito, machucando o coração. Palavras do hino vieram-lhes à mente, como se sopradas pelo vento:

"Você sabe de onde eu venho, venho do morro, do engenho... Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá..."

Passado o susto com as aeronaves alemãs, ainda havia a possibilidade dos ataques de submarinos. Os aviões, visíveis, amedrontavam menos. A tripulação do navio e os soldados brasileiros colocaram os coletes salva-vidas e continuaram rumando em direção a Nápoles. Um silêncio pesado tomou conta da embarcação. Falava-se o mínimo necessário. A tensão crescia. De repente, a fumaça das chaminés aumentou, acionando o apito que avisava da aproximação do porto, já sob o domínio das forças aliadas, juntamente com a cidade. Havia, no cais, dezenas de embarcações - encouraçados, destróieres e, de vez em quando, um

ou outro submarino vindo à tona, na tarefa de proteger o lugar contra novos barcos inimigos.

O general Mascarenhas de Moraes, comandante das forças brasileiras, lá estava, à espera de nossos valentes rapazes. Enquanto a embarcação ancorava, cordas gigantesas eram amarradas a troncos de aço fincados nas muralhas de cimento do cais. Vinte tiros de canhão saudaram a chegada. Assim que as armas silenciaram, a banda a bordo começou a tocar o Hino Nacional Brasileiro. A soldadesca, carregando, nos ombros e nas costas, os embornais, os cantis, os fuzis e todo o equipamento de guerra, tomou o tombadilho. Em seguida, começaram a cantar o Hino à Bandeira:

Salve lindo pendão da esperança!
Salve símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra,
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Contemplando o teu vulto sagrado,
Compreendemos o nosso dever,
E o Brasil, por seus filhos amado,
poderoso e feliz há de ser!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Sobre a imensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre, sagrada bandeira
Pavilhão da justiça e do amor!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Enquanto isso, era hasteada enorme bandeira verde e amarela, tremulando ao vento da Itália. Os soldados sentiam-se emocionados. Logo depois, ouviu-se:

"Você sabe de onde eu venho, venho do morro, do engenho, das selvas, dos cafezais..." E seguia: "Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra..."

De repente, como se surgisse do mar, uma esquadrilha de aviões alemães começou a cuspir fogo das metralhadoras, enquanto bombas levantavam enormes borrifos de água ao redor do navio. A artilharia antiaérea, montada pelos norte-americanos no porto, respondeu rápida. Logo, a primeira nuvem de fumaça, enovelando-se no ar, aponta um avião em parafuso, em chamas, caindo nas águas. Ao tocar a superfície do mar, ele explode, jogando, sobre o tombadilho do navio estadunidense, jorros de água, óleo negro e fumaça. O bombardeio continua e a artilharia cospe fogo para os céus. Outro avião rodopia no ar e também explode. O óleo e o combustível derramados misturam-se na água, provocando um incêndio. Juntos, dois aviões dão um vôo rasante ao navio, lançando bombas. O fogo, dirigido aos céus em explosões ensurdecedoras, derruba outro avião. Mário vê o piloto alemão sendo ejetado da cabine, como um pacote, e o corpo resvalando na superfície da

água, em várias cambalhotas. O pára-quedas não pôde ser utilizado devido à pouca altura. Domingo avista o inimigo, a menos de cem metros do navio, boiando com o pescoço jogado para trás, a cabeça quase desarticulada do peito. O antigo soldado ibérico olha aquela cena dramática e sente um tremor de medo. No meio daquela barulheira infernal, percebe que, do outro lado da batalha, também a juventude alemã estava sendo destruída.

O que restou da esquadrilha bateu em retirada, desaparecendo no horizonte. No porto, fogueiras aqui e ali, queimam, alimentadas pelo óleo diesel dos depósitos perfurados. A fumaça negra e fétida dá um aspecto de destruição. Os moços, que haviam se deitado rapidamente no tombadilho para se protegerem, levantam-se e, ao sinal de vitória, começaram a gritar, festejando. Na fileira da extrema esquerda, na frente, quatro brasileiros não se levantaram. Uma poça de sangue, em cada corpo, marcava, sobre a chapa de aço, o local onde as balas das metralhadoras alemãs haviam perfurado corações brasileiros. Alguns correram para auxiliar os quatro feridos. Os médicos e enfermeiros os examinam e, balançando a cabeça, fazem um sinal negativo - os quatro estavam mortos. O acontecimento abalou o moral da tropa. Mário e Domingo tomam consciência de que o batismo de fogo lhes anunciava muito sacrifício e dor nas trilhas da guerra.

Desembarcados, os moços foram transferidos para a região mais ao norte, sob o comando dos militares estadunidenses. Seguem em direção a monte Castelo, reduto resistente de tropas alemãs muito bem equipadas. Aquartelados, depois são distribuídos pelas trincheiras do campo de batalha.

Muitos soldados brasileiros que embarcaram no Rio de Janeiro vinham do Nordeste. Hábeis rastejadores, pareciam lagartos das caatingas, com os punhais à boca, pequeninos, mas extremamente fortes e valentes, subindo pelo morro, raspando as barrigas nas pedras da montanha, abaixados entre as balas das metralhadoras, que zuniam sobre seus capacetes de aço. Os nordestinos, depois de mais de dez dias de combates ferrenhos, estavam sendo atacados pelos canhões e metralhadoras alemãs assentados firmemente nas rochas da montanha. Um paraibano, Raimundo Nonato Ferreira, consegue passar sob as balas inimigas que martelavam os ouvidos

brasileiros vinte e quatro horas por dia. O soldado, muito ágil, entra na casamata alemã e, com golpe certo, mata o atirador da metralhadora. Toma posse dela. Fica de tocaia por muito tempo, estudando como atacar os alemães. Com a astúcia da onça das selvas brasileiras, aprendeu, rapidamente, como manejar a máquina. Raimundo empurra para o lado o corpo do soldado morto, vira a boca da gigantesca metralhadora contra as linhas inimigas e começa a cuspir balas sobre a artilharia alemã. Enquanto isso, nos flancos da retaguarda, outros brasileiros se arrastavam para atacar, pelas costas, outros metralhadores alemães. Os soldados-atletas germânicos são mortos pela agilidade e astúcia dos soldados do Nordeste brasileiro.

Após mais de dois meses de batalha, a neve e o frio da Itália atacam nossas tropas impiedosamente. Cobertores e mantas plásticas, oferecidos pelo Quinto Exército Estadunidense, protegem os valentes brasileiros. Naquela noite, o silêncio imperava. Os canhões haviam se calado, as metralhadoras, também. A neve diminuiu e a lua, linda, derramava suas bênçãos de prata sobre o campo dos sofrendores humanos. Aproveitando a luz natural, os artilheiros, soldados brasileiros que haviam assaltado as casamatas e dominado algumas metralhadoras e canhões, começaram a cuspir fogo sobre os alemães. Pressionados pela violência do ataque das próprias metralhadoras, que os destroem ao pé do monte, muitos alemães vão se entregando como prisioneiros. Mais quinze dias de batalha selam a vitória brasileira, naquele flanco do monte Castelo. Porém, jogados entre as pedras e as trincheiras, corpos fardados de verde-escuro estão caídos às centenas. Bem próximos, um deitado de bruços e o outro de costas, com o peito salpicado de manchas de sangue, dois corpos atléticos jazem sobre as pedras do monte Castelo - o antigo comandante e o subcomandante do batalhão dos Leões. Estava decretado ali o fim de mais uma etapa nas atribuladas existências de Iccius, ou Mário, e Acauno, ou Domingo.

7- FERIDO NA NEVE

A neve voltou a cair, enquanto os padioleiros da Cruz Vermelha Brasileira recolhiam os corpos. Encontraram Mário sem vida. Domingo gemia, gravemente ferido, com grande hemorragia. O capitão-médico, carioca competente, percebeu que Domingo ainda estava vivo. Jogou-lhe sobre o corpo um cobertor plástico, protegendo-o da neve. Fez alguns curativos e colocou-o na maca, para que dois padioleiros o levassem ao pequeno hospital de campanha, todo de lona, montado no sopé do monte Castelo. Ali, o ferido amargaria vinte e dois dias de febre e dores terríveis, delirando. Descrevia, aos que estavam perto, cenas de batalhas, mas não com metralhadoras e canhões, e sim com cavalos, armaduras, espadas, lanças e chicotes. Narrava, em minúcias, a carnificina durante as lutas. Eram as cenas em que participara nas guerras da Gália antiga. Soldados, enfermeiros prestavam atenção às descrições e até se divertiam com o delírio do doente. Numa manhã, o capitão-médico aproximou-se e percebeu-lhe a febre altíssima. Os músculos tensos, a nuca rígida. Domingo havia contraído tétano, devido aos ferimentos.

Enquanto isso, Mário chegava ao mundo espiritual e, surpreso, via cenas em que ele raptava mulheres e as violentava. Dentre elas, estava Marli. Era um rosto pouco diferente da atual esposa, mas o brilho dos olhos e o trejeito da mulher gaulesa mostravam tratar-se do mesmo espírito.

Domingo, inconsciente, seu espírito semiliberto no mundo espiritual, percebia a seqüência educativa das suas várias existências: desde as Gálias, depois leproso na África, com passagens do mesmo sofrimento redentor, na Europa, até tornar-se soldado pobre do Exército brasileiro, agora ferido no rigoroso inverno italiano, sob uma tenda de plástico. Mário havia partido sem tanto sofrimento. Domingo, porém, agarrava-se ao corpo, que se decompunha numa infecção, agravada pelo tétano. O capitão-médico tentava dar-lhe água, mas a musculatura da face o impedia de abrir a boca. O médico, então, usava uma seringa volumosa para injetar o líquido por entre os dentes do moribundo. Pelo rádio

precário, pediu que lhe enviassem um relaxante muscular. Conseguir, assim, prolongar a vida do valente pracinha. Apesar dos esforços, contudo, a infecção progredia...

Durante a Segunda Guerra, os antibióticos começavam a ser usados no combate às infecções. A penicilina, descoberta pelo missionário da saúde Alexander Fleming, começava a salvar muitos soldados. Pelo rádio, o capitão-médico Macedo ordena que lhe mandem rapidamente a medicação, pois havia muitos casos de infecção. Apesar de medicado, o sofrimento de Domingo se prolonga. A doença vai se alastrando para algumas áreas da perna e a necrose começa a aparecer. Ali mesmo, sob a tenda de lona, é feita a amputação da perna direita, sem qualquer anestesia. Enquanto o médico amputava e ligava os vasos, o espírito relembra as cenas em que sua espada pesada cortava braços e pernas dos inimigos.

"A sementeira é voluntária, mas a colheita é obrigatória", ele ouviu...

No passado, usara machados de guerra e espadas para decepar braços e pernas. No ano de 1944, nos limites da antiga Gália, ele era cortado pelas balas das metralhadoras e pelas tesouras e bisturis. Quase inconsciente, viu o auxiliar do cirurgião carregando sua perna para fora da tenda. Começou a chorar. O coto da coxa doía-lhe profundamente.

O capitão, apesar de ter sido treinado para a guerra, no Hospital Marcílio Dias, no Rio de Janeiro, comoveu-se diante do caso tão triste. A ameaça de gangrena estava temporariamente afastada. No entanto, dois dias após a cirurgia, devido ao traumatismo, quando fugia das metralhadoras, um vaso lesado causa-lhe trombose na artéria radial do braço direito. Surge nova área de gangrena, e o antigo subcomandante perde um dos braços. Nova ameaça de necrose aparece na mão esquerda, que tem de ser amputada.

Surgem novas infecções e novas amputações. O médico dedicado luta para salvar a vida daquele moço, principalmente sabendo-o nascido no Uruguai e defendendo o Brasil. Dentre os membros, restava-lhe apenas a perna esquerda. Ligado ao corpo, mas já mergulhando no mundo espiritual, aquele espírito indomável começa a perceber que a única maneira de progredir é trabalhando

no bem. Cada ato de ódio e agressão que executamos repercute até séculos mais tarde em nossas vidas.

Chegam as tropas auxiliares, alguns brasileiros que haviam ficado aquartelados, estrategicamente. Destroem canhões e outras armas para que os inimigos não se sirvam delas. O capitão decide levar Domingo para a cidade, em hospital de mais recursos, dominado pelos norte-americanos. Ele tinha um coto no lugar da perna direita, um coto no lugar do braço direito e o braço esquerdo cortado rente ao ombro.

Os dias vão passando, cheios de infortúnios para os pracinhas brasileiros. Domingo, naquele corpo sofrido, despede-se da vida. Na verdadeira vida, relembra sua história: decependo, ferindo, amputando com machado de guerra, sem necessidade. Seu corpo, mutilado, enterrado no cemitério de Pistóia, ali ficou, juntamente com os de centenas de outros companheiros, testemunhando o absurdo da guerra, no vale cheio de cruces brancas alinhadas, com nomes em placas verde e amarelas. A lição que brota dali é que a justiça e a bondade divinas dão a cada um segundo suas obras.

E a guerra cruel continuava. O medo diante da morte, nos corações dos pracinhas, cedeu lugar a uma coragem sem fim. O exemplo de Raimundo Nonato Ferreira incentivou-lhes a bravura. Outros soldados, hábeis em manejar as lâminas das peixeiras, agora substituídas por punhais do Quinto Exército Estadunidense, rastejavam durante a noite, por mais de cinco horas, sobre as pedras frias, no inverno da Itália. As lagartixas humanas, como eram conhecidos os esfaqueadores, conquistavam vitórias muito preciosas, o que os tornava dignos de admiração pelos comandantes estadunidenses. Aquele era um dos mais difíceis pontos estratégicos a serem destruídos pelos aliados. Centenas de soldados de vários países, ali, haviam perecido, vítimas dos projéteis das metralhadoras e dos canhões alemães, entrincheirados nas casamatas.

Os heróis rastejavam na noite fria, dormiam sobre as pedras por algum tempo e continuavam deslizando na escuridão. Os inimigos não acreditavam pudesse algum ser humano sobreviver naquelas condições, por isso relaxavam a guarda. Daí os brasileiros tinham a vantagem do ataque de surpresa, na luta corpo-a-corpo.

Os pracinhas entrincheirados sofriam horrores, inclusive fome. Contavam com a ajuda dos aliados estadunidenses, que, nas madrugada, lançavam-lhes alimentos de pára-quadras. No entanto, apenas aqueles que caíam dentro dos abrigos, ou bem próximos, podiam ser aproveitados. Tão intenso era o bombardeio que muitos soldados ficavam vários dias sem sair das trincheiras. Numa delas, um soldado negro, cansado da imobilidade, levantou-se por um minuto, segurando uma carta. Imediatamente, teve a cabeça decepada por uma rajada de metralhadora e caiu, na borda da trincheira, com a carta manchada de sangue na mão.

O inverno facilitava a conservação dos corpos mutilados pelos projéteis e quem visse as encostas do monte Castelo, cobertas de uniformes verdes, principalmente se fosse brasileiro, não conseguiria ficar sem se comover. Enquanto os rastejadores iam silenciando, uma por uma, as metralhadoras alemãs, centenas de corpos de brasileiros iriam encher as bocas famintas das covas do cemitério de Pistóia.

As cenas se repetiam na história que se repete. Dois mil anos antes, na Gália, os romanos guerreavam contra tribos germânicas. No final do ano de 1944, os romanos modernos, os estadunidenses, instigando os antigos gauleses reencarnados, lutavam contra os alemães, descendentes das tribos germânicas. A dor se esparramava, parecendo que a alucinação do matar e do destruir tomava conta de toda a Terra. Das Gálias, de 50 anos antes de Cristo, até a Itália, de 1944, vinte séculos haviam se passado e muito pouco amor ainda havia nos corações...

Do outro lado do Pacífico, as forças da violência, numa manhã de sol de agosto de 1945, lançavam sobre o Japão o primeiro artefato atômico da história humana. Três dias depois, para humilhar o nobre povo japonês, os modernos romanos lançavam outra descarga atômica, matando instantaneamente mais de duzentas mil pessoas.

Em monte Castelo e Pistóia, o grupo de iberos das Gálias resgatava, como espíritos, mais um pouco do saldo das dívidas gigantescas que haviam feito com a própria consciência. A vida marca, nas pegadas do infrator das leis divinas, o caminho necessário a trilhar, através dos séculos, para liberar o espírito da culpa pelos erros que o prendem ao passado. No sofrimento, ele

plana buscando a sublime perfeição, forjando a luz e a própria grandeza espiritual.

Do outro lado da vida, enlouquecidos pela violência, os espíritos que perdiam os corpos se digladiavam ferozmente, sem saber bem o que lhes acontecera. O sentimento era de dor, desespero e ódio. Tais cenas se multiplicavam pelos campos de toda Europa. Em função da sintonia mental de ódio, os recém-chegados ao mundo espiritual eram atraídos para lugares de noite eterna, ar pegajoso e úmido, sons tenebrosos e o ruído de seres horripilantes que habitam as cavernas escuras. Mesmo Dante Alighieri, em seu Inferno, não conseguiu descrever a realidade. O resgate é longo, por isso a dor se prolonga quase indefinidamente na percepção do espírito endividado. Desse modo, o antigo grupo dos Leões seguiu, sofrendo as piores privações.

Passaram por mais de vinte reencarnações, em vários países. Aprendendo a linguagem do amor universal. Cada membro do batalhão foi, paulatinamente, se aproximando do nosso país, muitos deles renascendo no Sul do Brasil, alguns no Sudeste, poucos no Centro-Oeste e no Nordeste. A justiça, como guarda severo, ia buscando, através do tempo, uma por uma, as almas cruéis para reeducá-las. "A dor, com o passar dos anos, faz dos algozes, dos tiranos, anjos puríssimos de luz."

8- SACRIFÍCIO ATÉ A LOUCURA

A notícia da tomada de monte Castelo, invulnerável ninho de metralhadoras alemãs, correu o mundo. No entanto, quem o olhasse do alto, por entre as pedras, arbustos e árvores, coalhado de corpos mutilados de muitas dezenas de brasileiros, não saberia avaliar a dor e o desespero daqueles espíritos. Quando o pracinha mineiro José Nepomuceno Gomes viu abutres e outras aves rondando aquele local de tensões, sofrimentos e resgates, não suportou o choque, desequilibrando-se mentalmente para o restante de sua encarnação. Recolhido a um hospital para neuróticos de guerra, na primeira oportunidade, foi mandado de volta ao Brasil. Na alienação mental, percebia os companheiros mortos, sofrendo, do outro lado

da vida. Descrevia-lhes os gemidos, o choro, o ódio, engalfinhados que se encontravam aos espíritos dos inimigos alemães, continuando em luta.

Um médico brasileiro, jovem psiquiatra, interessado nas questões espirituais, entendia aquelas reações psicopatológicas por ter estudado a obra monumental *A loucura sob novo prisma*, escrita pelo cirurgião do Exército Imperial do Brasil, Adolfo Bezerra de Menezes. Aquele homem, José Nepomuceno Gomes, havia se tornado o alto-falante dos espíritos desequilibrados de soldados mortos na guerra. O jovem psiquiatra anotava tudo que Nepomuceno falava e, qual não foi a sua surpresa, quando, das imprecações, gemidos, gritos e blasfêmias, surgiram longos diálogos em idioma desconhecido.

Os desequilíbrios dos espíritos participantes alinhavavam linda e dolorosa história, em que a lei de causa e efeito se mostrava de maneira clara, no roteiro de batalhas e sofrimentos dos gauleses, muitos, agora, trucidados, com uniformes do Exército do Brasil. A crueldade do pelotão dos Leões, a serviço das legiões romanas, exigiu a cobrança da justiça implacável do amor educativo de Deus.

Certa vez, Nepomuceno, atrás das grades, se tornara violento, sob a influência dos espíritos de soldados inimigos. Observado pelo amoroso psiquiatra, começou a gritar, em alemão: - *Soldaten, Soldaten!* - dirigindo-se aos espíritos dos soldados inimigos na língua germânica. Depois, através dele respondiam soldados brasileiros, como se estivesse o louco se transformando em máquina falante: de um lado, espíritos que falavam em alemão e, de outro, em português. O sermão continuava. De repente, a voz se fez firme, mas cheia de amor, como se fora a de um mestre exigente e muito severo:

- Soldados, está na hora de apagar da consciência quase dois mil anos de sofrimento. Inimigos nas Gálias, tribos da Germânia e gauleses retornam ao palco das guerras, ainda no solo europeu, como os Exércitos do Brasil e da Alemanha. A história se repete, o sofrimento se multiplica.

O louco calou-se, refletindo o silêncio que pairava no campo de batalha, do outro lado da vida. Logo, recomeçou o suposto professor:

- Já basta o sofrimento atroz pelo qual todos passaram. Está na hora do perdão recíproco. Todavia, a lei divina exige que se reconstrua o que se destruiu. Esta reparação se faz com o trabalho do amor inteligente. Muitos de vocês renascerão no Brasil. Acalmem-se. Espíritos inteligentes que aprenderam nas guerras a calcular, a medir, a julgar, a planejar, serão homens cultos e técnicos.

Em seguida, reinou o silêncio...

Um pouco depois, o psiquiatra, estarecido, através de Nepomuceno, ouviu a voz de alguém soluçando:

- Onde está minha mulher? Onde está meu filho recém-nascido, que deixei? Não sei mais meu nome. A metralhadora arrebentou-me o crânio! Não sei se me chamo Mário ou Iccius...

E o louco desatou em pranto convulsivo. Silêncio, silêncio... De repente, no longo corredor do hospício, um grito de dor:

- Eu sou Acauno, onde estou? E minha mulher, meu filho? Nepomuceno começou a chorar, novamente, até que, exausto, caiu nos ladrilhos frios, encolhendo-se todo, como se fosse um pacote de roupas velhas, e adormeceu. O médico foi andando com passos cadenciados, com os saltos batendo forte nos ladrilhos do longo corredor, o som ecoando nas paredes daquela casa de dor e de ensinamentos. Enquanto se encaminhava até a sala dos médicos, o psiquiatra foi pensando, pensando...

Em 7 de maio de 1945, depois da prisão de milhares de soldados alemães por tropas brasileiras, foi assinada a capitulação alemã. Todavia, estava marcada, na consciência de cada um, a responsabilidade pelo que haviam feito durante aquele período dramático. Se juntarmos os responsáveis individuais, os erros e os sofrimentos, teremos as responsabilidades dos povos e das nações diante da justiça divina. Os culpados perante a Lei ainda perambulavam, buscando meios de saldar as dívidas que haviam adquirido nas carnificinas desnecessárias, principalmente às margens do rio Ródano, próximo a Lião, na França, e ao norte da Itália.

Em duas casas pobres, num bairro afastado da cidade de São Paulo, duas jovens mães e seus filhos receberam cartas do Exército brasileiro, cumprimentando-as e agradecendo pelos sacrifícios que

seus maridos fizeram, dando a vida pela pátria. Os antigos gauleses, Mário e Domingo, após a morte, foram considerados heróis de guerra do Brasil. Teriam ambos, juntamente com os quase duzentos companheiros do batalhão, encontrado o equilíbrio perante a própria consciência ultrajada?

9 - VOLTANDO DO MUNDO ESPIRITUAL

A roda da vida gira e gira... Quando as jovens mães receberam o primeiro contra-cheque como viúvas de pracinhas, os filhos já eram garotos. A esposa de Mário sequer se lembrou de fazer uma oração, agradecendo-o pelo sacrifício. Isso seria compreensível, por ter sido ela uma vítima do comandante do batalhão dos Leões, vinte séculos atrás? No entanto, durante a roda da vida, nas encarnações e desencarnações, esqueceu-se de "perdoar as setenta vezes sete vezes", como ensinou o Mestre da Galiléia.

Os dias se passaram. Em casa, eram proibidas quaisquer lembranças dos heróis que, no monte Castelo, entregaram suas vidas pela dignidade humana, ultrajada na guerra fratricida. No curto intervalo de preparo para o reencarne, Mário e Domingo, às vezes, visitavam os antigos lares na periferia da capital paulista, às margens do rio Tietê.

Na primeira vez que Iccius, em espírito, adentrou a casa que julgava sua, o coração estava amarfanhado pela saudade do suposto filho, que o sofrimento, durante as batalhas, ensinara a amar. Na sala de visitas, uma mesa rústica de cedro sem verniz apoiava um vaso de rosas vermelhas, combinando com a toalha de barbante vermelho e branco, tecida pela mulher. A dor tomou conta de seu coração:

- Ah! Meu Deus, por que sofri? Por que fui colocado para ter o corpo dilacerado pelas balas inimigas? Eu poderia estar aqui, no meu lar, perfumado pelas rosas do jardim!

Afastou a cortina de crochê, que separava a sala do corredor, abriu a porta do quarto do menino e, aproximando-se, colocou a mão em seus cabelos, acariciando-os. O garoto virou-se de lado e o travesseiro branco, contrastando, mostrou-lhe um perfil. Mário pensou:

- Em nada se parece comigo. Mas o sofrimento e os horrores do outro lado da vida me ensinaram a amá-lo, parecendo-se ou não comigo.

Olhou para cima e, por uma fresta de uma telha quebrada da casinha antiga, vislumbrou o céu estrelado do mês de julho. Abaixou a cabeça e falou com Deus:

- Pai, muito obrigado, porque estou aprendendo a amar. Ajuda-me!

Emocionado, dirigiu-se ao outro quarto.

- Deus, melhor seria eu tivesse sido mandado às galés do inferno, a contemplar isto...!

Abraçado à esposa estava um homem que, de perfil, mostrava o mesmo rosto do menino. Como atingido por um raio, desesperado, saiu rápido do aposento, sentou-se à mesa rústica e, abaixando a cabeça, deitou-se sobre os braços, soluçando:

- Para quê o meu sacrifício, as horas de desespero, as batalhas encarniçadas, o medo dos submarinos que rondavam o navio? O barulho ensurdecedor das metralhadoras, a bandeira com a suástica nazista que nos causava pavor? Todo sacrifício, de que valeu, Senhor?

Cambaleando, apoiou-se na parede, o peito molhado de lágrimas, abriu a porta, que rangeu nas dobradiças gastas, e percebeu, do outro lado do jardim, um canteiro de rosas vermelhas e brancas. Desceu o único degrau, encostou-se num canto da parede e ali ficou. Havia imaginado que o destroçar de seu corpo fosse o máximo de sofrimento que um ser humano pudesse suportar. Mas o que viu, dentro da casa humilde, causou-lhe tal dor moral que parecia arrebentar seu coração. O espírito de Mário olhou as roseiras mais uma vez. Ajoelhou-se na soleira da porta, fez uma prece e sentiu que pétalas de rosas caíam sobre sua cabeça. Pensamentos cheios de mágoa se transformaram em mensagens de amor, ao perdoar todas as ofensas que lhe haviam sido feitas. Entendeu a paternidade e a traição da esposa...

Desceu a calçada íngreme, chegando às margens do Tietê, aquela abençoada estrada que levara tantos bandeirantes e aventureiros a descobrirem o interior do Brasil. A lua cheia, no céu límpido de São Paulo, brilhava sobre o rio, ladeado de árvores e

capim, de águas quase puras. Como num passe de mágica, seu pensamento foi atraído para as margens de um afluente do rio Lot, próximo aos Pirineus, quando um batalhão de quase duzentos guerreiros foi tragado pelas águas violentas. Mário olha a superfície do Tietê e vê os carros, os cavalos enlouquecidos, as armaduras tilintando, homens gritando, e ouve o barulho das águas revoltas...

Ao avistar a lua cheia, lembrou-se da Gália, na noite do sofrimento. Viu-se de armadura, com o amigo Acauno, ou Domingo, o mesmo que séculos mais tarde foi vítima das metralhadoras alemãs. Começou a entender a trama da vida. Quando era o comandante poderoso, violentara mulheres belas, como a ex-esposa, e matara muitos guerreiros desnecessariamente, como o amante de Marli e pai do seu filho. Agora entendia por que não tocavam em seu nome.

Olhou a lua, novamente, e começou a caminhar pela margem do rio:

- Você, lua, é a lembrança que, na escuridão da noite, brilha, protegendo os homens. Ampara-me, Rainha da Noite! Você testemunhou as crueldades dos meus comandados à beira do Ródano, acompanhou meu sofrimento por mais de vinte séculos, ampara-me!

Mário enxugou as lágrimas que caíam nas folhas do capim verde, na trilha por onde andava. Percebeu as moitas balançando, formando um caminho reto que ia em direção contrária à que pretendia. Entendeu a mensagem e dirigiu-se para a casa de Domingo. Marta havia plantado um jardim, em jardineiras nas janelas. As flores caíam, enfeitando as paredes rústicas da morada. À esquerda, o portão de arame e, ao lado, uma roseira cor-de-rosa, abotoada em flor.

Um espiritei, com feições de gaulês, estava sonolento, entre a porta da casa e o portãozinho do jardim. Quando viu Mário, deu um salto e ficou em guarda, perguntando:

- O que você veio fazer aqui?

Mário pediu inspiração à lua:

- Pedir perdão!

O gaulês, espírito forte que fora ali colocado como guarda, gritou novamente:

- O que você veio fazer aqui?

- Vim procurá-lo para pedir perdão, por tudo que fiz a você e a seu povo. Pesa-me o remorso, mas tenho em minha defesa que era um profissional de guerra e ganhava dinheiro dos romanos, eternos inimigos do seu povo.

O guarda corpulento, com aquela resposta, sorriu sarcástico. Mário percebeu em seus olhos um brilho de compreensão.

- Eu queria ver a esposa e o filho do subcomandante.

O espírito riu, zombeteiro:

- O leão transformou-se em pombo...

- Não, amigo, o leão mudou o coração e começou a amar...

O guarda abriu a porta e, na sala, sobre o sofá bordado com girassóis grandes, amarelos e verdes, dormia um mocinho. O antigo comandante lembrou-se das feições do amigo. Era o filho de Domingo.

10 - RETORNO À ESCOLA DA VIDA

Respeitosamente o guarda abriu a porta do quarto da mulher de Domingo e Mário olhou o rosto dela encostado ao travesseiro. Podia notar que ela envelhecera. Caminhou novamente para a sala, acercou-se do mocinho, acariciou-lhe os cabelos, enxugou na manga da camisa o canto dos olhos, agradeceu ao guarda, estendeu-lhe a mão, abraçou-o. O antigo soldado gaulês demorou em retribuir o abraço e aí apertou o peito do antigo comandante. Algoz e vítima se reconciliavam. Por vinte séculos, os dois viajaram por diferentes caminhos da vida, sofrendo e aprendendo até se encontrarem numa casa modesta à beira do rio Tietê, no Brasil. Naquele abraço estava o perdão. Montanhas de sofrimentos, que poderiam prolongar-se, estavam desfeitas. Mário desceu os degraus e contemplou as dalias viçosas, vermelhas, brancas, amarelas, como se elas tivessem corações. Empurrou o portão de madeira pregado com pregos enferrujados e amarrados com arame. As três dobradiças grandes rangeram, parecendo um lamento de adeus. Ele fechou o portão, deu alguns passos, olhou para trás: o guarda, com

os joelhos encostados no portão, estava olhando-o. Olhou-o, Mário, abanou-lhe a mão, sob a luz da lua. Mário andou mais um pouco, voltou-se e pediu a ele se poderia levar uma dália vermelha como lembrança. O gaulês sorriu e, no antigo idioma, lhe disse: - Sim, meu amigo.

Mário cortou a haste com carinho e o clarão da lua deu brilho especial ao presente. Desceu a calçada de pedregulhos, esburacada, aproximou-se das margens do Tietê, encaminhou-se à sua antiga casa, adentrou a sala, viu a mesa de cedro rústico sem verniz, a toalha de barbantes trançados vermelhos e brancos, afastou a cortina do quarto. Entrou, colocou sobre o criado mudo a flor ao lado da esposa e saiu comovido.

Admirado, percebeu que andava mais fácil, quase não tocava os pés no chão; parecia-lhe que a entrega da flor o fizera mais leve. Parou à beira do Tietê, olhou na direção de sua nascente no leste, imaginou aquele fluxo abençoado de água correndo para o oeste e percebeu no horizonte uma luz vermelha que aos poucos se transformava em róseo-amarelado, tomando todo o leito do rio. O sol parecia se erguer nas mãos do apóstolo Paulo, que vivera no Império Romano nas proximidades da Gália, onde Iccius havia espalhado tanto sofrimento com seu pelotão. O sol foi subindo e metade dele apareceu acima do rio, que se tingia de um vermelho lindo.

Muitos anos se passaram. Uma senhora que se transferira com o marido para a capital de São Paulo ouve feliz o choro de um menino robusto que vinha enfeitar o lar daqueles trabalhadores sulistas. Muitos meses mais tarde, um casal do Ceará dava ao mundo outra criança. Iccius e Acauno, ou Mário e Domingo, renasciam. A providência divina oferecia novas oportunidades de reconciliação com a consciência culpada.

A roda da vida continuou girando. As duas crianças cresciam. Eles adoravam quando os pais os levavam naqueles bondinhos que encheram de saudade as linhas que se estendiam até a praça João Mendes. Iam vendo o cobrador ágil, com a mão esquerda cheia de notas dobradas, entre os dedos, encarrapitado na plataforma do veículo aberto. O curioso veículo, como se fora um bezerro

indisciplinado, ia tocando os chifres de aço nos fios elétricos para girar as rodas.

O antigo Iccius, agora chamado Roberto, gostava de sair com o pai e a mãe para comerem na velha pizzaria da praça João Mendes. O pai, operário em uma pequena fábrica de ladrilhos no bairro, sustentava a casa com muito sacrifício e dignidade. A disciplina no lar modesto era a característica principal da família. A mãe começou ensinar Roberto a escrever quando completou cinco anos de idade. Os olhinhos verde-claros da criança demonstravam inteligência. O comportamento aprendido com os pais fê-lo extremamente disciplinado.

No entardecer de um dia de março, o operário chegou em casa com um presente para o filho. Era uma bolsa de couro marrom-claro, com alça para segurar e correias longas para dependurar nos ombros. Era uma linda mochila escolar. Quando Roberto a desembrolhou, começou a pular de contente.

- Pai, já que eu tenho a bolsa, agora preciso ter uma escola.

Era o início do ano letivo. Na manhã seguinte, o pai dirigiu-se ao grupo escolar a dez quarteirões da casa. Mesmo com o macacão com algumas manchas de cimento e corantes de ladrilhos, o operário de mãos grossas pediu para falar com a secretária da escola:

- Meu filho vai completar seis anos no mês de setembro, mas já sabe ler e escrever e queríamos matriculá-lo.

A secretária não titubeou. Explicou que a lei determinava que, por falta de vaga, as crianças só poderiam ser matriculadas com sete anos. O homem argumentou e insistiu, mas o horário a cumprir no serviço não lhe permitia muito tempo. Resolveu deixar a conversa para outro dia. Quando o pai chegou em casa, o menino ansioso perguntou:

- Pai, começo amanhã?

- Não. Vamos conversar com a diretora nos próximos dias. Orientado pela mãe, preparavam um caderno com frases e desenhos feitos com imenso capricho. Ela e o menino dedicaram-se com afinco a terminar o que seria a demonstração da sua capacidade. O menino foi dormir, mas pediu à mãe que o acordasse

bem cedo, antes do pai. Na cabeceira do leito, a mãe sorriu e entendeu.

O sol surgiu clareando aquele mundo que tomava feições de cidade. Roberto acordou sozinho e já estava na mesinha da sala, com o caderno na mão, copiando frases de um jornal velho que encontrara. O café, chegado do interior do estado, exalava um cheiro bom que penetrava as almas, estimulando o amor para o trabalho. O pai se levantou e, ao ver o filho copiando do jornal o Correio Paulistano, começou a sorrir e deu-lhe um beijo na testa:

- O futuro cientista já começou o trabalho?

O menino corou com o elogio e continuou.

A mãe estendeu a toalha da mesa, deixando livre o espaço para o caderno, jornal e lápis. Fizeram a oração matinal. Conforme a mãe falava, o cheiro do bolo de fubá, o perfume do café, do pão caseiro e da manteiga, comprada da vizinha que a trazia do sítio em Itapetininga, enchia o ar. O menino abriu os olhos durante a prece para ver o bolo, o pão acastanhado, o bule de ferro, saindo fumaça pelo bico torto. A mãe pediu a Deus que a diretora o aceitasse na escola. Ele fechou os olhos e disse amém.

O pai vestiu o macacão, colocou um chapéu velho de feltro e beijou o garoto:

- Trabalhe bastante para encher o caderno, que amanhã cedo vou levá-lo à diretora.

Logo, as crianças da redondeza foram chamá-lo para brincar. Com a porta da sala fechada propositadamente, ele ergueu-se nas pontas dos pés para alcançar a janela alta e, apenas com o topo da cabeça e os olhos aparecendo, gritou:

- Hoje não posso brincar, tenho tarefa para fazer.

A criançada ameaçou uma vaia, ele sorriu e uma delas disse:

- Ele é meio esquisito, vamos brincar com outro.

Após o almoço e o café da tarde, ele continuou a escrever. Com os cabelos úmidos após o banho, continuou copiando. O pai chegou. Encontrou-o ali, mostrando o esforço de trabalho que se delineava naquela personalidade. Após o jantar, continuou escrevendo. O pai chamou-o para dormir e ele pediu permissão para ficar acordado até agüentar. A lâmpada que iluminava o caderno estava suspensa num fio longo e velho, todo manchado pelos mosquitos dos brejos do

Tietê. Os pais conversaram, esperando-o adormecer, até que o barulho das páginas do caderno sendo viradas silenciou. O cansaço venceu. Na sala, ouviu-se um ronco fraco de criança dormindo.

Os braços amorosos do pai levaram o menino até o seu quartinho e o colocaram sobre os lençóis brancos feito de sacos de açúcar e de farinha de trigo que compravam nas padarias do bairro. O menino encaixou-se numa depressão do colchão e falou, quase dormindo:

- Pai, preciso continuar escrevendo no caderno.

O pai beijou-o e o cobriu com o lençol.

- Você já trabalhou muito hoje. Amanhã cedo, eu levo o caderno para a diretora.

Março já mostrava o clima frio de São Paulo, no tempo da gara romântica, onde ainda havia alguns lampiões de gás que queriam se perpetuar. Os galos começaram a cantar.

A mãe despertou. Logo depois, coçando os olhos, Roberto encosta-se à cortina:

- Filho, vá dormir.

- Não, mamãe. Quero ver se o papai não esquece de levar o caderno.

A determinação já se delineava na personalidade firme da criança de cinco anos.

O pai foi direto ao trabalho e, no intervalo do almoço, voltou à escola para falar com a diretora. Retirou o chapéu, esfregou os pés no tapete, pediu licença à secretária. Ele entrou; a diretora já sabia do assunto. Ele lhe estendeu o caderno. Ela, simpática, percebendo o sonho do chefe de família que se preocupava com o futuro do filho, folheou o caderno:

- O menino merece. Vamos ignorar algumas regras para acolhê-lo.

Sorrindo, o pai entendeu. Ela bateu um sininho; a secretária veio preparar os papéis para o mais jovem aluno do grupo escolar.

11 - A INFÂNCIA NO PAÍS DO AMOR

A roda da vida vai girando e cada dia nos traz mais para junto daqueles que amamos e daqueles com quem adquirimos débitos no passado que necessitamos resgatar. A diretora quebrara uma norma para matriculá-lo. A vida, certa manhã, coloca em contato dois corações que no passado, durante muitos séculos, sofreram juntos, erraram juntos, morreram juntos. Era manhã de domingo. As crianças do bairro brincavam de pega-pega, segurando no poste antigo de aroeira que sustentava os fios elétricos defronte à casa do operário. Surge um menino a subir a rua, procurando alguém para brincar. Roberto e seis outros amigos ouvem o menino solitário:

- Eu morava dez quarteirões lá embaixo e me mudei para a segunda rua aqui. Quero fazer parte da turma de vocês.

Roberto olhou aquele moleque mais novo que a maioria da turma, com cabelos de três redemoinhos, mostrando personalidade ágil:

- Turma, acho que vamos aceitar essa fera no grupo. Ele tem um cabelo que parece a juba de um leão.

Todos gargalharam. O menino, olhando Roberto, riu e sentiu de imediato os laços de simpatia, unindo-os. Ele aproximou-se, bateu-lhe no ombro para dizer:

- O cara, você falou que a minha cabeleira parece com as dos leões, então o grupo vai se chamar turma dos Leões.

A mãe de Roberto surgiu no portão, convidando-os para o bolo e leite da cabra que a vizinha trouxera na mudança. Quando Pedrinho entrou, ela, colocando a mão sobre sua cabeça, perguntou-lhe o nome.

- Pedrinho, cabeça de Leão - respondeu Roberto gargalhando.

- Não, filho, ele é um menino com a cabeça muito bonita. Roberto puxou a cadeira para perto de Pedrinho para comer o bolo com leite e gritou:

- Mãe, nós estamos festejando, porque somos a turma dos Leões.

Na cozinha, logo se ouviu o estalar de pipocas batendo nas tampas das caçarolas. As estrelinhas brancas foram colocadas numa peneira. A criançada, enchendo a mão, falava alto:

- Oba! A coisa agora ficou boa.

Na segunda-feira, Roberto ainda não se matriculara. O novo amigo estava no portão e foi avisado:

- Não posso brincar, tenho lição para fazer.

A mãe, convidando-o para entrar, colocou-o à mesa, onde Roberto estudava. Um pratinho com doce-de-coco açucarado e pedacinhos de bolo de fubá lhe foi oferecido. O visitante ficou ali olhando o novo amigo que lhe parecia, nos arquivos da alma, um velho conhecido. Olhando-o, sem saber por que, deu-lhe imensa vontade de estudar. A mãe arrumou-lhe lápis e borracha e Roberto começou a ensiná-lo.

Os filhos únicos tornaram-se verdadeiros irmãos, apesar da diferença de idade, e as mães grandes amigas. Seis meses depois, a mãe dedicada ensinou Pedrinho a ler e escrever. Os pais se reuniram e um caderno foi preparado com cópia do jornal Diário de São Paulo. Os dois pais foram falar com a diretora, que disse gargalhando:

- Quando se desobedece a lei, perde-se a moral.

São Paulo começou a ganhar, cada dia mais, a pujança do nome do apóstolo que a história lhe deu. Parecia que o apóstolo indomável empurrava o progresso com seu espírito valoroso. Os meninos foram crescendo. Roberto terminou o grupo escolar, Pedrinho estava começando. Ambos eram os melhores alunos da escola, apesar de estarem em séries diferentes.

Estávamos no ano de 1960. O Brasil foi sacudido, com a fundação de Brasília, por um missionário chamado Juscelino Kubitschek de Oliveira. As metalúrgicas paulistas eram estimuladas pelas fábricas de automóveis estrangeiras trazidas pela diplomacia progressista do grande presidente.

A história mostra que, naqueles cinco anos, as construções e as escolas se modernizavam, aperfeiçoando-se, e a economia dava em cinco um salto de cinqüenta anos. Viam-se, em todas as cidades do Brasil, obras e mais obras. Os bondinhos se modernizaram, eram agora os 'camarões' fechados. Começaram a aparecer linhas de ônibus elétricos. A grandiosidade do governo de 1955 a 1960 fez a rede de energia elétrica estender-se por todo o país. Eram anos abençoados de progresso. Havia disputas entre os estudantes,

estimulados a crescer pelos discursos do notável presidente. Jovens, crianças, técnicos, médicos, engenheiros, professores eram contaminados por aquele otimismo que brotava das palavras que o presidente do país tirava do próprio coração. A nação viveu os dias mais gloriosos da história. O Instituto Tecnológico da Aeronáutica, escola de primeira grandeza intelectual, ampliava-se. A aeronáutica brasileira começava a orgulhar todo o país com as suas lições de técnica e patriotismo, respeitando o fato da criação do avião por um brasileiro. Linhas aéreas começaram a se entrecruzar por todo o território nacional.

O patriotismo fazia vibrar o coração dos pilotos, técnicos de vôo, mecânicos, telegrafistas e todos aqueles responsáveis por essa máquina divina que encurta distâncias, levando, por todo este país, a cultura e a ciência enlaçando cada ponto das suas fronteiras. O aeroporto de Brasília já dava exemplo de organização e responsabilidade para todo o Brasil. A Embraer, inspirada pelo ITA, em São José dos Campos, começou a levantar vôo em direção a horizontes mais amplos. São Paulo já mostrava a construção de Viracopos, em Campinas. O aeroporto junto à Base Aérea de São Paulo, em Guarulhos, seria denominado de aeroporto de Cumbica ou Aeroporto Internacional de São Paulo, com braços tecnológicos para receber aeronaves de qualquer ponto do planeta.

O crescimento explosivo de São Paulo fez modernizar o aeroporto de Congonhas até os anos setenta. Ele recebia vôos internacionais e dividiria sua importância com Cumbica. Tudo era progresso, tudo era respeito. Até o porta-aviões Minas Gerais, máquina antiga comprada da Inglaterra pela inteligência e diplomacia de Juscelino Kubitschek, era respeitada pelo exemplo que o presidente imprimia em cada uma das suas atitudes de dignidade. Aquele velho porta-aviões foi instrumento diplomático para pacificar atritos da Força Aérea e da Marinha.

Surgiram, em São José dos Campos, mais tarde, os aviões Bandeirantes e as aeronaves Brasília. A indústria aeronáutica brasileira começou a ganhar a concorrência contra os países adiantados do mundo. Depois do governo de J. K., o Brasil jamais teria necessidade de comprar aeronaves em outros países. O respeito e a dignidade que dirigiam a nação faziam a prosperidade

em todos os setores. A juventude destacava-se nos colégios e faculdades, cujas marcas eram a responsabilidade perante o futuro da pátria. As escolas oficiais, pelo exemplo dado pelo grande presidente, eram modelos. Na Escola Politécnica de São Paulo, nas Faculdades de Medicina da Universidade de São Paulo, na capital e em Ribeirão Preto, na Faculdade de Direito do Largo São Francisco pontilhavam a história de vultos de grandeza intelectual e moral de Castro Alves, Rui Barbosa, professor Zerbini, que primavam nas suas atitudes moralizadoras de dignidade.

O presidente J. K., baseado na filosofia patriótica da Faculdade de Direito da USP, defendida por tantos luminares brasileiros, se recusou aceitar a imposição do EMI. e continuou a construir Brasília. Talvez ao olhar o futuro, escrito nos olhos de jovens como Pedrinho e Roberto, aquele presidente determinou que os estabelecimentos de ensino permanecessem em desenvolvimento constante pela grandeza cultural do país. As obras públicas principalmente, durante a construção da cidade sede do Brasil moderno, Brasília, foram executadas com respeito ao homem brasileiro que paga a maior carga tributária do planeta. Governo respeitador tem povo digno, governo moralizado faz o povo feliz, governo digno cria povo orgulhoso da própria nação.

A roda da vida foi girando nos acontecimentos cotidianos. Os meninos recebiam lições para se tornarem homens de bem, diante da sociedade brasileira. As escolas estaduais, de ensino primoroso, cumpriam seu papel cultural. Os governos eram profundamente responsáveis e conscientes do papel indispensável do ensino na formação cultural do Brasil. "Um país se faz com homens e com livros"...

Pedrinho e Roberto respeitavam os professores, os continuadores da obra educativa do lar. Para ensinar-lhes o valor do trabalho digno, os pais lhes encontraram empregos. Ambos já trabalhavam, após as aulas, como auxiliares do super-mercado que se iniciava no bairro.

Para desenvolver a virtude da disciplina, aqueles meninos eram educados num ambiente de respeito à autoridade dos pais dentro do lar, atitude reforçada no ambiente escolar pelo rigor do professor. O trabalho honrado lhes ensinava o valor das conquistas pelo esforço. Com isso, aprendia-se a respeitar tanto o patrimônio doméstico

quanto os bens comuns: escolas, igrejas, edifícios públicos e parques não necessitavam de cercas. Sem respeito ao patrimônio público não se formam políticos dignos que respeitem o país.

O esforço necessário para promoção na escola obrigava a criança a valorizar o próprio tempo. Havia entre os estudantes uma saudável competição que os estimulava a progredir. Toda a sociedade se mobilizava para o progresso comum. Com responsabilidade, os meios de comunicação priorizavam a divulgação de informações educativas. A própria lei demonstrava que o nosso direito termina onde começa o sagrado direito dos nossos semelhantes.

Pedrinho e Roberto não eram exceções. Roberto, que tinha notas um pouquinho melhores que Pedrinho, foi empregado como chefe do companheiro. No escritório, iam aprendendo administração, na prática. Com esse método, no Brasil se formaram grandes empresários.

Nas ruas não se viam crianças desocupadas. Do excesso de liberdade e de tempo ocioso, hoje surgiram os vícios que deformam o caráter.

O administrador do supermercado onde os meninos trabalhavam incentivava-lhes a boa atuação na escola. Havia murais para divulgar o desempenho dos estudantes da empresa. Valorizava-se o indivíduo pelo esforço que empregava na aquisição de dotes intelectuais. O proprietário do super-mercado, que fornecia centenas de produtos, era vereador da Câmara Municipal de São Paulo e buscava demonstrar seu patriotismo, carregando, do lado esquerdo do peito, pequena bandeira feita de metal com o símbolo da Câmara. Suas atividades de vereador eram gratuitas para os cofres públicos. Nesse ambiente, o respeito às instituições era destacado por todos os funcionários e cidadãos.

Certa vez, auxiliados por jovem funcionária que estava terminando o curso de professora, Roberto e Pedrinho permaneceram estudando no trabalho até perto das nove da noite. Era inverno em São Paulo. Voltando para casa, encontraram um senhor que estava na rua até aquela hora: era um juiz de menores, cuja função era fiscalizar o comportamento das crianças nos locais públicos. A autoridade caminhou com eles uns quarteirões. Vendo dois soldados da Força Pública de São Paulo, montados em

elegantes cavalos patrulhadores, chamou-os para acompanharem os meninos até suas casas. Ao chegarem, o policial, elegantemente fardado de cinza-claro, botas negras brilhantes, boné cinza, com as cores da bandeira paulista, bateu palmas na casa de Roberto:

- Senhora, esses dois meninos, parece, exageraram no tempo de estudo.

A mãe sorriu e respondeu aos policiais que eles demoraram porque a mãe de Pedrinho seguramente tivera algum impedimento para buscá-los. Naquela sociedade equilibrada e justa, a criança não era fiscalizada, mas guardada como capital precioso que o governo procurava cuidar. A mãe de Roberto tomou a mão de Pedrinho e levou-o para casa. A simpatia que os policiais inspiravam na população era tão grande que Pedrinho perguntou-lhes:

- Tio, por que o senhor também não vai aprender onde moro? Assim nós iremos caminhando ao lado desses cavalos bonitos que parecem o do mocinho do cinema.

O policial sorriu. Ágil e elegante, saltou no arreio e fez continência ao menino:

- A ordem será obedecida, capitão.

A mãe, os meninos e os dois policiais seguiram. Chegando à casa, empurraram a porta de entrada e encontraram uma senhora de avental com uma vassoura na mão.

- Pedrinho, meu Deus, seu pai se esqueceu que hoje deveria buscá-lo! Prolongou-se no trabalho e ainda não passou pela escola. Ele deve ter feito hora-extra.

Feitas as despedidas, continuaram os sorrisos, ao som do plac-plac das patas dos cavalos que desciam a rua espalhando disciplina, respeito e dignidade.

Voltaram para casa. O jovenzinho apressou-se no banho. O pai já havia chegado para o jantar. O menino contou-lhe seu orgulho de ter andado ao lado dos cavalos patrulheiros e concluiu:

- Que bom. Hoje é sexta-feira. Amanhã teremos apenas a comemoração do dia 9 de julho na escola. Depois vou brincar o fim-de-semana.

12 - A FORMAÇÃO POLÍTICA NA ESCOLA

A roda da vida foi girando na velocidade que o respeito e a dignidade davam ao cidadão brasileiro. Em São Paulo e em quase todo Brasil, o trabalho gratuito de cidadãos que entravam na política valorizava o estado e o país. A terra natal, a Pátria era respeitada.

Era sábado, os pais de Pedrinho acompanharam-no à festa do "9 de Julho" na escola. As vozes dos professores, funcionários e alunos se encheram de orgulho, quando cantaram o Hino "Nacional Brasileiro, que sabiam de cor desde o segundo ano do curso primário.

A festa se prolongou. Pedrinho declamou uma poesia de Olavo Bilac: "Criança, não verás país nenhum como este. Olha que céu, que rios, que florestas. A natureza aqui, perpetuamente em festa, é um seio de mãe a desdobrar carinho". Os versos, decorados durante quase um mês, falavam de gratidão ao país e da beleza de ser brasileiro. Aplaudido por todos, ia ali nascendo um orador bem orientado. Depois, o coral da escola cantou o hino Mocidade, do inesquecível educador Jayme Leal da Costa Neves. Aquelas palavras que inspiraram a grandeza moral em vários profissionais que foram seus alunos são mensagem de patriotismo e de dignidade:

Eia, Avante! Ó, Mocidade!
Esperança da pátria brasileira!
Construamos a nova idade,
Mais humana, viril e altaneira!

Nossos braços levantemos,
Combatendo com todo nosso ardor!
Do Brasil, a pátria nos ensina,
A viver com fé e muito amor.

Avancemos cantando pela vida
A sorrir, irradiando mocidade.

Toda luta do bem nos convida
Somos força, valor, dignidade!

Como é belo o ideal que nos conduz,
Como é grande a nossa missão!
Elevar nossa pátria, eia, sus!
Eis a nossa maior ambição!

Juventude, construiremos
O edifício da nacionalidade!
Estudantes, dominaremos
Pelas dignas conquistas da verdade.

A escola é o nosso exemplo,
A instrução, o farol que ilumina,
E o Brasil, que é nosso lar e templo
A servir Deus e pátria nos ensina!

Na solenidade, foi premiado um aluno de outra classe, Zezinho, por ter tirado as melhores notas naquele mês. No mês anterior fora pego, durante uma prova, colando de um caderno. O diretor colocou-lhe no peito pequeno laço de fita formando um V, tendo de um lado as cores da bandeira de São Paulo e do outro as cores do Brasil. Zezinho sorriu emocionado. A escola toda observava o diretor:

- É assim que se forma um cidadão. Mês passado, desobedeceu à lei e faltou com a dignidade. Hoje, por ter mudado, é premiado. Toda sua vida de estudante vai ser de notas altas.

O diretor iniciou as palmas e Zezinho ria feliz. Os pais, orgulhosos, foram chamados para levarem o filho ao seu lugar na fila da classe.

Em tudo estava presente o amor à pátria e a disciplina. Nesse ambiente foram crescendo Zezinho, Pedrinho, Roberto e outros milhões de crianças que, bem educadas nos exemplos dos pais, dos professores e principalmente das autoridades, deveriam levar o país às culminâncias da civilização, da moralidade e do respeito. A roda da vida continuou girando, trazendo nos seus braços aquelas crianças com toda a infância e a juventude do Brasil.

O dois meninos, Pedrinho e Roberto, adotaram-se mutuamente como irmãos. Entraram na Faculdade de Tecnologia, depois de concorridos exames. Desde a infância, os pais de Pedrinho e de Roberto não gastaram um centavo em escolas e agora entravam numa faculdade - gratuita - do governo. Sabendo falar em público, Pedrinho candidatou-se a presidente do diretório acadêmico e Roberto a vice. A simpatia e, principalmente, a formação moral que todos lhes percebiam nas atitudes os elegeram.

Os chamados diretórios acadêmicos, onde um aluno, diante das autoridades, representava todos os outros da faculdade, valorizavam a participação de idéias novas. Naquele posto prepararam-se grandes líderes de nossa nação. Os candidatos, cuja vida era minuciosamente pesquisada, eram eleitos, pela capacidade intelectual, avaliada pelo desempenho na escola e pela liderança. No início, eram proibidos de se candidatarem os repetentes. Era a lei do Ministério da Educação. Selecionavam-se assim os bons alunos para uma possível carreira na política.

O processo democrático começava a germinar no caráter de cada estudante desde os primeiros dias do banco escolar. E claro que, na massa humana, cujos espíritos vêm à Terra para se educar, há exceções, mas, naquela época, quando o país se levantou apontando o rumo da grandeza, a esmagadora maioria do povo primava por escolher, para dirigentes, homens de moral. A época, a direção do estado mais rico do país estava entregue à responsabilidade de um governador da estatura moral do economista Carlos Alberto de Carvalho Pinto.

Representando a Faculdade de Tecnologia, o presidente do diretório acadêmico foi recebido pelo governador em palácio, junto a outros presidentes de todo o estado. Passados vários anos, Roberto e Pedrinho ainda se lembravam das palavras do governador durante a recepção aos presidentes dos diretórios, no salão nobre de um edifício deslumbrante, de arquitetura francesa, o Palácio dos Campos Elíseos. Até o nome lembrava a França. Quando ambos deixaram o bon-dinbo que os levou até ao palácio, o prédio os deslumbrou: todo iluminado, com escadas de mármore branco de corri-mão de ferro negro, artisticamente trabalhado. Penetraram por

portas esculpidas a mão havia mais de cem anos. Pedrinho olhou para o companheiro e lhe disse:

- Que prédio lindo, nunca vim aqui, mas parece que já o conheço.

Quando o governador se preparava para falar a algumas dezenas de líderes estudantis, a emoção gravou a cena no cérebro de ambos. Intimamente, sentiram gratidão aos pais, porque lhes davam, através do esforço e da cultura, a oportunidade de subirem socialmente. Roberto lembrou-se da mãe, do pai, da casa pobre, do jardim cheio de dalias coloridas, da roseira sempre em flor, do macacão manchado de cimento da fábrica de ladrilhos, onde o pai trabalhava.

Rapidamente lembrou-se de muitos professores e agradeceu-os por orientá-lo naquele progresso, que era a escola bem conduzida.

O mestre de cerimônia, finalmente, anunciou a palavra do governador:

- Ao recebê-los, minha esposa e eu, na casa que nos abriga, caros estudantes paulistas, quero dizer da satisfação de tê-los aqui e reafirmo a certeza de que todos vocês, por méritos pessoais do esforço e da dignidade, conseguiram ocupar o posto de destaque que agora detêm. Estou certo de que, em futuro próximo, serão destacados políticos, técnicos, dirigentes deste estado e de nosso país, e haverão de respeitar as tradições de grandeza e moralidade, decência e idealismo desta pátria. Somos a nação mais abençoada por Deus, diante de todas as nações do planeta.

"Ao recebê-los na minha casa, abrindo as portas do meu coração com a chave do respeito, da admiração e da esperança que eu, como governador de São Paulo, deposito na juventude da minha terra, quero agradecer-lhes a gentileza da presença. Neste encontro de afeto quero lembrar que: 'Paulista eu sou há quatrocentos anos. Imortal, indomável, infinita, dos mortos, de onde venho, ressuscita a alma dos bandeirantes sobre-humanos. Meu amor encerra a adoração de tudo o quanto é nosso. E, incapaz de servir a minha terra o quanto devo, quero, ao menos, amá-la o quanto posso'."

Os moços, entusiasmados com aquelas palavras que ouviam e sentiam temperadas de amor, de dignidade e respeito, prorromperam em aplausos. O orador esperou em silêncio e continuou:

- Jovens da minha terra, a vida pode elevados a posições de destaque. Como homem público, sinto no coração a energia que vibra no olhar de vocês. Quero dizer-lhes que, quando eu partir desta vida, é muito provável que me lembre deste nosso encontro. Sei que me tranqüilizará saber que os deixei para seguirem as pegadas dos bandeirantes paulistas, destemidos desbravadores da terra brasileira. A juventude paulista, bandeira numerosa, semeará na terra do nosso Brasil as suas idéias democráticas de grandeza, de justiça e de dignidade.

"Minha esposa e eu os recebemos, estudantes, com muita honra, temperada de esperança. Talvez alguns de nós, pessoalmente, jamais nos reencontremos. Mas, nestas horas felizes, quero deixar registrada a nossa certeza de que seguiremos todos unidos e trabalhando pela grandeza desta pátria deslumbrante que caminha, pelas estradas da dignidade e da honra, sob o olhar de Deus."

O governador e esposa iam cumprimentando os moços e moças dentro da belíssima sala, réplica perfeita da arquitetura dos Campos Elísios francês. Distribuindo sorrisos, chegam-se a Pedrinho e Roberto e, percebendo-lhes a disciplina que demonstravam em cada gesto, o governador lhes disse:

- Trabalhem, moços, como os bandeirantes trabalharam na conquista de novas fronteiras para o país.

Apertou-lhes as mãos, a esposa fez o mesmo, e continuou circulando e dizendo a cada um palavras de encorajamento. Este era o ambiente do meu Brasil àquela época, quando o povo e o governo mostravam, em cada atitude, a dignidade e o respeito pela pátria.

As horas se passaram, as luzes do palácio começaram lentamente a se apagar. A primeira-dama do estado ficou à porta. Pegava uma rosa vermelha e a entregava a cada um dos convidados que se despediam.

- Entregue, em meu nome, à sua mãe.

O governo, com aquela atitude, valorizava a mãe e infundia no filho o respeito pela família. A dignidade do governo dava dignidade ao povo.

Eles voltaram para casa ao anoitecer, quando a garoa escondia as luzes dos postes com eletricidade em abundância, gerada pelas

cachoeiras dos rios paulistas. Graças ao dinheiro bem aplicado, fruto do sacrifício de todo o povo, orientado por um governo digno, as usinas elétricas se multiplicavam.

Naqueles anos da administração valorosa do governador paulista, a nação foi conturbada por lamentável acontecimento. O presidente, que tinha nas mãos tudo para guiar o país, imitando São Paulo, no progresso e na dignidade, desviou-se do equilíbrio emocional. Com sua renúncia, jogou no lixo milhões de votos de brasileiros entusiasmados que lhe deram a maior votação da história e levou a nação à beira do desastre que culminou com uma revolução odienta. Esta levou o país ao vácuo político, iniciando um processo de desmandos ditatoriais que espalharam idéias anti-democráticas de corrupção em toda a administração, quase resultando no desmantelamento da pátria como instituição democrática respeitável.

O ambiente do bairro ainda era bucólico como se fora uma cidadezinha do interior, à beira das águas ainda límpidas, cercadas de capins e arbustos do rio Tietê. Os moços, nos seus raros momentos de descanso, principalmente aos sábados à tarde e domingos, dirigiam-se ao campo de Marte, cujas cabeceiras das pistas, ficavam próximas à Casa Verde. A vida foi colocá-los ali para facilitar-lhes as tarefas de se prepararem para um trabalho digno de patriotas. O ronco dos motores dos aviões trazia-lhes sensação de poder. Ao verem aquelas máquinas deixando o solo, lançando-se no ar, navegando nas alturas, dava-lhes uma emoção de domínio e de grandeza.

Muitas vezes ficavam até o entardecer vendo pilotos e máquinas decolando e aterrissando durante os treinos.

Os dias foram se passando. A Faculdade de Tecnologia lhes apontava dezenas de canceiras que poderiam complementar o aprendizado teórico começado nos bancos escolares. Começaram a pensar em voar. A profissão de piloto os entusiasmava. Num domingo no mês de setembro, no pátio do aeroclube, viram um grupo de moços, na tradicional comemoração do "batismo de óleo". Isso registrava os primeiros passos na carreira de piloto. Eles se aproximaram do grupo. Os moços, em número de seis, tinham feito o chamado vôo solo, quando, sozinho, se tira a máquina do chão para voar pelos céus e voltar. Por sorteio, cada um tornou a voar

sozinho, rindo como se fossem os conquistadores do mundo. Juntaram-se tirando a camisa, comandados por quatro pilotos professores. O cheiro e o aspecto pegajoso do óleo não lhes impediram a imensa alegria. Logo depois, abriu-se uma mesa de doces para festejar com os familiares o início de uma carreira. No fim da festa, Pedrinho e Roberto dirigiram-se à secretaria do aeroclube para informações. Os custos do curso poderiam ser cobertos pelos ordenados do supermercado. Ansiosos, os dias foram rolando. Começaram as aulas teóricas com Pedrinho, Roberto e mais quatro jovens.

No hangar do aeroclube eram dadas aulas teóricas quatro vezes por semana, durante a noite. O rigoroso curso, um dos melhores do Brasil, ensinava cálculos de rotas, velocidade de vôo, geografia, mecânica, legislação, aeronáutica, meteorologia, preparando bem o futuro piloto. Eles esticavam o dia até altas horas da madrugada. "Se é para fazer, vamos fazer com perfeição", disseram às mães. Depois do exame médico, o aluno iniciava o curso teórico e depois o prático, quando se sentava na cabine de comando da pequena aeronave, estando às suas costas o professor. Cada movimento das alavancas de comando da frente repercutia nas alavancas de trás. Quando Roberto sentou-se, o piloto pediu-lhe para relaxar, olhar para frente, tendo como linha do horizonte a base inferior da própria cabine. Roberto, misturando ansiedade, esperança, medo e entusiasmo, sorriu feliz. Quase ao mesmo tempo, num outro Paulistinha, Pedrinho iniciava sua aula. Depois dos procedimentos de segurança, a hélice foi girada com a mão para ligar o motor com um toque especial, sem risco de acidente. A hélice girou uma, duas, três vezes, tossindo indecisa até o motor rodar com firmeza. O nível de combustível, que era mostrado por uma haste metálica com uma bóia, ajudava o planejamento da viagem. Esse arame, peça muito importante da segurança do avião, era visto a todo instante à frente do pára-brisa do piloto.

Os tripulantes colocaram o cinto e a pequena máquina começou taxiar na pista. O aviãozinho parecia um sonho, levando no seu interior um futuro piloto brasileiro. O sagrado Paulistinha, em ensinou tantos pilotos até da gloriosa Força Aérea Brasileira, era uma jóia que lembrava o inventor do avião, o cientista patricio

Alberto Santos Dumont, varando os céus de Paris ao contornar a torre Eiffel, com o seu *Demoiselle*.

O primeiro vôo de Roberto também lembrava o início de uma nova era. Ele emocionou-se ao ziguezaguear pela pista. Na frente do pára-brisa, passa um urubu teimoso que se atreve a espionar o aeroplano.

- O que vamos fazer com o intruso?
- Nada. Quando nos aproximarmos, ele voará.

De repente o pássaro negro bateu asas e desapareceu. Andaram muito, treinando taxiar na pista enorme. A pergunta mostrou ao instrutor que se tratava de um futuro piloto muito cauteloso.

- Teremos bastante combustível para decolar, voar e aterrissar?

O moço sorriu:

- Teremos o suficiente até para fazermos vários pousos e decolagens.

Chegaram à cabeceira da pista. Roberto freou a aeronave com muita força, ela balançou violentamente e estacionou. Pelo lado direito, percebeu o companheiro Pedrinho no seu Paulistinha amarelo-ouro.

As rodinhas começaram a rolar rápidas pelo asfalto. O instrutor recomendou-lhe segurasse levemente a alavanca de controle para sentir as reações do comando. No vôo, o avião foi se aproximando do edifício do Banco do Estado de São Paulo, antigo marco da grandeza e independência econômica do estado mais rico do país. Ganhando altura, mais à direita, surgem as paredes envelhecidas do edifício Martinelli. Roberto, encantado com o panorama, respirou fundo, descontraíu-se, segurou a alavanca, olhou longe no horizonte, parecendo ver seu próprio futuro. Parecia-lhe róseo como o panorama, que ali estava enfeitado por um bando de pássaros que talvez morassem pelos lados do viaduto do Anhangabaú. Passou-lhes na frente, fazendo uma curva suave. O instrutor sentiu confiança no aluno e deixou-o comandar o vôo. O moço sorriu deslumbrado: aquele céu azul, aquelas nuvens brancas, aquele mundo cheio de esperança; lá em baixo, tudo parecia pertencer-lhe.

O professor, para testá-lo, aproxima-o de uma nuvem branca e choca o pára-brisa contra ela. No susto, Roberto não sabia explicar porque, assaltaram-lhe algumas lembranças, como num filme antigo.

Ele viu, no fundo branco, cenas de uma batalha com ele montado num cavalo soberbo, celeiros queimando, uma corredeira levando de roldão algumas dezenas de cavalos; num passe de mágica, pareceu-lhe que mulheres, típicas camponesas européias, brotavam da fumaça branca da nuvem que deslizava tranqüilamente no céu de São Paulo. Aquela sensação deveria marcar-lhe para sempre o momento do seu primeiro vôo. Um objeto amarelo-ouro apareceu-lhe no campo visual. Respirou fundo e sorriu: como ele, o companheiro também estava voando.

13- O PRIMEIRO VÔO

Aparecia-lhe destacado no horizonte, em altura muito inferior à sua, o avião de Pedrinho. Numa curva descendente, ele apontou na direção do campo de Marte. O instrutor percebia o controle emocional do jovem pela leve pressão que dava à alavanca de controle. Lá no horizonte, percebia-se aquela faixa brilhante de águas claras, serpenteando no planalto de Piratininga. O rio escrevia a história de São Paulo nas suas curvas pintadas de verde pelos bosques à margem. Brilhando na manhã de sol, surgia o rio Tietê, que caminhava para o oeste do estado, levando no seu seio fatos e lendas da vida brasileira. Naquelas águas, nasceram as tradições dos desbravadores indomáveis - os bandeirantes paulistas.

Roberto pediu permissão para voar seguindo o curso do rio. O instrutor aceitou, tendo o rio como rota de vôo visual. Explicou que, numa floresta, tendo-se um rio e um mapa, chega-se a qualquer local que se pretenda. Propositadamente, o instrutor, diminuiu a altura; o moço sentiu um vazio no estômago e suspirou fundo. Aproximaram-se da Casa Verde. O instrutor elevou o aparelho, circulou mais alto sobre o bairro. Apontou-lhe a casa onde morava e sorriu ao reconhecer sua mãe, lá em baixo, trabalhando no jardim.

A cabeceira da pista já aparecia. O instrutor elevou o bico do avião, fez uma curva larga, alinhou o eixo do aparelho com a pista, testou os dois flaps, sentiu-os bem coordenados, alertou Roberto para que deixasse a mão sobre a alavanca de comando, foi levando a alavanca para frente e o avião foi perdendo altura. Roberto

emocionou-se, apertou a alavanca e o instrutor pediu-lhe para relaxar. As duas rodas se apoiaram no solo. A cauda ainda estava levantada, a rodinha traseira tocou no solo, pulou em um pequeno buraco e alinhou-se sobre o asfalto. O aparelho deslizou e o instrutor deixou que a aceleração moderada do motor fosse levando-os na pista longa, para que o aluno pudesse ir acostumando a taxiar, uma operação fundamental nas manobras aéreas. Ele explicou como se levava o aparelho para o hangar. Com o acelerador na mão esquerda, foi taxiando o Paulistinha em ziguezague pela pista até a porta do hangar do aeroclube. A aceleração diminuiu, o motor quase parou e a máquina balançou com muita força, quando ambos os freios foram pressionados. O instrutor riu:

- Cuidado, aqui não é rodovia e a porta do hangar não é um buraco...

Roberto, ao descer, apoiou a mão direita no encosto do banco e o pé esquerdo no estribo. Quando tocou o pé no chão, parecia sonhar - tinha voado...

Recordaria por muitos anos que aquela manhã seria a alvorada que a vida lhe reservava. Sonhava que seu destino pela vida fosse amplo, azul, suave como o céu, cheio de belezas como a madrugada, claro como o sol que ilumina os caminhos da vida.

O instrutor, exigente e muito ponderado, estendeu-lhe a mão:

- Poucas vezes, na minha carreira, cumprimentei alguém na primeira aula prática. Dou-lhe um abraço, porque percebo em você a disciplina, a calma e a concentração. Dedicando-se, tenho certeza de que você será um grande piloto.

Para completar a alegria, umas asas de lona amarelas aproximam-se do hangar: era Pedrinho. Logo depois, ambos se abraçaram felizes. O instrutor manda-os examinar o aparelho após o vôo como parte do aprendizado. Alegres após o primeiro vôo, foram descendo para o bairro em direção ao Tietê.

Em casa, a mãe contou que percebera, sob o chapéu que a protegia do sol, alguém abanando a mão de um pequeno avião. Nem um rico presente ele Natal, com todas as ilusões da infância, naquela manhã, poderia fazer um jovem tão feliz. Ela os conviou para comemorarem. Nem um banquete regado a vinho francês se compararia em sabor àquele almoço de arroz com feijão, feitos na

gordura de porco trazido pela vizinha de Itapetininga. Completavam o frango caipira, uma salada de tomate e o pão caseiro.

Pedrinho e Roberto não cabiam em si de contentes. Na segunda-feira, levantaram-se mais cedo do que de costume, ambos foram à faculdade. Não sabiam como, mas no bairro pequeno as notícias corriam velozmente. O instrutor de Pedrinho era vizinho de um de seus colegas de turma e teceu largos elogios ao moço que começava a voar. A notícia correu... Na faculdade, as mocinhas olhavam mais docemente para aquelas figuras de heróis que já se delineavam no horizonte.

Para Roberto e Pedrinho, os dias passavam entre as tarefas escolares e o trabalho no supermercado. Faltando três aulas para o vôo solo, o instrutor estava cada vez mais confiante no aluno. Ao empurrar o avião para fora do hangar, uma peça do telhado caiu sobre o tanque e entortou ligeiramente a vareta de indicação do combustível. Roberto não percebeu a gravidade do acidente.

14 - VIDA PERIGOSA - PRIMEIRO SUSTO

O vôo começou com todas as exigências de praxe. Muito feliz, o instrutor entregou-lhe o comando. Constava, conforme deixaram registrado, que iriam sobrevoar a serra do Mar, ao redor de Santos, e voltariam. Quando decolou, Roberto comentou com propriedade que o vento estava de cauda e gastariam pouco combustível. Dirigiram-se à área sobre o Museu do Ipiranga e tomaram a direção da via Anchieta. O tanque especial do avião facilitava-lhes a tarefa.

Descortinava-se ao olhar a serra, bem antes da cidade de Cubatão, graças ao tempo limpo e sem nuvens. Logo surge no horizonte a cidade de Santos, cheia de história e tradições paulistas. A praia de Pernambuco, a de José Menino, o monte Serrat, o cais do porto e, mais além, a ilha Porchat. O vento, agora de través, obrigava o moço a manejar com eficiência a alavanca de comando. Depois de navegar sobre a serra, treinando nas mudanças de altitude, com muitos solavancos causados pelas diferenças atmosféricas do oceano, o vento perverso começou a jogar violentamente a aeronave, mas Roberto continuava compenetrado e

calmo. O instrutor demonstrava impaciência, mas o motorzinho com a delicada hélice de madeira jogava-os de um lado para outro, como pequeno barco no mar. Roberto conservava-se calmo. Nuvens escuras vindas do mar corriam atrás do pequeno avião e o alcançaram bem antes de Cubatão.

Para treinar o vôo visual, voltavam pela mesma rota. Roberto abaixou a cabeça, segurando calmamente a alavanca de controle. Numa voz ponderada, disse ao instrutor:

- Caro professor, não se preocupe. Se eu tiver que morrer num avião, será numa aeronave muito grande, cheia de passageiros, numa cidade imensa, não no meio do mato, sobre as escarpas da serra. Pode confiar que logo estaremos em casa.

Deu uma risada confiante e a máquina continuou a ser jogada de um lado para outro. O instrutor respondeu zombando:

- Oh! Bartolomeu de Gusmão, moderno padre-voador, coloque logo esta mariposa na pista do aeroporto de Marte que eu tenho muita coisa para fazer em casa - e soltou uma gargalhada de zombaria.

As nuvens se desviaram para o norte, eles iam para o oeste.

Ao longe viram o rio Tietê e identificaram o aeroporto de Marte. De repente o motor começou a tossir. O instrutor acelerou a máquina, que tossiu mais uma vez e parou:

- Pane seca - gritou quase sem controle, o instrutor. - Agora a vaca vai pro brejo. Meu filho, prepare-se.

Roberto olhou a haste metálica, o arame marcador de gasolina, e viu que estava em cima:

- Não é possível, olhe o marcador.

- O marcador pode estar onde estiver, mas, pelas tossidas, é pane seca.

Roberto havia lido a respeito dos planadores que começavam a despontar nos campos de aviação de São Paulo. Viu urubus planando à frente da aeronave e concluiu que correntes ascendentes poderiam prolongar o vôo. Assumindo o controle da situação, desviou lentamente a aeronave. O altímetro mostrava que uma corrente de ar quente sustentava as asas largas da máquina. As aves negras rodopiavam ao redor dela. Aproximavam-se do aeroporto. Passaram sobre um canto do bairro da Casa Verde, de

onde já percebiam os reflexos da água do Tietê, enquanto o instrutor fazia preces para se conservar calmo:

- Padre voador, se nós passamos pela Casa Verde, vamos chegar.

Soltou uma gargalhada nervosa. Roberto conservava-se compenetrado, pálido, mas dono de si.

A sua frente, surgiu um bando de garças brancas, daqueles tempos saudosos, quando o rio Tietê as alimentava com a pureza de suas águas. Seu leito, com as aves planando nas correntes aéreas, orientava o vôo do Paulistinha. Por sorte, uma rajada de vento originado no canal do rio levanta o avião e empurra-o para frente. O instrutor grita:

- Vamos sobre o rio para cairmos sobre a água com a porta aberta. Solte os cintos.

Roberto confiante, para não contrariar o instrutor, agiu calmamente. Retificou a rota sobre o rio e logo à frente já percebe a cabeceira da pista do campo de Marte. Pensou, "se eu morrer, poderei ver pela última vez as roseiras e dalias da minha mãe"... Reagiu: "Mas não vou morrer. Daqui a menos de uma hora estarei em casa."

A máquina ia resvalando no ar, parecendo que mãos milagrosas a sustentavam. Outra rajada de vento sopra sobre o leito do rio. As asas levam o aparelho um pouco mais para frente. A máquina sobe mais um pouco, sai do leito do rio. Aparece a cerca de arame que limitava a pista, o avião vai se aproximando. Roberto olha, preparando-se para a queda. Um dos pneus dianteiros toca na cerca, a rodinha traseira salta o arame e as três rodas chocam-se ao mesmo tempo com o asfalto. Saem rolando sem rumo pela pista, quebrando os eixos, e o aparelho dá um cavalo-de-pau"; a asa esquerda bate no chão e param. Roberto dobra o peito, curva a cabeça, debruça-se sobre os braços. O instrutor grita alegre:

- Chegamos, padre voador!

Correndo lá fora, os bombeiros chegam com extintores, molham toda lona, enquanto o instrutor coloca o rosto para fora e diz:

- Podem sossegar, o tanque está seco.

Descem. O instrutor tem um ferimento superficial na testa e Roberto um arranhão no ombro direito. Estavam pálidos, mas

felizes. Ambos são colocados em uma maca, o médico de plantão chega numa ambulância, examina-os e sorri, enquanto diz:

- Não foi desta vez que vocês quebraram as próprias asas, meus passarinhos.

Ambos foram proibidos de voar até que se descobrisse a causa do acidente. No dia seguinte saberiam: uma ripa da reforma do telhado caiu sobre o motor e entortou, ligeiramente, o arame da bóia, impedindo-a de medir o combustível. Quando a investigação do acidente terminou, o aeroclube ofereceu uma festa. O instrutor foi pródigo em elogios:

- Quando o motor parou, o aluno transformou-se em professor para trazer o avião até o solo. Tenho certeza de que este moço, dedicando-se à carreira de aeronauta, será um grande piloto.

Palmas e abraços alegraram a festa. A mãe de Roberto entregou ao instrutor um buquê de rosas e dalias do seu jardim e lhe agradeceu por ter salvado seu filho, no que ele retrucou:

- Sabe, dona, se não fosse o seu filho, estas flores estariam enfeitando o meu caixão.

Todos riram e o ambiente solene se desfez.

Lá fora, São Paulo abria os seus sonhos de grandeza. O sol parecia aquecer as esperanças. Um bando de garças brancas, das margens do Tietê, passava nas alturas, distribuindo paz no vôo sereno.

A notícia do acidente se espalhou por alguns aeroportos. Quando o aeroclube de Roberto comemorava o vôo solo dos seus formandos, o diretor de grande empresa aérea compareceu. Ele, apresentado pelo presidente do aeroclube, deu a Roberto uma flâmula da companhia:

- Primeiro troféu de uma longa carreira de piloto. Pela sua comprovada capacidade, minha empresa oferece-lhe o curso completo de piloto comercial, desde que se comprometa a trabalhar conosco por três anos.

Pedrinho, o companheiro, sorria feliz e triste, quando tocou a mão no ombro do amigo, dizendo-lhe:

- Que maravilha! Você vai e eu vou ficar rezando para Deus te abençoar...

Roberto olhou nos olhos do diretor e firmemente lhe disse:

- Sim, senhor diretor, desde que vá junto comigo o meu amigo Pedrinho.

- Negócio fechado. Então, moços, as aulas começam segunda-feira, em São José dos Campos, tudo pago, inclusive o transporte.

A mãe de Roberto se aproximou e ele a apresentou ao diretor:

- Esta é minha mãe. Ela que cuida do jardim cheio de rosas e dalias para enfeitar a rota dos aviões que chegam ao campo de Marte.

Sorrisos desabrocharam nas faces felizes.

Lá fora, na pista, aeronaves raspavam os pneus no asfalto, elevando pequenas nuvens de fumaça e deixando o cheiro de borracha no ar. Aquele mundo novo da aviação é um universo de grandeza. Do vôo desprezioso de uma pequena máquina de madeira e pano, o 14-Bis, surgiu, na civilização tecnológica, a aeronáutica, a astronáutica, com vôos interplanetários penetrando no futuro. As máquinas aéreas interligam a inspiração, as idéias; as fórmulas do progresso se combinam: os cálculos, as químicas, os computadores, enfim a grandeza do conhecimento humano.

Roberto e Pedrinho entravam para fazer parte do mundo das navegações aéreas. Em cada canto do caminho percorrido pelas almas imortais estavam as lições para a vida eterna: intuitivamente, Roberto e Pedrinho vislumbravam novas oportunidades de crescimento espiritual. Roberto olhou lá fora o sol que iluminava São Paulo; Pedrinho olhava o céu ao longe, ambos pensavam, pensavam...

Na intimidade da alma, algo lhes apontava o limiar de uma nova era de grandezas e resgates. O sofrimento, a dor e o trabalho começavam a anular-lhes, na contabilidade divina, os débitos de quase vinte séculos atrás. As oportunidades começavam a surgir para provar-lhes que "o amor cobre a multidão de pecados".

A bondade divina, que é filha da justiça, preparou-lhes a oportunidade de serem missionários das viagens aéreas. Esta mesma justiça, alicerçada na bondade, dava aos guerreiros impiedosos da Gália a oportunidade de pagarem o que lhes restava de débitos diante da Justiça Universal. Parecia-lhes que, naquele instante, enquanto o tilintar dos copos brinda-vam às duas carreiras

que se iniciavam, os moços pareciam escutar vozes nascidas dos céus, dizendo-lhes:

"Filhos do meu coração, a grandeza do amor nos trouxe até aqui. O Amor Infinito oferta-lhes a oportunidade de saldar seus débitos com ações num campo dos mais sublimes do conhecimento humano: a ciência de voar. O homem que voa eleva-se à altura dos anjos desde que cruze o céu como instrumento do amor."

E eles, olhando lá fora, pareciam ouvir, no próprio íntimo, a mensagem de esperança que falava da oportunidade que a humanidade teve, quando a Suprema Inteligência do Universo inspirou o homem a voar. O mundo dos ares, das máquinas, dos cálculos exatos, dos controles perfeitos, da velocidade vertiginosa, da exatidão é o mundo das mais sublimes inteligências que povoam o universo. Aquela voz pareceu se calar. Um olhou para o outro, sorriram e a festa acabou...

Dois dias depois, eles foram de ônibus até São José dos Campos. A cidade é fonte valiosa de conhecimentos técnicos, no ambiente acolhedor do interior de São Paulo. A riqueza tecnológica espalha-se pelo ar da cidade na ciência que ensina o homem a voar. Naquela atmosfera de estudo e pesquisas, poderia nascer a grandeza da ciência aeronáutica mundial, durante os próximos trinta anos.

Um dia, o Brasil tomará a sério a sua responsabilidade divina, quando poderemos ser os defensores de uma ciência usada apenas para a paz. Muito mais importante do que a técnica, é o amor à humanidade. A humanidade inteira poderá se beneficiar com a missão do Brasil, desde que os brasileiros tenham consciência da grandeza da missão de amor que tem nossa pátria perante a aviação. O homem será eternamente beneficiado com o progresso técnico baseado no amor. Ampliam-se ao infinito, as oportunidades deste país inigualável, ampliam-se as bênçãos a este povo que tem a missão de espalhar o amor na Terra.

Chegando a São José dos Campos, os moços dirigiram-se a um departamento do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, levando documento da empresa aérea que os contratara. Foram entrevistados pelo diretor do curso de aeronáutica civil. Quando apresentaram os documentos que demonstravam estarem quase

formados, terminando a Faculdade de Tecnologia, o entrevistador sorriu, dizendo:

- Agora se complementa o preparo com a vontade e com a inspiração.

Alojados na própria escola, começaram a estudar as peças dos aviões, nos laboratórios... e os dois soldados de outras eras pareciam sonhar. Aparelhos modernos reproduziam conceitos teóricos. No túnel de aerodinâmica, observavam reações e leis da física orientando a navegação aérea. Admiravam-se. Estavam sendo preparados para serem pilotos ou cientistas aeronáuticos?

No fim de semana, quando voltaram à Casa Verde, ao empurrarem o portãozinho de madeira do jardim colorido, a mãe de Roberto estava a esperá-los à porta. Uma avalanche de pensamentos de gratidão brotou-lhe da mente emocionada. Algo lhe dizia, como em sonhos que, depois das guerras e dos horrores, começava o pagamento das dívidas dos longínquos tempos das Gálias...

15 - APRENDENDO A VOAR

Quando a mãe de Roberto os viu, lembrou-se das primeiras aulas, quando o marido, operário na fábrica de ladrilhos, foi procurar a diretora da escola para matricular o filho. Recordou o encontro casual com Pedrinho e sua família, as tramas do destino apontando-lhes a direção na vida e, naqueles instantes rápidos, ela percebeu a mão de Deus guiando-os como a mão de um pai dirige os filhos. Naquele relance de pensamento, onde um segundo reproduz muitos anos, ela captou que o filho e o amigo estavam bem amparados, direcionados para a profissão de pilotos. Conforme beijou carinhosamente Pedrinho e Roberto, lembrou que o acidente foi a porta da oportunidade na companhia que custeava as despesas de ambos na melhor escola de aeronáutica da América Latina. Aquela era a primeira vez que voltavam para casa depois de iniciadas as aulas. Os moços entraram. Pedrinho deixou a mala na porta de entrada:

- Só vou conversar com a senhora cinco minutos, pois estou ansioso para encontrar minha mãe.

- Pelo menos dê-me a honra de servir café com bolo de fubá para o cientista voador.

Os três desataram em gargalhadas. Ela preparou um pequeno lanche e continuaram o encontro, onde a alegria adoçava mais do que o próprio açúcar. Pedrinho logo se despediu. Colocou a mala com a alça a tiracolo, desceu a rua para encontrar sua mãe na casa pequena, cheia de amor. Ela o estava esperando enquanto afofava a terra do jardim enfeitado de flores. A troca de mudas e sementes entre as duas mães amigas davam identidades próprias e perfumes parecidos a ambos os cantinhos floridos pelo amor familiar.

O pai de Roberto, como acontece com aquelas famílias que cuidam de cada pequeno centavo, comemorava a volta do filho querido. Mas, para economizar, comprou, na loja de móveis usados, um pesado banco de ipê, confortável para três pessoas. Após o exaustivo trabalho da fábrica, dedicou-se a reformar a peça antiga. Ficou linda, depois de recuperada com sobras de vernizes que ganhou numa construção. Colocado no canto direito do jardim, ao lado de um pé de dalias e de uma roseira florida, com minúsculas rosas brancas, caindo em cachos, apoiando-se no encosto e no braço do banco, o conjunto tornou-se um poema de ternura no jardim. Perto dali, havia um pé de manacá cujas pétalas brancas, lilases e roxas, combinadas com as galhadas de rosas brancas e com as dalias vermelhas, faziam da cena uma pintura de amor.

Quando Roberto viu o banco, ficou muito feliz e deu um abraço na mãe, carinhosamente pegou-lhe a mão, abraçou-lhe a cintura sobre o avental de algodão vermelho e branco com bolsos franzidos e lhe disse:

- Mãe, o avental antigo ainda está bonito, mas o que mais está bonito e enfeita a casa são seus olhos cheios de amor.

A mãe o abraçou, enxugou o canto dos olhos com as costas da mão e respondeu:

- Filho querido, Deus poderia parar o tempo para que nós ficássemos sentados aqui neste banco que seu pai recuperou com tanto carinho. Agora, conte-me as novidades, grande comandante.

Ele começou a falar das aulas, dos laboratórios, das visitas à fábrica de aviões, dos setores onde se montavam asas, turbinas, trens de pouso. Falou das complicadas aulas de física, principalmente aerodinâmica e resistência dos materiais. Contou das aulas de inglês ministradas por professor estadunidense para que aprendessem a linguagem internacional dos pilotos, dando segurança aos vôos, contou da torre de controle. Falaram, falaram, falaram...

A mala que veio a tiracolo ainda estava apoiada no banco, à sombra do manacá. O afeto entre mãe e filho era tão grande que quase não viram as horas passando. De repente, no meio do quarteirão, ouviram o bonde parar, chiando as rodas de metal nos trilhos e o motor elétrico atritando a haste metálica no cabo.

- Espere que papai chegou.

Ele esticou o pescoço por trás do portãozinho, viu o amigo querido com o macacão puído e manchado, a botina de couro com sola de pneu, os braços cheios de fuligem e fragmentos de cimento. Ao atravessar a rua, o pai levantou os olhos e sorriu. Encheu-se de orgulho, quando o filho se aproximou dele. Roberto estava elegantemente vestido com uma camisa branca de mangas compridas, presente do superintendente da companhia que foi visitá-lo. Quando ele abriu os braços para abraçá-lo, o pai lhe disse:

- Não, filho, não posso te abraçar, estou sujo.

Roberto retrucou:

- Que é isso pai? Esse abraço é o encontro mais importante e festivo da minha vida. Que se dane a camisa branca! O que vale é o coração.

O filho já estava mais alto do que o pai. Colocou a mão direita sobre seu ombro e atravessaram a rua. A mãe esperava-os no portão, e outro abraço uniu os três. A lei divina é severa, mas justa e bondosa. Os antigos guerreiros, ainda endividados perante a lei suprema, recebiam o apoio e o carinho de duas famílias impregnadas de amor.

Entraram pelo portãozinho. Ele pegou o pai pela mão dizendo-lhe:

- Moço, vamos sentar os três no banco que o senhor preparou para mim.

Ali ficaram e o assunto não acabava, como acontece quando se encontram os que se amam. O bonde aberto, chacoalhando ritmado, passava de hora em hora. Já havia passado duas vezes depois que o pai desceu. A mãe levantou-se, foi para dentro buscar uma bandeja cheia de queijo temperado que eles comeram satisfeitos. A bandeja ficou por ali, enquanto os três, sentados, continuaram no bate-papo até que a lua cheia que enfeitava o pequeno bosque começasse a brilhar nas águas do Tietê. As construções pequenas e poucas ainda permitiam que eles pudessem ver dali o histórico rio. Passava por ali uma vizinha, senhora de cabelos brancos. Ao vê-los reunidos falou:

- Que bom, o mocinho voltou. Vou trazer alguma coisa para agradá-lo.

Daí a meia hora, ela trazia uma bandeja enorme, cheia de quibes fritos. Eles colocaram sobre um toco que restou das árvores do loteamento, continuaram comendo. Fizeram que a vizinha ali ficasse, fazendo-lhes companhia por cerca de dez minutos. Logo ela se foi:

- Isto é um encontro familiar.

A felicidade morava ali naquela rua, naquela casa, no bairro da Casa Verde. A cidade foi acelerada por um tempo onde espocavam as sirenes das fábricas, urrando estímulos para os operários. Por volta dos anos sessenta, o país era sacudido pelo progresso que Brasília estimulava, quando as fábricas de automóveis espalhavam veículos feitos em São Paulo por toda a nação. A confiança no país e na capacidade do próprio povo tomava conta das consciências, pois a nação estava ávida para progredir. Naqueles dias a indústria aeronáutica, antes produzindo apenas os poéticos Paulistinhas, decidiu agigantar-se em São José dos Campos. Roberto percebeu que a Aeronáutica se desenvolveria muito rápida em nosso país, inspirada no progresso de Brasília. Esta ciência espalharia muita grandeza pelas terras brasileiras.

Conforme conversava com os pais, ouviu o bonde passar e o sino romântico que marcava as paradas bater diferente. Passava da meia-noite; era a última viagem do bonde:

- Meu Deus - disse o pai, sorrindo -, cheguei e não tomei banho.

Entraram. Logo depois, ouviu-se: - Bênção, pai. Bênção, mãe —, enquanto o casal respondia em coro:

- Deus te abençoe, meu filho.

Ao deitar-se, ele sentiu o quanto seu corpo estava cansado. Seu espírito planou longe, penetrando no passado. Voltou à Gália Cisalpina. Olhou aquela planície que dava lugar às ribanceiras dos afluentes do rio Ródano, próximo a Lião, na França. Percebeu um vulto que se aproximava, era Pedrinho. Ouviram uma voz linda, parecida ao vibrar das cordas de um violino, que penetrava na beleza da noite enluarada:

- Filhos do coração, sofredores das trilhas da vida, vocês sabem o que já passaram pelo resgate dos graves erros do passado. Trabalhem, porque ainda lhes restam algumas dívidas a serem pagas.

A voz silenciou momentaneamente, como se, numa orquestra, o violino parasse de tocar. Mas logo continuou cheia de amor:

- Trabalhem com muito amor nessa profissão grandiosa. Desviados do bem, vocês destruíram cruelmente relacionamentos entre vilas, cidades e aldeias. Agora unirão gentes e povos, nas suas viagens. No passado, populações viram aterrorizadas o estandarte dos Leões. Agora a bondade da justiça divina lhes dá nova oportunidade de pagarem seus débitos. As aeronaves de vocês serão veículos de esperança, com a missão de intercambiar, entre os homens, bons sentimentos, felicidade, grandeza, cultura, unindo tudo nos pensamentos de amor. O trabalho lhes resgatará as dívidas. Não percam esta oportunidade de pagarem até o último centavo.

Tudo cessou, como se fora o apagar de um filme. Algo, como ímã poderoso, puxou-os para o corpo que repousava nas casas dos jardins floridos. Ao acordar, trariam nas lembranças algo feito de restos de um sonho, cenas coloridas, com sons, que lhes pareciam reais.

Lá fora, a lua se abria em grandeza de prata, prateando todo o estado, enquanto, no céu, seus reflexos enfeitavam a paisagem iluminada mostrando quanto é lindo o céu brasileiro. Um avião retardatário, bem fora de hora, talvez em emergência médica, corta as nuvens feito um pássaro de prata piscando as luzes. Aterrissa na pista do campo de Marte e tudo silencia...

16 - SOBRE O RIO TIETÊ

A lua ainda deixava o seu reflexo diluído sobre as águas do rio Tietê. Parecia que toda a atmosfera se impregnava das cores românticas da rainha da noite. O vento, caminhando ligeiro em plena madrugada que ia surgindo no horizonte de São Paulo, dobrava os capins verdes e viçosos, frutos da terra fértil das margens do mais paulista dos rios. As cores da noite prateada lentamente foram se dissolvendo no horizonte, deixando no ar um toque de saudade romântica da noite que se esvaía como se fora um sonho de amor.

O sol nascia no leste de São Paulo, exatamente nos rumos das nascentes do rio dos bandeirantes. Conforme as águas corriam, as luzes do sol se infiltravam nas nuvens do horizonte avermelhando o céu, penetrando as águas do rio, com as cores do amor. Tudo ali era romantismo: à noite, a lua pintando de amor os céus de São Paulo; ao amanhecer, o sol colorindo de rosa o dia que erguia seu leque de plumas coloridas acima do planalto de Piratininga. O rio fluía calmo, mas forte e constante, parecendo que as águas, nascidas junto com o sol, no leste da grande cidade, estavam encharcadas da energia do Criador que impulsionava a locomotiva paulista, carregada de idealismo e esperança, liderando o abençoado país chamado Brasil.

Porque o sol e o Tietê nascem no leste, nas terras paulistas, as águas do rio dos bandeirantes, chegando à fronteira oeste do estado, levam a energia do amor à pátria que se difunde no gigantesco rio Paraná. Essas energias se infiltram em todos os rios do oeste do país, atingem o Paranaíba e impregnam as águas da bacia do São Francisco subindo até a Amazônia. Essa corrente de amor, nascida no Tietê, em São Paulo, une todos os rios brasileiros através do magnetismo das águas, em mais um elo da união da pátria.

Conforme o sol ia desabrochando no horizonte leste de São Paulo, as pétalas das dalias, rosas e margaridas de dois jardins da Casa Verde se enchiam de cores e luzes, espalhando perfumes, chamando abelhas parecidas a jóias de ouro, transportando o pólen numa mensagem de amor e esperança. O sol abriu-se em luzes nas

pétalas dos jardins que enfeitavam a rota dos aviões para o campo de Marte.

Do outro lado, além da veneziana onde brilhavam as cores do jardim, um moço percebia o dourado do astro-rei preenchendo, com sua beleza, as frestas da madeira pobre. Quase ao mesmo tempo, alguns minutos antes do tilintar dos despertadores, outro moço despertava.

Quando Roberto viu o raio de sol penetrar na penumbra matinal do seu quarto, deu um salto, pensando:

- Está na hora de nos prepararmos para a viagem!

Percebeu o som de panelas chocando-se com a chapa de ferro do fogão. A mãe, colaboradora incansável, preparava o café para ele viajar de volta a São José dos Campos e para o pai ir à fábrica de ladrilhos. Ao ruído dos metais na cozinha, uniu-se o cheiro do café. Logo depois, os três familiares sentavam-se à mesa, saboreando o alimento aquecido no fogo e adoçado com amor. Quando as últimas rajadas da garoa nas proximidades do Tietê eram vencidas pelos raios do sol, ouviu-se o ranger do portãozinho que se abria na entrada do jardim. Uma voz jovem grita feliz:

- Piloto de jato, está na hora de preparar a decolagem.

Os três foram encontrar Pedrinho no jardim. Os moços iam à Escola de Pilotos, em São José dos Campos.

A mãe de Roberto, gentilmente, coloca nas mãos um pires contendo uma xícara de café para o jovem. Ele tomou aquele símbolo da amizade brasileira, ali mesmo entre as flores. Após os abraços da senhora, ambos descem junto com o pai, que os acompanhava à parada do bonde. A máquina pesada, sulcando o solo de São Paulo com os trilhos resistentes, avançou empurrada pela eletricidade que ia lançando ruídos no ar com o atrito das partes metálicas. Fagulhas nas emendas dos fios soltavam sons de choques elétricos. Os moços, sentados nos bancos de madeira marrom fixos por hastes de ferro pintadas em tom um pouco mais escuro, iam em silêncio, mas com as feições felizes, enquanto os passageiros iam bocejando sonolentos, atravessando a garoa que embaçava o sol, principalmente nas áreas de ar mais úmido, próximas ao Tietê.

Chegados à praça da República, o bonde abriu suas portas, despejando sob as árvores centenárias os passageiros apressados. Os moços iam carregando suas valises com roupas, alguns livros, apostilas, docinhos e bolachas, nas quais as mães teimavam em colocar açúcar e afeto. Foram andando rápido para o ponto de ônibus, na avenida Ipiranga, onde os esperavam a condução que os levaria a São José dos Campos.

Estaciona ali a máquina enorme. Enquanto os passageiros sentam-se dentro do ônibus, lá fora o sol de São Paulo, ainda frio, dá bom-dia aos que passam pela movimentada avenida. Da janela do veículo, Pedrinho observa, na praça, um prédio de arquitetura antiga cheio de nobreza no seu estilo severo e ao mesmo tempo suave, transmitindo grandeza moral e cultura, típicas das tradições paulistanas. Coberto em parte por algumas árvores, sua presença na tradição histórica estava lá com a grandeza que espalhou aos educadores de todo o Brasil: a Escola Normal Caetano de Campos. Pedrinho olha o edifício nobre e pensa o quanto aquela casa fez pela cultura do Brasil.

O acelerador do ônibus fez roncar mais alto o motor diesel. A máquina se agitou ao ruído da porta se travando, o motorista colocou o seu boné elegante. Ia trajado de mangas compridas e gravata.

O ônibus atravessou a cidade na direção da via Dutra. Logo estariam em São José dos Campos. Os moços abriram as pastas de couro que carregavam dentro do veículo e, esquecidos da beleza dos campos que se espalham ao redor da grande rodovia, mergulharam nas lições de meteorologia. No início da tarde, teriam uma prova. Logo estavam no alojamento da escola de pilotos de São José dos Campos. Voltavam à rotina dos estudos. No dia seguinte, o professor avisa à turma que iniciariam vôos a jato nas cabines do laboratório da escola. Assim aconteceu, durante uma semana. Os testes eram tão reais, os vôos simulados tão perfeitos, que os moços tinham a sensação de estarem dentro das cabines de comando dos aviões.

17 - FORMANDO DOIS GRANDES PILOTOS

Os dias foram se passando no estudo, nas aulas práticas, nas longas horas dos laboratórios de vôo e na biblioteca repleta de livros para pesquisas. No fim de uma aula, o coordenador do curso alertou que um grupo, na manhã seguinte, iria participar do vôo de um equipamento de duas turbinas a jato. O coordenador sorriu ao ver a reação de felicidade de todos. Pedrinho e Roberto, como os melhores alunos, iriam participar do primeiro vôo. Chegados ao alojamento, estudaram até bem tarde e foram descansar. A ansiedade não os deixava dormir. Os dois ficaram acordados até tarde:

- Meu Deus, se não dormirmos, por causa da ansiedade, não vamos aproveitar a aula prática.

Pedrinho gargalhou:

- Se eu demorar a pegar no sono, daqui a pouco vou a pé para o hangar e lá espero o dia amanhecer.

Riram e adormeceram.

A manhã surgia calma e o sol risonho enchia o céu de São José dos Campos de luzes e alegria. Os moços, em número de quatro, estavam na cabine de comando, enquanto os outros trinta iam como passageiros.

Pequeno trator empurrou a máquina para fora do hangar. As turbinas foram ligadas, funcionando suavemente. Os sinais da torre de comando e das bandeiradas dos auxiliares em terra indicavam que o piloto já poderia taxiar até a cabeceira. Pedrinho, num assento especial, estreito e apertado, estava ao lado do comandante do vôo, Roberto, junto ao co-piloto. Uns ficaram ao lado do rádio telegrafista, outros, ao lado do mecânico de bordo. A alegria dos moços era enorme. Autorizada a decolagem, a máquina começa a correr. De repente se desprende do solo, sobe.

Roberto, com as mãos sobre o manche, segurava-o suavemente, enquanto o comandante colocava a aeronave na altura de cruzeiro. Aqui os dois moços perceberam a diferença do vôo visual e do navegar por instrumentos. A máquina dirigiu-se para o leste e logo

sobrevoavam as praias de Ubatuba, penetrando o espaço aéreo sobre o oceano. Já na velocidade de cruzeiro, o comandante orientou Roberto como fazer curvas bem suaves sobre o oceano. Deu-lhe determinada direção para que ali pusesse o eixo da aeronave. Roberto subiu, desceu, baixou, utilizou-se dos gigantescos flaps das asas, mergulhou o nariz da máquina. O comandante-professor observava-o satisfeito, ao passar para Pedrinho o comando. Cumprimentou Roberto, explicando-lhe que a dedicação era o principal atributo para tornar-se um bom piloto. Houve pousos e decolagens. Foram se revezando as turmas dentro do avião. O meio-dia já exigia que um lanche fosse servido. Alguns comissários de bordo, também em treinamento, apareceram entre os alunos para fazerem o seu trabalho. As três horas da tarde, aterrissaram. Roberto segurava o manche secundário, enquanto o professor colocava a aeronave no solo num pouso que se costuma chamar de "pão com manteiga", de tão suave. O ruído dos pneus tocando no solo, com a fumaça do atrito vista por alguns pelas janelinhas, alegrou o comandante.

Os freios da turbina, cujas palmas abertas seguravam o fluxo do gás quente que saía em alta velocidade das turbinas, invertiam o impulso no mecanismo de ação e reação. A aeronave no solo foi perdendo a velocidade. Continuou taxiando e foi se encostar ao hangar da escola. Quando os alunos desceram, tinham nos olhos um brilho de entusiasmo.

Aquela época, quando brilhava nos céus do Brasil a mensagem da esperança escrita no planalto Central, gravada em cada pilar, em cada parede dos edifícios de Brasília, tudo transpirava otimismo e determinação. Um pouco antes, no ano 1958, a imprensa noticiava que, por causa do grande número de ofertas de trabalho no Rio de Janeiro, o índice de criminalidade diminuía a níveis inacreditáveis. A satisfação de ter trabalho, com possibilidade de escolhê-lo de acordo com as características psicológicas de cada trabalhador, fazia do Brasil uma nação feliz. 1958 ficou escrito na história como o ano que nunca deveria ter se acabado. Aquela época, por reflexos psicológicos gerados pelo respeito internacional que Brasília trazia ao Brasil, o brasileiro equiparava-se, em auto-estima, aos povos

mais poderosos do planeta. A nação inteira unia-se no respeito mútuo que só o trabalho honesto proporciona. Crescíamos felizes.

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira era inspiração constante para que o país continuasse trilhando os caminhos da ordem e do progresso. A atmosfera de Brasília, ou o sonho de grandeza nacional, se espalhava por todo país. Enquanto o respeito, reflexo das atitudes do presidente progressista, norteava o povo, o país caminhou seguro na direção do seu glorioso destino. Quando as forças do ódio mancharam os horizontes do nosso futuro, através de uma sublevação militar sem planos e sem propósitos, o país caiu numa noite negra de lodo, de gritos e choro, de lágrimas de sangue, de dores e de medo.

O grande presidente, democrata autêntico, foi impedido e amordaçado, calada sua palavra de otimismo, que reerguia a confiança e o amor dos brasileiros. A nação brasileira, tendo recebido de suas mãos dezenas de aeroportos em todos os estados do país, principalmente no Norte e Centro-Oeste, necessitava de um número imenso de pilotos, técnicos, comissários, mecânicos de vôo, controladores de tráfego aéreo, enfim todos aqueles ligados à navegação aérea, tão indispensável num país de dimensões de um continente como é o Brasil. Vieram, porém, os tropeços. Os soldados saíram dos quartéis, o lugar que lhes foi reservado pelas tradições de paz da pátria, e cavaram sepulturas que enchiam de dor, lágrimas e de medo. Esquecidos do amor, os que deveriam auxiliar nossa gente a crescer espiritualmente, perseguiram nosso povo. Os dirigentes se embrenharam na política truculenta, desviando o Brasil dos caminhos democráticos da paz.

Quando os porões escuros da ditadura sem alma transformaram-se em ninhos de crueldade, as tradições de paz deste povo magnífico foram esmagadas na escuridão do desequilíbrio e da insânia. De lá para cá, difundiu-se a tradição do deboche à nação e do desrespeito às nossas mais sublimes aquisições morais. Ampliou-se a falta de justiça e respeito à cultura brasileira. Poderosos, moralmente enegrecidos, tomaram conta das máquinas de fazer diplomas sem oferecer o preparo intelectual indispensável à cultura da pátria. A escola, mostrando multidões de estudantes de cursos que parecem verdadeiras anedotas, perdeu o endereço da

decência para enganar, fingindo ensinar, enquanto os estudantes pagam e fingem aprender. Sem a cultura sólida, as lideranças se esfacelaram. Sem as lideranças culturais, os grandes empresários brasileiros perderam os pilares de sustentação. Sem empresários líderes, a indústria brasileira, os bancos brasileiros, as companhias brasileiras foram entregues, de presente, ao controle de sanguessugas, sem compaixão, de entidades internacionais que jamais se preocuparam com o bem-estar do homem brasileiro, mas que se ocupam em dominá-lo. Chegam essas entidades ao auge do desequilíbrio, colocando o planeta à beira de uma catástrofe ambiental irreversível. A corrupção ameaça desmontar a estrutura básica do país independente, com a cruel desculpa da globalização.

Grupos internacionais entraram nas nossas fronteiras sem nenhum respeito ao trabalho das gerações que aqui vivem durante cinco séculos. Desarticularam as nossas vias férreas para que as garras de aço das fábricas de automóveis se encravassem em nosso território. Desrespeitando o país, esses grupos invadiram nossas florestas, defendidos por maus brasileiros, para destruírem nossas riquezas naturais. Alguns, que teriam a missão de preparar as multidões para o século do conhecimento espiritual, desviaram-se, apesar de saberem o quanto é doloroso viver sem cultura. Muitos dirigentes esqueceram que a grandeza espiritual do povo brasileiro exige deles dedicação e honra para exemplificar, ensinando ao povo conceitos de elevação espiritual, ligados ao patriotismo e à dignidade do país.

A justiça ultrajada zomba do próprio direito e das tradições cristãs. Parte dos políticos brasileiros zomba da pátria, esquecendo da honra devida ao país. Deturpando propostas pedagógicas respeitáveis, leis absurdas, criadas para deterem nosso desenvolvimento moral, espiritual, científico e tecnológico, criaram a promoção automática nas escolas, cometendo o absurdo de dar a recompensa sem o esforço.

Os dirigentes se esqueceram de exemplificar que, na vida, o direito é fruto do dever bem cumprido. Assim as massas populares são dominadas pelos produtores de notícias, lançadas aqui e ali como brinquedos das consciências perversas de muitos que deveriam proteger a nação.

A insuficiência da justiça desrespeita o relacionamento entre os cidadãos, porque se esquece de que o direito de um termina onde começa o direito do seu próximo.

18- CONHECENDO O MELHOR PAÍS DO MUNDO

Com mais de trinta alunos, as viagens de treinamento continuaram. Cada estagiário, entre pilotos, co-pilotos, engenheiros de bordo e comissárias, estava se preparando para diversas funções dentro da companhia, cujo avião de instrução era cuidadosamente equipado. Pedrinho e Roberto se desenvolviam de maneira admirável. Logo começaram a voar junto às tripulações dos aviões de carreira da companhia. Por feliz coincidência, foram colocados juntos no primeiro vôo de São Paulo a Manaus, fazendo várias escalas até chegar à capital do Amazonas. A notícia lhes foi dada numa quinta-feira, no final do período de aulas. Na sexta, foram dispensados no início da tarde. Os outros colegas, com uma ponta de inveja, cumprimentaram-nos pelo sucesso.

Quase três meses antes do tempo previsto, o curso teórico terminou para os dois amigos. Qual foi a surpresa dos familiares de ambos, quando chegaram em casa tão cedo, naquela sexta-feira. Desceram do bonde e entraram no jardimzinho todo colorido da casa de Roberto. Sua mãe, que estava varrendo a sala de tábuas largas de madeira, deu um grito de alegria:

- Que surpresa, meu Deus, meus queridos pilotos chegaram.

Abraços e beijos saudaram o reencontro. Ansioso para contar a novidade, Roberto explicou:

- Fomos dispensados das aulas teóricas. Por bom aproveitamento, temos o privilégio de começar a voar para várias cidades brasileiras, antes de todos os colegas.

A mãe, feliz e orgulhosa, bateu palmas, gritando:

- Parabéns, parabéns! Quando o papai chegar vai se animar com a notícia.

A casa modesta pareceu encher-se de amor. Ela chegou a comover-se quando seu filho e o amigo disseram aonde iriam. Era

uma das rotas mais longas dentro do território nacional. Ela forçou Pedrinho a ficar para o lanche:

- Mas, tia, minha mãe também me espera.

- Vamos comemorar. Em troca deixarei Roberto ir dar a notícia à sua mãe, junto com você.

Todos sorriram, concordando.

Enquanto ela colocava no fogão a chaleira de ferro para ferver a água para o café, e cortava o bolo de fubá que fizera de manhã, pensava na bondade de Deus, que deu às famílias de dois operários humildes trabalho de elevado padrão técnico, como o de piloto comercial, na maior companhia brasileira de aviação.

Aquela época, a juventude que se formava nas escolas de tecnologia era aproveitada para a arrancada do gigante que, antes "deitado eternamente em berço esplêndido", levantou-se para a grandeza. A partir do ano de 1958, sobravam vagas na indústria, na agricultura, no comércio. Os jovens olhavam o futuro com esperança. A felicidade se espalhou. O estudante que terminava a escola técnica ou a faculdade tinha um emprego para aplicar o conhecimento que adquiriu nos bancos escolares. O ensino de alto nível distribuía-se pelo país, exigindo dos alunos muita dedicação, porque só eram promovidos depois de exames rigorosos. O Brasil, um país de dimensões continentais, pediu investimentos em tecnologia e em capital humano. Um mundo de oportunidades abria-se na aviação comercial brasileira. Aeroportos começaram a proliferar, oferecendo segurança nos vôos por todo o país. No Norte, no Sul, no Centro-Oeste e no Nordeste, pistas bem construídas e bem cuidadas, como tapetes de esperança, acolhiam máquinas, novas técnicas e populações em todo o Brasil.

O Aeroporto de Santa Genoveva, em Goiânia, continuou a inspiração que Brasília transmitiu para o sul e influenciou o desenvolvimento do aeroporto de Uberlândia. Pistas de vôo, estações de passageiros, torres de controle equipavam-se com aparelhos modernos. Máquinas modernas eram compradas no exterior, porque o progresso exigia das autoridades atenção para a aeronáutica, setor indispensável na vida econômica do Brasil. No Nordeste, os aeroportos de Recife, Maceió, Salvador, São Luiz, e, no Norte, Belém e Manaus ampliavam-se. Surgia outro, até na

longínqua Roraima. No Acre, em Rio Branco, o aeroporto também se modernizava sob a inspiração de Brasília. Porto Velho recebia o progresso aéreo e a Amazônia começava a ser protegida pela segurança dos vôos espalhados por aeroportos modernos e por aparelhos de última geração.

Cuiabá, o centro da América do Sul, junto com Campo Grande, dava o apoio técnico para segurança do vôo na Amazônia. De Brasília, interpenetravam-se as ondas do radar, cobrindo as rotas aéreas. No interior de São Paulo, estações do Cindacta recebiam a malha protetora para aviões de todos os portes. Otimismo e confiança inundaram os corações, durante os anos dourados do progresso jamais visto na história do país. As atitudes firmes do governo espalharam oportunidades de trabalho por todo o território nacional. Pedrinho e Roberto eram apenas dois, entre milhões de moços envolvidos no progresso, querendo trazer o futuro aos caminhos do Brasil. Terminado o lanche, os dois moços se dirigiram à casa da outra família.

Logo depois, chega o pai de Roberto e a alegria se multiplica.

Pedrinho tem de se despedir. Seu pai, que já recebera a notícia do seu retorno antecipado, esperava-o junto ao portãozinho de madeira. Ao vê-lo, acompanhado do amigo, saiu à calçada sorrindo feliz para encontrá-los; colocou no ombro do filho a mão calejada, manchada de tinta da fábrica de ladrilhos. O moço, entusiasmado, ia descrevendo os acontecimentos. O pai olhava-o emocionado. "Quanto um governo digno pode fazer por um país!", pensava. "As atitudes dignas e equilibradas de um governo sério interferem na intimidade dos lares, trazendo-lhes felicidade."

Apesar da baixa formação escolar, o pai de Pedrinho era observador inteligente. Naquele momento, começou a analisar a bênção que era a riqueza distribuída através do trabalho. Quanto mais rico for o país, quanto mais justa for a distribuição da riqueza, mais felicidade haverá. A elevação social com justiça é feita nos degraus da escola. "Meu filho poderá atingir o topo da sociedade", pensava. O país justo, baseado numa sociedade justa, é aquele que reparte a riqueza natural que Deus deu a todos. Distribuindo a abundância, a riqueza se multiplica. Multiplicando a riqueza, a sociedade se torna mais humana. Quando se dividem os benefícios

produzidos pelos recursos naturais, estes estimulam o progresso que a escola impulsiona. Comemorando, o pai imaginava a importância do primeiro emprego. Num país riquíssimo como o Brasil, ninguém deveria ficar sem trabalho, nem passar privações.

A alegria continuou no bate-papo. No sábado de manhã, enquanto o jovem dormia, o pai foi comprar-lhe uma mala em uma loja no centro da cidade. O presente foi deixado sobre a mesa da sala. Quando o moço saiu do quarto, exultou de alegria.

Ao receber os agradecimentos, os pais fizeram votos para que as bênçãos de Deus acompanhassem o piloto nas suas viagens, aonde fosse com aquela mala. Aquele objeto, muito bem fabricado, acompanhou o moço piloto por quase vinte anos. Os colegas até brincavam com ele por causa do estado da mala.

- Foi o meu presente pelo primeiro vôo - ele sorria. - E meu amuleto, me dá sorte para voar. Não importam os riscos, o que interessa é o amor que está impregnado em cada peça desta mala.

As duas famílias se reuniram para comemorar. O sábado passou. Os moços estudaram a rota São Paulo - Campo Grande - Cuiabá - Brasília - Belém - Manaus. Os corações estavam imensamente felizes.

Os moços descansaram no domingo. As duas famílias saíram à tarde para um piquenique no parque Ibirapuera, onde passaram o dia. O pôr-do-sol já anunciava a hora de voltarem. Pedrinho lembrou-se de que, na manhã seguinte, pegaria o ônibus da companhia para o aeroporto. A emoção fez o coração disparar.

Ambos acordaram bem cedo. As mães, em cada casa, aprontaram o café. Roberto também recebeu do pai a primeira mala de presente. Seria paga em longas prestações. Ambas as famílias se juntaram, próximas à parada do bonde. O ônibus, quando virou a esquina, apareceu enorme, branco e azul, com uma faixa dourada no meio onde estava escrito o nome da companhia. Eram os primeiros passageiros. O motorista abanou a mão para os familiares. Felizes e emocionados, os moços viraram o rosto para trás, quando o ônibus dobrou a esquina. Enquanto o ônibus, cheirando a tinta nova, se deslocava na direção do aeroporto de Congonhas. Os dois casais voltaram para casa.

Pedrinho e Roberto sentaram-se nos primeiros lugares do ônibus, com mais três pilotos de outros vôos da companhia. Juntos iam mais de vinte funcionários, entre comandantes, comissários de bordo, pilotos e mecânicos que se dirigiam a Congonhas, de onde sairia o vôo.

Por mais longa, qualquer caminhada começa no primeiro passo. Aquele era o primeiro passo no roteiro de muito trabalho, muitas preocupações, angústias, medos, glórias e saudades.

19 - CRUZANDO OS CÉUS DA AMAZÔNIA

Ao retornarem da viagem a Manaus, após aquelas aulas valiosas a respeito da arte de voar, Pedrinho e Roberto ficaram dois dias em casa, esperando a convocação para outro vôo. Ao saber que fariam a rota São Paulo - Rio Branco, animaram-se para conhecer o extremo oeste do país, o estado do Acre. Novas experiências se juntariam às que iam guardando para o futuro.

Iniciou-se o vôo, a nova aventura na Amazônia alegrava-os. Após um trajeto tranqüilo, iniciavam a descida na cidade de Campo Grande, jóia rara construída no Brasil central, refletindo a tenacidade de um povo muito trabalhador. Quando o avião pousou, Pedrinho e Roberto, em nome da companhia, foram à porta de saída despedir-se dos passageiros que desembarcavam. Quando a porta se abriu, todos se sentiram entrando num forno de assar pães, tamanho era o calor da região. Mas a capital do Pantanal cativou-lhes o coração. Já ao cruzarem o céu do Mato Grosso, percebiam, abaixo do nível em que voavam, enormes bandos de tuiuiús se deslocando sobre o Pantanal. Aquele nicho ecológico é um dos maiores criadouros de animais do planeta. Os dois moços estavam muito felizes por estarem conhecendo a grandeza do Brasil. Viam a natureza deslumbrante, refletindo o amor de Deus que criou todas aquelas maravilhas: o rio Paraná, o rio Paraguai, o Coxim, o Miranda, o Taquari, o Cuiabá. Todas aquelas águas despejavam vida na intimidade da planície onde se formavam pássaros, peixes e mamíferos. Visto do alto, o Pantanal parece gigantesco oásis,

irrigado por águas que alimentam milhares de espécies de peixes se espalhando pelos rios e lagos, distribuindo fertilidade e abundância. As águas tranqüilas pareciam caudais de esmeraldas líquidas espalhando a cor da esperança.

Aproximando-se de Cuiabá, os pilotos, conhecedores de história, imaginavam os rastros das botas destemidas do bandeirante Pascoal Moreira Cabral marcando o solo, para fundar a cidade em 1719. Na paisagem deslumbrante, ao redor do rio Cuiabá, cresceu a capital alicerçada no ouro que brotava das águas. Os bandeirantes, paulistas desbravadores, formaram as ruas antigas, criando o centro histórico. A cidade foi se expandindo com as construções modernas. Movidos pela ânsia da descoberta de ouro e pedras preciosas, os bandeirantes foram instrumentos para o engrandecimento do país, semeando o futuro e fixando, naquelas terras encharcadas de esperança, a mensagem do porvir. O ouro das margens dos rios e riachos era abundante e poderia enriquecer muito a cidade. Se estivessem lá apenas pelo ouro, poderiam permanecer naquelas paragens por mais de um século. Eles, porém, tocados por uma força que não entendiam, deixavam as minas em franca produção para mergulhar no desconhecido das selvas e dos campos sem fim. Os desbravadores seguiram como se algo ou alguém os empurrasse até as fronteiras com o Peru. O que os impelia a deixar para trás a riqueza já descoberta e seguir com as bandeiras e monções, abrindo as cortinas da selva, buscando novos horizontes de aventuras? Na ambição de conquistar as terras virgens, eles continuaram a caminhada, formando cidades, levando a civilização onde havia a selva, apenas a selva. Com isso, iam levando mais para oeste as fronteiras, dilatando o território do Brasil.

Pedrinho via cenas reais naquele curso de brasilidade. Quando a aeronave pousou, vendo tanta grandeza, ficou orgulhoso do seu país e sentiu-se abençoado por Deus.

De Cuiabá seguiram para Porto Velho, capital do estado de Rondônia, homenagem do Brasil ao marechal Rondon, o desbravador que contatem dezenas de tribos que viviam isoladas nas selvas, conquistando-os para a cidadania brasileira. Rondon aproximou-se com a mensagem de paz, de profundo significado cristão: "morrer se preciso for, matar nunca". Rondon era guiado por

aquela força que só tem os idealistas que vivem e são capazes de morrer pela grandeza do país.

Quando Roberto viu a cidade de Porto Velho brotando da floresta Amazônica, cheia de vigor, emocionou-se. De Porto Velho a aeronave levou-os a Rio Branco, no Acre. Voando baixo, viam o tapete verde luxuriante da maior floresta do planeta. Durante o vôo, Pedrinho e Roberto admiraram gigantescos rios da bacia Amazônica. Lá embaixo estava o Madeira, barrento, serpenteando pela selva como gigante que baliza o futuro, juntando-se ao Amazonas centenas de quilômetros abaixo.

Durante o vôo, usavam os binóculos emprestados pelo comandante com quem voavam. Lá das alturas, foram conhecendo a terra que sobrevoavam. Aprendiam muito a respeito da pátria, vendo seus rios, suas cachoeiras, suas vilas, suas aldeias indígenas e muitos animais. O comandante lhes ensinava que é muito bom conhecer a terra sobre a qual se voa. Num caso de necessidade, poderiam até se guiar por vôo visual, utilizando um rio, uma cachoeira, uma serra ou uma estrada. Se houvesse algum problema com o rádio de bordo ou qualquer instrumento de navegação, o conhecimento da região auxiliaria a tripulação a voar numa das áreas do planeta mais desprotegidas de aparelhos de segurança de vôo.

Voando para Rio Branco, eles viram, no meio da selva, o rio Madeira, o rio Abunã, o Purus e seu afluente, o rio Acre, que se prolonga na intimidade da selva e passa junto à capital. Aquele emaranhado de caminhos feitos de água, unindo o Solimões ao Madeira, ao Tapajós e ao Xingu, lançando-se em turbilhão líquido por entre a floresta, forma os grandes rios da Terra.

Durante o vôo sobre o Acre, Pedrinho percebeu que aquele estado não possuía montanhas e não viu pedras. Ele verificou mais tarde que, em Rio Branco, quase tudo é feito de tijolos, até o calçamento de muitas ruas. Quando pousaram, o calor era o mesmo de uma fornalha aberta. A temperatura era tão alta que os cansava muito. Todos ficaram exaustos, obrigando a tripulação dormir às oito e meia da noite. Descansaram em Rio Branco apenas dezesseis horas e retornaram a São Paulo. Próximo a Porto Velho, a chuva torrencial chicoteava violentamente a aeronave, impedindo-a de

pousar no aeroporto. Estas tempestades, onde a água cai dos céus em torrentes gigantescas, são comuns na Amazônia.

20 - A VIOLÊNCIA DA TEMPESTADE

As chicotadas da chuva, batendo na fuselagem, faziam um barulho infernal dentro da aeronave, parecendo que gigantes rolavam imensos tambores de metal pelas escadas do infinito. Os trovões, roucos e raivosos, respondiam às chibatadas de fogo dos raios, cortando as nuvens, fragmentando o céu, parecendo galhos de árvores de fogo acesas pela natureza em fúria. Juntando-se à violência dos elementos, o vento empurrava a máquina com suas turbinas possantes, jogando-a de um lado para outro, como se fosse um barquinho de papel navegando num lago furioso. Os cintos de segurança foram apertados por ordem do comandante. Os jovens pilotos, controlando as emoções, olhavam-se assustados. De repente, o vácuo aspira a aeronave para baixo, como se fosse imenso abismo no ar. O avião geme os motores, tentando reequilibrar-se ante a violência da tempestade. As bagagens de mão nos bagageiros, acima das cabeças, caem nos corredores e o pânico se instala. Um golpe de vento joga a ponta da asa esquerda para cima. Mesmo com os cintos apertados, os passageiros se amontoam sobre o vizinho da direita. O pavor se reflete nas faces.

O comandante preocupa-se, porque já iniciara os procedimentos para aterrissagem. Os pilotos sabiam que o mais grave nessas situações é a perda de altura e, conforme a topografia do terreno sobre qual se voa, a aeronave pode se espatifar contra algum monte ou montanha. Felizmente Rondônia tem raras montanhas, muito poucas colinas. A selva ali é um tapete uniforme verde e plano. O mais difícil, para os jovens pilotos ainda não acostumados ao vôo por instrumentos, era que não viam um palmo além do nariz da aeronave, pois a chuva abundante e o vapor que se formava no ar aquecido faziam da rota um labirinto no céu onde navegavam.

Barômetros e altímetros, bússolas e rádio - modernos compassos da navegação aérea - pouco lhes ajudavam naquela confusão da atmosfera revoltada na tempestade. O comandante pediu calma, explicando que, apesar do desconforto, por ser região plana, o risco era pequeno. Porém, por precaução, arremeteu, ganhando altura e passando por Porto Velho sem vê-la. Apenas Pedrinho, com seus olhos curiosos, conseguiu enxergar, por um vão entre as nuvens, o rio Madeira lá embaixo.

A aeronave ganhou altura para atingir camadas de nuvens mais tranquilas. As informações meteorológicas diziam que por muitas horas o tempo na região continuaria instável. O comandante conversou com a tripulação e resolveu cancelar aquela escala em Porto Velho, rumando para Cuiabá. Quando o tempo melhorou, apagaram-se as luzes de emergência dentro da aeronave. O comandante explicou aos passageiros que fenômenos como aqueles não são raros, mas sempre muito desconfortáveis e preocupam muito, apesar do pouco perigo. Ele tinha informação que lá na frente, em Cuiabá, o tempo estava chuvoso, porém, sem ventanias, trovões ou relâmpagos.

A jornada continuou. Voavam serenamente na altura de cruzeiro, na rota firme. Aproveitando a oportunidade de ensinar, o comandante explicou a Pedrinho e Roberto que o bom piloto não é aquele que sai de uma situação perigosa, mas aquele que não entra nela. Por isso, julgava que a decisão de cancelar a escala em Porto Velho foi correta.

No horizonte distante, via-se o avião perdendo altura como se descesse por uma rampa gigantesca e acidentada estendida no ar, em direção do aeroporto de Cuiabá. Sacolejando, chegariam lá. Fora das nuvens, viram no horizonte uma cena grandiosa: os meandros do rio Cuiabá, se espalhando na mata, parecendo serpentes enormes que penetravam na selva deslizando para o sul, para contribuir na formação do Pantanal mato-grossense. Quando o avião circulou sobre a cidade, Roberto, como ávido leitor que era, se lembrou da história dos bandeirantes que fincaram suas botas naquela região, na depressão formada pelo leito do rio, onde as bateias separavam o ouro e a areia do solo cuiabano. Entre os pingos da chuva, ele viu pelo pára-brisa a capital moderna

emoldurada pelo rio Cuiabá. Os edifícios lançavam-se aos céus inspirados no amor ao trabalho. Conforme a aeronave perdia altura, buscando a pista do aeroporto, ele notou a diferença entre a cidade histórica e as construções modernas ao redor. Ouviram-se os ruídos do trem-de-pouso se abrindo, os flaps aerodinâmicos levantando-se das asas e o ruído dos reversores das turbinas freando a máquina prateada. Quando os reversores se soltaram, a aeronave parou de vibrar e deslizou suave na pista, procurando os portões de desembarque. Ao parar, o comandante experiente pediu para Pedrinho e Roberto examinarem a fuselagem. Ele tinha quase certeza, pela violência dos ruídos da ventania, que alguma parte do corpo do avião deveria estar danificada. Eles desceram pela escada, antes dos passageiros. De fato, na traseira da fuselagem, no lado esquerdo acima da cauda, havia um amassado no alumínio com mais de dois metros de comprimento por sessenta centímetros de largura. Felizmente, as partes vitais como o leme e a cauda não foram atingidos. Relataram ao comandante os seus achados, opinando que não havia perigo em continuar o vôo. Técnicos da companhia aérea, em Cuiabá, foram consultados. Os passageiros desembarcaram e a aeronave foi minuciosamente examinada. Não havia problema para o prosseguimento do vôo. O tempo perdido na pesquisa foi compensado pela passagem, sem escala, por Porto Velho. Os passageiros que deveriam desembarcar na capital de Rondônia seriam transferidos para outro vôo que vinha de Campo Grande. Os moços, naquela ocasião, tiveram seu 'batismo de fogo', ou de água e vento, conforme brincou Roberto. Vinham acumulando experiências com as horas de vôo. Todos reembarcaram. O comandante explicou aos passageiros que voariam sem problemas até Campo Grande e São Paulo.

A decolagem, apesar da pista úmida, foi normal. Ultrapassaram as nuvens de chuva, que foram diminuindo. Agora voavam tranquilos e logo chegaram à imaginária rampa de descida. Atravessando as nuvens chuvosas, com muitos solavancos, aproximam-se da bela capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Com suas áreas verdes, belos parques, mostrando ao seu redor o respeito ao meio ambiente, com o progresso caminhando junto ao bom senso para conservarem o Pantanal maravilhoso. Do

alto, viam-se os verdes cenários encharcados de água e gigantescas árvores mergulhadas no imenso lago formado pela chuva na planície ampla. Pela beleza daquele cenário, os pára-brisas da aeronave transformavam-se em tela deslumbrante, como nenhuma outra que Deus criou na Terra. No pouso tranquilo tocaram o solo.

Logo mais, com a troca de passageiros, dão um novo salto nos céus, até Brasília. O tempo melhorou, o comandante observava o comportamento dos moços e deixava o comando nas mãos de Roberto, enquanto a máquina deslizava tranqüila pelos céus do Brasil central. Enquanto as turbinas empurravam a aeronave através das nuvens, o jovem Pedrinho ia pensando na beleza da profissão de piloto, na contribuição que ele poderia oferecer a um país de dimensões continentais como o Brasil. Aproveitando a serenidade do vôo, ia pensando na nobreza do trabalho que transporta cultura pelos céus do país. Imaginava, porém, a responsabilidade daqueles que, em terra, garantem a segurança do vôo, como o controlador das torres, no seu posto de sérias tensões emocionais; pensava nos operários, calculistas, engenheiros, construtores e empreiteiros que fazem as pistas, que calculam os aterros quando estes suportam o asfalto e aeronaves pesadas que aterrissam batendo os trens de pouso com pesos gigantescos. Considerava que um vôo seguro precisa de equipe tranqüila, bem preparada numa cadeia de inteligências profissionais responsáveis. Se apenas um elo dessa corrente magnífica falhar, poderá causar catástrofes com perdas de vidas preciosas.

O jovem piloto aprumou-se na poltrona, desviou o pensamento para as turbinas que nas alturas empurravam o avião na direção do próprio destino, levando homens, ciência, tecnologia, alimentos, mercadorias, medicamentos, enfim, frutos do trabalho coordenado de todo o país. A aparelhagem eletrônica indicava a aproximação de Brasília. Roberto entregou o controle da aeronave ao comandante e, junto a Pedrinho, ficou observando os procedimentos de aproximação do aeroporto, na aterrissagem.

Lá embaixo, a cena grandiosa do trabalho de todos os brasileiros mostrava os edifícios que pareciam brotar suavemente do chão, cortando o horizonte do céu goiano, com formas de sonhos que só a genialidade dos arquitetos brasileiros Lúcio Costa e Oscar Niemeyer

pode oferecer ao mundo. Pedrinho e Roberto, mesmo observando os procedimentos de descida, tiveram tempo para observar o lago Paranoá, que se estendia como gigantesco diamante líquido, encaixando-se na terra impregnada de futuro e encharcada de grandeza - a nossa Brasília. Logo mais, os pneus resvalavam no asfalto. Chegavam à capital da esperança.

O cansaço, fruto da tensão emocional mais do que o trabalho físico, foi tomando conta de toda tripulação. Roberto suspira fundo:

- Mais um salto no ar e estaremos em casa, companheiro.

Chegaram a São Paulo. Os dias foram se desenrolando, transmitindo experiência, criando preocupações, vencendo decepções, mas, acima de tudo, confortando-os no sentimento do dever retamente cumprido coroados-lhes as horas.

21 - O GRANDE PILOTO SE DESPEDE

Certo dia, depois de retornarem de Buenos Aires e Porto Alegre, com o comandante e o instrutor amigo, pousam em São Paulo. Desembarcam. Muitas comissárias de bordo, carregando lindos buquês de flores, cumprimentam com sorrisos o comandante, que desce as escadas pela última vez, pois no dia seguinte se aposentaria. Pedrinho e Roberto o respeitavam muito. Eles acompanham o mestre na passagem daquele corredor das comissárias, com dez moças de cada lado. Elas recebem o comandante com buquês de flores, no desembarque do seu último vôo.

Mais de cinquenta pessoas o aplaudiram. O comandante retira o quepe em sinal de respeito e, com o dorso da mão, enxuga o canto dos olhos. Quando o piloto exemplar, de cabelos grisalhos, atravessou a porta do salão, virou-se para olhar a pista. Os dois moços o acompanhavam. Olhou emocionado a aeronave estacionada:

- Ficarei com muita saudade deste pássaro magnífico. As pequenas deformações e riscos na fuselagem são cicatrizes de grandeza que Deus lhe colocou, que marcaram o meu coração e me mostram que, apesar dos perigos passados, a vida me deu a alegria

de chegar ao fim da carreira, cheio de saúde. Estou feliz com a missão cumprida.

Virou-se na direção do salão, colocou as mãos nos ombros dos moços:

- Que Deus os acompanhe na vida, como me acompanhou. Abriu-se num sorriso que lhe refletia a alma bondosa.

Olhou ao redor, voltou a cabeça para a pista, olhou ao longe do aeroporto de Congonhas e lembrou-se que, trinta e cinco anos atrás, decolava num vôo de piloto privado. Contendo a emoção, penetrou na sala envidraçada, coberta de cortinas de seda.

A esposa e três filhos o esperavam. Um dos filhos começava a carreira de piloto, outro era advogado e o terceiro, médico-residente de cirurgia num hospital universitário de São Paulo. A esposa mostrava seu porte nobre, olhos azuis esverdeados, cabelos alourados; algumas rugas ao redor dos olhos eram o resultado das preocupações nas horas de vôos do marido, tanto tempo em viagens internacionais. O comandante se emocionou com a surpresa, ao perceber que aquilo era o prêmio de reconhecimento da companhia e dos colegas. Quando se aproximou do centro do salão, o diretor da companhia abraçou-o, sua esposa entregou ao comandante um buquê de flores, rosas de tom vermelho-vivo com a faixa: "Muito obrigada pela dedicação a nós todos, querido pássaro errante."

O diretor, ao ver Roberto e Pedrinho, cumprimenta-os dizendo-lhes:

- Estão muito bem acompanhados; são três pilotos de alta categoria que orgulham a nossa empresa.

A tripulação se esqueceu do cansaço da viagem tão tensa e se divertiu. Um conjunto musical dos funcionários da companhia começou a tocar uma música. O diretor, com o microfone na mão, anunciou que o "pássaro errante" iria dançar com a esposa a Valsa do Adem. Alguns riram, mas, quando soaram os acordes da valsa, todos aplaudiram.

A festinha se prolongou, com os bate-papos entre os amigos. Pedrinho e Roberto prestaram atenção, aprendendo sobre viagens. O comandante contou que, certa vez, quando decolava de Nova Iorque para São Paulo com a temperatura de vinte e cinco graus abaixo de zero, a aeronave taxiava sobre a camada de neve que os

tratores não conseguiram retirar totalmente da pista. Conforme corria para ganhar velocidade, caminhões, como aqueles do corpo de bombeiros, iam lavando as asas para descongelar a neve, numa operação muito perigosa.

E os casos continuavam: certa vez, sobrevoava Chicago e a torre de controle deixou-o esperando, voando em círculos, enquanto a tempestade de neve não lhe dava chance para se deslocar para o aeroporto de segunda opção. O peso do avião aumentava com a neve nas asas, além da lotação total de passageiros que chegavam do Rio de Janeiro. Ele começou a transpirar, olhando o painel de instrumentos. Rezava para que a pista estivesse desimpedida logo, do contrário seriam derrubados pelo peso da neve. Quando tocou o solo, um dos pneus explodiu. A aeronave começou se desviar, conforme corria na pista, até passar muito perto de outra aeronave estacionada de emergência na pista vizinha. Conseguiu, com os reversores das turbinas, estacionar o avião. A descarga emocional foi tão grande que não conseguiu sair da poltrona de comando. Se a asa tocasse o outro avião, teriam uma catástrofe. Abençoado Brasil tropical, falou. Aqui não há nenhum anticongelante para proteger as asas.

Os assuntos continuavam... Em Porto Velho, certa vez, quando aterrissaram, o avião ficou coberto de barro no aeroporto sem asfalto. Os limpadores foram acionados, mas mal se conseguia ver a pista por um pequeno buraco sem lama, no pára-brisa. Os casos se sucediam.

O relógio da sala marcou onze horas da noite. Pedrinho e Roberto lembraram eme teriam um vôo às nove horas da manhã seguinte. Os convidados foram se retirando, o comandante abraçou os moços. Pedrinho, desculpando-se, perguntou-lhe se poderia levar seu quepe como lembrança. Prometeu-lhe que iria usá-lo nos vôos importantes em homenagem ao comandante. Ele, sorrindo, colocou o quepe na cabeça de Pedrinho, enquanto dizia:

- Isso o protegerá de todas as preocupações e lhe servirá de inspiração durante seus vôos.

Roberto perguntou-lhe:

- E eu, o que recebo de lembrança?

Ele desabotoou o cinto novo e elegante, que entregou a Roberto, brincando

- Ainda bem que as calças estão apertadas. Use-o sempre que tiver um vôo difícil.

Os dois amigos atravessaram o salão, puxando a malinha de rodas e se encaminharam para casa. Lá fora, além da vidraça do ônibus, a garoa fria ia pintando as calçadas e o asfalto, semeando notas de tristeza na atmosfera. Parecia que as luzes deslumbrantes da capital paulista se escondiam tímidas. Depois, sobem no bonde, que segue, tilintando um sino e, ao atritar as rodas de aço, balança o cabo elétrico que leva energia para o motor elétrico mover o veículo. Pedrinho pergunta a Roberto:

- Será que um dia receberemos homenagem como o comandante?

Com discreto humor negro, o amigo responde:

- Se não morrermos antes, é bem provável. Extremamente cansados, apoiam a cabeça no encosto do banco e o balançar do bonde os faz dormir. Até a Casa Verde, havia um bom pedaço de São Paulo para se atravessar. A garoa, embaçando os faróis, obrigava os veículos se deslocarem mais lentos. Talvez pelo excesso de cansaço, Pedrinho sonha agitado e tem um pesadelo, em que se vê como gaulês coberto por armadura de um metal parecido ao alumínio das asas de um avião. Ao seu lado, no banco, Roberto sonha coisa semelhante. Os sonhos lhes mostram fogueiras onde homens, mulheres e crianças eram tochas humanas que gritavam por socorro. O soldado gaulês gargalhava.

Numa freada do bonde, quando um bêbado atravessou o sinal, ambos acordaram.

- Meu Deus, o cansaço é tanto que tive um pesadelo em que era um soldado que ateava fogo em muita gente - falou Roberto espantado. Pedrinho, surpreso, retruca:

- Que coisa estranha! Tive o mesmo sonho. Deve ter sido causado pelo que comemos na festinha.

Ambos riem e ficam observando os sinais e luzes das ruas, pensando quando chegassem ao final da carreira de piloto. Fora do veículo, as luzes se multiplicavam num festival de cores. "Quanta

energia, quanto trabalho, quanta beleza têm as luzes de São Paulo. E uma das maiores cidade do mundo", pensou Pedrinho.

O bonde foi deslizando. Os semáforos sempre piscando nas ruas: amarelo, verde, vermelho. Chegaram às suas casas.

Amanheceu e a labuta diária recomeçou. A vida foi caminhando e os moços acumulando experiência. Os aviões se aperfeiçoaram na mesma proporção em que as tensões e problemas nos aeroportos aumentavam. Os aparelhos de proteção ao vôo se modernizaram, mas o aeroporto de Congonhas se fossilizava. Os dois companheiros se separaram, voando em outras rotas e trabalhando em outras companhias.

22 - O AEROPORTO ESTRANGULADO

Durante muito tempo distantes, quando se encontravam, falavam das suas preocupações ao verem nascer, nas proximidades das pistas do aeroporto de Congonhas, enormes edifícios que lhes pareciam ter forma de dedos macabros feitos de cimento, apontando, vingativos, para os passageiros.

Os anos foram passando, as estações de passageiros se embelezaram, a cerâmica dos corredores transformou-se em granito, os banheiros ficaram mais bonitos. As pistas, porém, continuavam antiquadas e sem cuidados. As verbas para isso são manuseadas a critério de empreiteiras e administradores sem amor ao patrimônio público, orientados por interesses pessoais de diretores e governantes que se esquecem da missão de defensores da sociedade. O sagrado dinheiro público é sugado, nas maiores taxas de impostos do mundo, das veias de trabalhadores jovens, mulheres e velhos. Porém esses recursos, planejados para finalidades indispensáveis, são usados impropriamente, depreciando a qualidade da construção pública.

Os dois amigos iam observando a deterioração das qualidades das pistas, com a diminuição da segurança e o aumento dos pousos e decolagens, em aeroportos cada vez mais espremidos pelo avanço das áreas urbanas. Infelizmente, a manutenção do aeroporto de Congonhas reflete a situação de outras obras públicas por todo o

país: em grandes hospitais, no asfalto das estradas, na segurança das pontes, nas obras das ruas das grandes cidades e no horror da falta de planejamento, dos erros técnicos, sem punição, até no metrô da maior cidade do país. Observando a manutenção de uma aeronave no pátio, os dois moços trocavam idéias a respeito das tragédias que poderiam acontecer nos aeroportos brasileiros, principalmente em Congonhas e no metrô da capital paulista, que apresenta defeitos graves de construção, em vários setores. A falta de amor dos dirigentes desarticula a nação, comentavam os moços. Os que corrompem ou são corrompidos se esquecem de que só faremos uma pátria - onde teremos segurança para viver e criar a família - quando fizermos uma sociedade baseada na grandeza moral.

Comentavam do entusiasmo que sentiram no início da carreira, diminuído pelas decepções com as atitudes dos que governam. A responsabilidade moral que aprenderam pelo exemplo no lar modesto ainda os impelia para frente. Viviam dentro da ética do servir à pátria! Com o tempo, foram percebendo a diminuição da qualidade de vida dos controladores de vôo, o aumento da tensão emocional destes valorosos servidores da pátria, a deterioração do transporte aéreo no país, os ordenados dos que governam crescendo sem ética, enquanto funcionários de áreas vitais nos aeroportos mal conseguiam ganhar para a própria subsistência. Voando, notavam que na cabine de comando não havia mais a alegria nem a camaradagem dos tempos de principiantes da carreira. Episódios como a despedida do comandante, que eram rotina, agora se tornaram muito raros. As empresas começaram a exigir mais, pagando menos. As condições de trabalho e segurança foram diminuindo. A desorganização dos aeroportos, fruto da falta de respeito ao ser humano, fez a viagem aérea, no Brasil, uma atividade com riscos desnecessários.

Surgem, então, situações nas quais a perícia indiscutível dos pilotos brasileiros é insuficiente para contornar os problemas técnicos, criados pela desorganização administrativa dos aeroportos. A irresponsabilidade oficial coloca em risco milhares de pessoas, a maioria delas líderes do progresso e do crescimento cultural e

econômico da nação, as quais se utilizam diariamente do transporte aéreo.

Pedrinho e Roberto, cuidadosamente preparados pelas melhores escolas de pilotagem do país, conforme o tempo passava, aperfeiçoavam-se mais. Seguiram comandando aeronaves em rotas e companhias diferentes. A amizade, porém, solidificava-se entre as duas famílias e aumentava o apoio mútuo diante da profissão cada vez mais estressante.

A vida continuou escrevendo, nos céus das consciências, e gravando, no mármore dos séculos, as histórias de cada um. A sabedoria que governa a justiça divina foi juntando os personagens da história de dor, vingança, ódio, sangue e fogo, colocando-os lentamente, através dos séculos, no palco da vida no sul e sudeste do Brasil.

O batalhão dos Leões, árvore da amargura que nasceu, cresceu e espalhou seus frutos pelas Gálias, em torno do ano 60 antes de Cristo, foi transplantado para o Brasil. Era necessária a reeducação das almas que faziam parte da imensa caravana dos exércitos mercenários de Roma. O tempo rolou e o vento da justiça juntou as folhas esparsas da árvore que produziu dor, sangue e sofrimentos atroz, muitos séculos atrás. A sabedoria divina esperou muitas centenas de anos para a apresentação da cena final da história, no teatro da vida, com todos aqueles espíritos em dívida consigo mesmos. Os personagens, imantados entre si pelos vínculos do passado de ações contra a justiça divina, foram atraídos para viverem no Brasil. "E necessário que o escândalo venha, mas aí daquele por quem o escândalo vier".

As nuvens de fumaças da queima de seres humanos vivos pairavam, durante séculos, na consciência dos soldados do batalhão dos Leões. A lei de causa e efeito, que norteia a jornada evolutiva do homem na Terra, colocou todos os culpados em campo afins, em níveis sócio-culturais parecidos. No processo do resgate das dívidas, juntaram-se a irresponsabilidade de governos e as condições climáticas.

23 - LIÇÕES DA VIDA

Terminadas suas férias, o experiente comandante Roberto encontrou-se com o amigo, comandante Pedrinho, que vinha transferido de outra companhia. Os dois, comandando o vôo que partia da capital do Rio Grande do Sul, vinham para São Paulo. Estavam sentados na cabine de comando, enquanto os passageiros iam subindo as escadas da aeronave. Ambos sentiam algo estranho pairando no ar. Falavam sobre os sonhos que tiveram na noite anterior. Enquanto os passageiros subiam a bordo, comentavam:

- Meu Deus - disse Roberto -, talvez o jantar pesado de ontem à noite tenha me causado o pesadelo. Imagine que eu me via como comandante de uma tropa de mais de duzentos soldados e, no meio deles, algumas mulheres. Eram gritos, com cenas de espadas cortando cabeças, lanças perfurando peitos, o fogo transformando corpos em fumaça que encobria os gritos por clemência das vítimas.

Pedrinho empalideceu, tirou o quepe elegante, colocou numa poltrona da cabine de comando:

- Virgem Maria, sonhei a mesma coisa! Parece até que éramos nós dois juntos, comandando o massacre.

Roberto riu, meio desapontado:

- Bem, o negócio é trabalhar. Deixemos de lado os sonhos que o vento leva. Deixe-me ver os passageiros subindo, assim posso desanuviar a cabeça. Vá preparando as coisas que já volto.

Junto às comissárias de bordo, o comandante, fazendo força para esquecer o sonho cuja lembrança ainda o atormentava, recebia os que subiam fazendo barulho com os sapatos que batiam contra o metal das escadas. Veio-lhe à lembrança a cena do sonho e o barulho do metal pareceu-lhe o ruído das armaduras. Empalideceu repentinamente, chamando a atenção da comissária ao seu lado. Ela encostou-lhe a mão no ombro:

- Está tudo bem, comandante?

- Sim, está tudo bem - respondeu.

Entravam naquela couraça de alumínio que, para o comandante, parecia gigantesca armadura.

A plataforma de embarque foi afastada, depois de travadas as portas. O avião foi levado para a pista por pequeno trator feito para isso. O comandante ficou aguardando a torre de controle dar a ordem de decolar. Dentro da aeronave, ouviu-se:

- Decolagem autorizada.

A máquina pesada rolou pela pista, iniciando o longo salto até São Paulo. O trem de pouso foi recolhido sob a fuselagem, enquanto ganhavam altura. O comandante viu o rio Guaíba brilhando lá em baixo, sob um sol acanhado, coberto de nuvens que denunciavam chuva. Dentro da aeronave, os velhos amigos, comandantes Pedrinho e Roberto não se sentiam tranquilos. Um aperto no coração os fazia lembrar o pesadelo da noite.

O vôo prosseguia na direção norte, buscando o aeroporto de Congonhas, em São Paulo. O silêncio dominou o compartimento dos passageiros, como se refletisse a tristeza que a atmosfera chuvosa e fria mostrava lá fora. No aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, um moço chega apressado, tentando passar pelo portão de embarque e é avisado de que o avião já havia partido. Aquele era um dos soldados que, na Aquitânia, há mais de dois mil anos, arriscando a própria vida, salvou duas crianças que seriam pisoteadas pelos cavalos, na invasão de uma vila pelo batalhão dos Leões. Com atos de bondade, através dos séculos, reconciliara-se com a consciência perante a justiça suprema. Por isso, naquela fase da sua vida espiritual, não teria necessidade do despertar pela dor como os outros que conseguiram embarcar.

A chuva chicoteava São Paulo durante vários dias. A principal pista do aeroporto de Congonhas fora remodelada havia pouco. A desorganização e a irresponsabilidade liberaram os pousos e decolagens com a obra sem terminar. Ao longe, lá no horizonte, na tarde úmida, o avião aponta no céu. A torre de controle aguarda a partida de outra aeronave que ocupa a pista, para autorizar a chegada.

Após a ordem para pousar, o avião começa a descer. As correntes de ar, úmidas e conturbadas, balançam muito a aeronave. Os experientes pilotos Pedrinho e Roberto desligam os instrumentos automáticos e tomam conta da aterrissagem. Quando o trem de pouso toca o asfalto, ambos vêem que a pista não segura os pneus.

A drenagem de água era insuficiente; defeitos técnicos causados pela reforma inacabada dificultam a frenagem. Os comandantes percebem a aeronave deslizando, sem controle, na pista. Pensam em arremeter a máquina, mas a opção é descartada, pois o espaço é estreito: um edifício à frente, impossibilitava a manobra. Sem área de escape, este edifício, de construção licenciada pela irresponsabilidade, também impediu os pilotos de salvarem mais de duzentas vidas, tão preciosas para o país.

Segundo registros espirituais, os dois amigos comandantes, colocados juntos naquele vôo por determinação da lei suprema, pensando nos passageiros sob suas responsabilidades, perceberam que aqueles eram seus últimos instantes na Terra. Na cabine, uma voz emocionada grita no horror do desespero:

- Meu Deus, meu Deus... vira, vira, vira...

Estavam numa armadilha mortal: entre a pista cheia de defeitos e o espaço apertado por construções que a moral e o bom senso não deveriam permitir.

Do outro lado de uma das avenidas mais movimentadas de São Paulo, em prédio pertencente à mesma empresa da aeronave, estavam alguns dos soldados do batalhão dos Leões, participantes das carnificinas na Gália. Trabalhando em um posto de gasolina, ao lado do prédio da companhia aérea, vários antigos soldados gauleses viram aquela gigantesca massa de metal arrebatando as cercas e muros do aeroporto, quase esmagando um táxi na avenida. A aeronave desgovernada, deslizando na água acumulada sobre a pista mal construída, choca-se violentamente contra o posto de gasolina e o depósito de mercadorias, e tudo se torna uma fogueira pavorosa, transformando seres humanos em fumaça e chamas, metais como o alumínio, em líquido incandescente, no fogaréu infernal. O barulho ensurdecedor, na explosão devastadora dos tanques de combustível e da aeronave, tremeu todo aeroporto.

Os espíritos de Pedrinho e Roberto, aterrorizados diante da cena dantesca, percebem as carnes em combustão. Aturdidos pela violência do processo da morte física, o pensamento de ambos voa no tempo mais de dois mil anos atrás, até a Gália Cisalpina, onde o seu batalhão ateava fogo a vilas, pessoas e cidades.

Na cabine dos passageiros, o desespero e a dor tomam conta de todos os espíritos.

Conhecendo os graves defeitos que ainda assolam a humanidade terrena, a Providência Divina jamais se deixa tomar pela surpresa. A justiça de Deus, que se alia à bondade, já tinha a postos uma falange de espíritos iluminados para atender à tragédia antevista: eram espíritos notáveis que tinham sob sua responsabilidade o cuidado da maior megalópole do Hemisfério Sul e cuja tarefa se iniciara praticamente com a fundação da cidade de São Paulo; eram parentes daqueles que encontravam a morte física de maneira tão violenta que para ali acorreram com o intuito de atender aos familiares queridos; eram antigos médicos e enfermeiros terrenos, sob a liderança de Bezerra de Menezes, o abnegado médico dos pobres, que no espaço continuavam a aliviar as dores humanas e que haviam sido convocados para auxiliar naquele momento de aflição indescritível.

Percebe-se o risco com o aterro da pista. Alguns espíritos auxiliares ali se abrigam para inspirar passageiros e funcionários do aeroporto a fim de que se afastem da cabeceira da pista, que desabaria poucos dias depois sob a chuva.

Os bombeiros recebem a inspiração daqueles espíritos bondosos e o resgate prossegue. Os corpos materiais estão todos destruídos, queimados, mas os espíritos, a parte indestrutível e eterna do ser, são amparados pelo Amor.

O desespero se acalma. A justiça e a bondade de Deus miam pela voz do padre José de Anchieta, o fundador da cidade de São Paulo. Atordoados ainda pela tragédia ocorrida, aqueles espíritos ouvem a fala compassiva e meiga do apóstolo do Brasil:

- Companheiros da dor humana, com amor e respeito eu vos falo. A fé no poder de Deus é, neste momento difícil, nossa principal aliada. Malgrado as chamas estejam a consumir metais e corpos, nosso espírito glorioso emerge imortal, demonstrando a veracidade das promessas divinas de vida eterna. Podemos repetir, como testemunhas que somos, a célebre frase do apóstolo dos gentios, que me inspirou a dar o nome a esta cidade: "Morte, onde está a tua vitória? Onde está o teu aguilhão?"

"Este, apesar de doloroso, é um instante abençoado de libertação de consciências aprisionadas a erros de muitos séculos. O antigo fariseu Saulo de Tarso, como todos nós, em eras passadas, também destruiu, trucidou, sofreu e chorou, colhendo os frutos da sua sementeira. Trucidou, foi trucidado. Humilhou, foi humilhado. Fez sofrer, sofreu dores acerbadas.

"Ontem vocês queimaram seres humanos, hoje vêem seus corpos queimados. Não importa o tempo para a reconciliação com a própria consciência. O perdão da justiça divina consiste apenas em dar oportunidade ao pecador de reparar seus erros perante os semelhantes que feriu. A bondade de Deus se expressa ensinando a sermos bons, enquanto resgatamos nossos erros ante aqueles a quem lesamos. A suprema justiça oferece duas fórmulas para conseguirmos o progresso: o trabalho em favor dos nossos irmãos ou o sofrimento atroz. A escolha é nossa, apenas nossa.

"Tenham coragem e fé. Se erraram, trabalhem e reconciliem-se com a lei divina. A redenção virá após saldarmos todas as dívidas perante a suprema justiça.

"Não permitam, porém, que os seus corações se encham de rancor, buscando os responsáveis por essa tragédia que lhes traz tanto sofrimento. Eles também acertarão suas contas diante da justiça soberana.

"Percebam este transe como dolorosa quitação de antiga dívida e ansiada liberação de seus espíritos para novos investimentos na felicidade futura."

Conforme Anchieta falava, uma luz intensa e suave acendeu-se no aeroporto de São Paulo e continuou clareando a noite de amargura e de redenção espiritual.

No meio daquele mar de sofrimento e de grandeza, pela presença de espíritos elevados, o trabalho de resgate prossegue.

Confusa e ainda sem compreender a extensão daqueles acontecimentos, uma professora, que nas Gálias fora algoz de prisioneiros, às vezes queimando-os, percebe ao seu lado delicadas mãos de enfermeiras, que imediatamente lhe tranqüilizam a mente e anestesiam o sofrimento. Ouve suave voz a lhe dizer:

- A nobreza que você dedicou à sua missão de ensinar salvou-a de dores atrozes. Não chore mais. Olha a beleza da vida espiritual

que se espraia no universo, imortal e infinita. Não olhe para trás. Cada um dos que ardem em chamas também estão amparados pela bondade da justiça divina. As dores agressivas, o fogo do sofrimento, as labaredas do desespero fazem a purificação que transforma o ouro impuro no metal precioso. A dor purifica a alma humana, livrando-a das suas imperfeições. Olhe para o alto, minha filha. As lições de grandeza moral que você distribuiu aos jovens te protegem do fogo de provações maiores e te conduzem ao cenário de amor pintado nos céus da sua consciência pela bondade de Jesus.

Atraídos pelos seus méritos espirituais, achegaram-se a ela os avós, sorrindo junto a alguns familiares desencarnados, e saudaram-na em espanhol, recepcionando-a felizes:

- Você terminou seu trabalho na Terra. Descanse agora. Você ficará conosco, junto às pequeninas.

O avô, de aspecto nobre, cavalheiro elegante, mostrando profundo amor nos olhos, aconchegou-a com carinho nos braços, junto ao peito. Ela chorava de felicidade, vendo aquelas cenas divinas. Sem saber por quê, lembranças do Rio Grande do Sul, nos tempos da juventude, afloraram-lhe à mente. Também se lembrou da faculdade onde foi digna professora. O pranto de alegria inundou-lhe o coração quando viu, ao seu lado, um moço acompanhando-a. A justiça divina é severa, mas tempera a dor com o amor junto às lições da vida eterna, para o progresso da alma humana.

Uma das enfermeiras que buscavam auxiliar os recém-libertos da carne ensinou-a:

- Filha, olhe para diante. Nova aurora se descortina diante da tua consciência.

O avozinho fica abraçado a ela, como nas pinturas que retratam os anjos nos céus. Na noite que se avizinhava, a brisa fria de São Paulo acariciava-lhe o rosto, enquanto seus olhos úmidos de amor fitavam cenas queridas ao seu coração. Suas feições se iluminaram quando reconheceu o moço ao lado: era seu filho, desencarnado também vítima de um incêndio, durante um acidente automobilístico. O moço sorria, abraçando-a, e chorava de alegria:

- Mamãe querida, quanta saudade! Agora estaremos unidos. Já pagamos as dívidas que fizemos juntos no passado remoto. Olhe o

vovô e a vovó, chamando-nos para nos juntarmos para sempre num grupo familiar. O amor faz nosso reencontro... Disseram-me, mãe, que você foi vitoriosa na linda missão de ensinar, por isso poderemos ficar juntos...

Ela, dominando os sentimentos, responde:

- Espera, filho...

Mesmo naquele turbilhão de emoções, protegida pelas benfeitoras espirituais, ela volta ao foco do incêndio, entre os metais retorcidos da aeronave. Daí a minutos, coberta por um halo de luz que o amor materno criava ao seu redor, ela saiu do meio das chamas, segurando pelas mãos duas meninas que, antes desesperadas, agora quase sorriam felizes agarradas às mãos da avó... O filho, ao ver as três juntas, ajoelhou-se na pista, chorando:

- Obrigado, meu Deus, este é um reencontro de profundo amor.

Todos os familiares se deram as mãos e partiram, deixando o palco das lutas e sofrimentos redentores para buscar o hospital de cidade espiritual próxima.

Lá embaixo, o incêndio queimava os corpos; no alto, os espíritos libertos sorriam, enquanto a chuva fria e fina parecia beijar-lhes as faces, dando-lhes as boas-vindas ao mundo espiritual. Os experientes comandantes Pedrinho e Roberto também recebiam grande dose de amor dos espíritos socorristas.

Porém, dentro da cabine em chamas, o fogo das emoções em desalinho provocava gritos, gemidos, estertores, enquanto, num ruído terrível, o incêndio ia devorando a aeronave e derrubando o edifício das cargas e encomendas.

As horas se passaram. As chamas crepitavam, transformando o avião em um monte de ferros retorcidos e corpos em carvão. O fogo ainda teimava em deixar seu sinal tétrico naquele cenário de dor.

24 - PAGAMENTO DE GRAVES DELITOS

Os gemidos nas dores lancinantes, o ruído do fogaréu, os gritos de extrema revolta trouxeram de volta ao espírito do comandante e do subcomandante a lembrança das encarniçadas invasões do batalhão dos Leões nos campos que eles encharcaram de sangue e de lágrimas na Gália Cisalpina. A tragédia era uma repetição, pouco diferente, do desastre nas águas geladas do afluente do rio Lot, perto de Toulouse. Lá, o batalhão dos Leões foi colhido no início do inverno, no frio. A justiça divina, usando as águas revoltas batendo enlouquecidas nas pedras, cortava-lhes o ímpeto sanguinário. Em Congonhas, o fogo foi o móvel para o reencontro com os erros do pretérito. Apesar do amor que a caracteriza, nada escapa à contabilidade divina.

Os crimes coletivos exigem muito trabalho ou sofrimento para serem pagos.

Pedrinho e Roberto, logo que se desligaram do corpo, naquele processo violento e doloroso, perceberam-se de novo, como Iccius e Acauno, comandantes do batalhão gaulês. Tudo fica gravado nos eternos registros da alma. No momento, quando o espírito chega ao mundo espiritual, rasgam-se os véus que lhe ocultam as vidas passadas. O véu do esquecimento, porém, tem partes transparentes que dão ao espírito encarnado acesso a essas lembranças: sonhos ou intuições do passado ressurgem como flashes de cenas, quando a pessoa desperta, ou como pensamentos que aparecem quando acordado. Foi o que aconteceu com os dois comandantes. Entenderam logo a relação entre a tragédia no aeroporto e os incêndios que eles e seus soldados causaram. Agora, no palco desta vida, não faziam mais o papel de soldados gauleses que incendiavam, mas de passageiros e tripulantes de um avião que se consumia nas chamas. Não eram mulheres gaulesas, mas viajantes de uma empresa aérea. Não eram transportadores de mercadorias nos carros de guerra, mas chefes e funcionários da seção de cargas da mesma companhia que carregava os passageiros. O avião poderia trombar com dezenas de prédios ao redor do aeroporto, mas

bateu exatamente na seção de cargas, onde estavam os devedores de outras eras, ligados à companhia aérea pela justiça divina, plena de bondade e de amor, que jamais se esquece de qualquer detalhe das nossas vidas para nos corrigir as atitudes, visando o progresso da nossa alma imortal, cujo destino inapelável é a grandeza divina e o amor infinito.

Aqueles momentos de dor suprema, de amargo desespero - ainda e sempre - são a mensagem do amor de Deus educando seus filhos para o bem, curando-lhes a falta de compaixão para com seus semelhantes. O fogo transforma a ganga impura no ouro valioso. A dor transforma as almas devedoras em anjos da grandeza humana.

O sofrimento do acidente era ensinamento da bondade divina para mostrar a mais de duzentas almas que o destino inapelável do espírito humano é o amor.

Um passageiro, soldado gaulês no passado, por problemas mecânicos no seu carro, perdeu o embarque. A sua paz de consciência já havia sido conquistada com reiterado trabalho em benefício da humanidade - salvou-se daquela provação da morte violenta. Porém, outro do grupo dos Leões chegou correndo pelo aeroporto e, no último minuto, conseguiu embarcar. A providência divina lhe havia dado a oportunidade de ir a Porto Alegre justamente para equilibrar a contabilidade do destino, mas ele não se conduziu por atitudes cristãs em suas negociações. A balança divina pendeu para dívidas maiores. Pereceu na tragédia.

A aeronave em chamas era enorme laboratório da vida, com mais de duzentos exemplos para nos amarmos a cada momento da existência. Ali a vida cantava num supremo hino de amor: "A plantação é voluntária, mas a colheita é obrigatória."

Aquelas cenas de desespero acentuavam a lei de causa eleito da justiça do amor, que dá a cada homem, a cada espírito, de acordo com suas obras. E a lei da ação e reação, presidida pelo amor universal.

Padre Anchieta atraía, com sua alma inundada de amor, forças espirituais vindas das grandezas dos céus, distribuindo-as a cada vítima. Conforme o grande fundador de São Paulo, missionário de Jesus na Terra, estendia suas mãos bondosas na direção de uma

vítima desesperada em dores horríveis, ela logo se acalmava e repousava.

Enormes grupos de abnegados servidores espirituais trabalhavam, diminuindo o desespero e a dor. Alguns familiares desencarnados aproximavam-se das vítimas, consolando-as e acalmando-as. Eram pais, irmãos, avós e, principalmente, mães desencarnadas abraçando seus queridos.

O amor, qual bálsamo divino, retirava as vítimas do estado mental de desespero, facilitando a intervenção dos médicos espirituais.

Repentinamente, adentra pelos escombros um grupo de espíritos enlouquecidos e violentos, gritando:

- Queremos pegá-lo, queremos pegá-lo, vamos pegá-lo...

Atrás do que restara de uma poltrona destruída, encontram um espírito apavorado, tentando se esconder. Era um infeliz envolvido com o comércio de drogas ilícitas cujas ações vitimaram aqueles que o perseguiam.

O moço, antigo soldado gaulês, recalcitrante em graves erros, foi agarrado e carregado pela turba enfurecida. No auge do desespero, gritava:

- Socorro. Por favor, alguém me salve.

Nem todos os espíritos que vivenciaram aquela tragédia estavam em condições de perceber a presença da divina providência naquele ambiente. Com a mente compulsivamente focalizada nas suas próprias viciações, aquele espírito atraía os companheiros, comparsas ou adversários, da sua desdita espiritual. Ainda teria de esperar o dia do reencontro com a consciência, quando se dispusesse a optar, por sua própria vontade, pelo trabalho no bem. A dor do resgate coletivo não lhe fora suficiente para transformar os pensamentos e as atitudes.

Diante daquelas cenas indescritíveis de tormentos, os missionários divinos se desdobravam em carinho e consolo às vítimas, que continuavam a ser socorridas.

25- O AMOR VENCE O ÓDIO

O acidente de proporções gigantescas havia atraído dezenas de espíritos extremamente revoltados, vítimas do descaso das autoridades brasileiras responsáveis pela condução da coisa pública. Eram espíritos de pessoas que faleceram sem atendimento nos corredores dos hospitais públicos, vítimas de acidentes em estradas de conservação precária, aposentados que não conseguiram sobreviver às dificuldades impostas por uma aposentadoria aviltante que não lhes garantia a mínima dignidade... Foram atraídos pela empatia que sentiam com as vítimas do acidente aéreo. Sabiam que, erros em cima de erros técnicos, dirigidos por atos de falta de amor ao país, causaram a catástrofe. Negligências na manutenção da pista fizeram da aeronave preciosa um monte de ferros retorcidos; fizeram de famílias felizes amargos sofredores.

Aquele grupamento não era constituído de espíritos maus, mas espíritos que buscavam fugir da responsabilidade pessoal dos problemas pelos quais passaram, transferindo-a exclusivamente para as autoridades constituídas. Não haviam entendido a mensagem do Cristo, que não nos isenta da responsabilidade pelos sofrimentos por que passamos; no entanto, também não desculpa o agente causador do nosso sofrimento: "É necessário que o escândalo venha, mas ai daquele por quem o escândalo vier!"

Esses espíritos perturbavam a cena já tão dolorosa do desastre, buscando agredir as autoridades que visitavam o local, Gritavam-lhes palavras rudes que os dirigentes registravam como 'idéias absurdas':

- Você, que desviou o sagrado suor de velhos, crianças e mulheres para encharcar o seu bolso ávido com o sagrado dinheiro do povo não imagina o quanto irá sofrer - gritava um velho, desesperado por ver chegar ao mundo espiritual sua netinha, vítima do acidente.

Outros gritavam, violentos:

- Não te daremos um minuto de paz!
- Irresponsáveis, não lhes daremos trégua.

Esses dirigentes sem patriotismo não percebem que a falta de amor está montando uma bomba-relógio que, se explodir um dia, irá fazer milhares de vítimas. No entanto, aquele não era o momento para as cobranças.

Percebendo a delicada situação, que demandava urgente atitude, o plano superior convocou a presença de antigo político brasileiro, reconhecido como embaixador de muitas das conquistas sociais do nosso povo. Tornando-se visível à turba revoltada, sua simples presença acalmou a multidão, que se dispôs a ouvi-lo. A providência divina, em seu amor incessante, usa de todos os recursos para atrair os espíritos desavisados para o bem.

- Irmãos sofridos do Brasil, testemunhamos, neste momento, um terrível acidente, mais um acidente para o qual concorreu o descaso de um grupo que se arvora em representante do nosso povo.

"O que acontecerá a esses administradores e políticos responsáveis não só pelas mortes deste acidente terrível, mas pela morte de milhares de crianças, velhos e doentes, ao desviarem o dinheiro dos impostos que seriam empregados para a educação, para amparar a velhice, para curar e prevenir doenças da população? Passarão por dores inconcebíveis, por doenças cruéis através das encarnações. Quando penso neles, mesmo que estejam no auge da fama, na glória do poder, peço a Deus que lhes tenha piedade. Eles não sabem avaliar o horror do sofrimento que os esperam em muitas encarnações seguidas."

A pequena multidão prorrompeu em gritos:

- Isso mesmo! Muito bem!
- Eles terão o que merecem!

A um curto aceno de mão do orador, o público silenciou:

- No entanto, é mais cômodo transferir as responsabilidades das situações trágicas e desconfortáveis por que passamos para terceiros, eximindo-nos da causa do problema.

"Hoje, aqui se encontram espíritos que se reconciliam com suas consciências de um passado de crueldade e dor. Neste doloroso transe coletivo, estão presentes membros do batalhão dos Leões, que tanto horror e sofrimento espalharam, há dois mil anos, na

antiga Gália. A providência divina, em sua sabedoria infinita, não colocou neste avião espíritos inocentes, mas almas seriamente comprometidas com um passado de erros e que, hoje, já se encontram em condições de prosseguir para o destino de todas as almas: a felicidade.

"Também aqui se encontram, à minha frente, espíritos que igualmente sofreram as conseqüências da irresponsabilidade de nossos dirigentes, que, salvo louváveis exceções, se espalha por todo o país. Mas, ainda assim, não pensem que vocês são espíritos inocentes e injustiçados. Todos nós, espíritos ainda falíveis e em evolução, antes de nascermos, programamos as lutas necessárias para nosso progresso espiritual. Ainda precisamos da dor em nosso processo de aprendizagem. Todos vocês que aqui se encontram trazem, dentro da consciência, as verdadeiras razões dos sofrimentos pelos quais passaram. Cada um de vocês sabe de sua responsabilidade e, infelizmente, busca, num processo de fuga, transferir essa responsabilidade para outrem.

"Como a causa do sofrimento está dentro de cada um, vocês começam a lembrar, neste instante, o verdadeiro fato gerador de tanta dor e revolta".

Nesse momento, espíritos auxiliares induziam a pequena turba, profundamente magnetizada pelas palavras do inspirado orador, a lembrar das causas, em encarnações anteriores, dos sofrimentos por que passaram em suas vidas. Aqueles espíritos não conseguiam mais ignorar a própria responsabilidade. Alguns começaram a soluçar, acusando-se descontroladamente; outros, emocionados, pediam ajuda às entidades elevadas a sua volta. Aos poucos, os espíritos eram retirados, para receberem ajuda em colônia espiritual próxima, e prosseguirem seu processo evolutivo.

O respeitado líder prosseguia em seu discurso, dirigindo-se agora para nova platéia que se formava: a verdadeira assembléia de estudiosos das ciências políticas, que se congregou na pista de Congonhas, enquanto ardiavam as chamas. Eram políticos que reencarnariam para a sublime missão de governar:

- A sublime justiça de Deus, em Sua bondade, não pune, nem premia, mas perdoa, oferecendo nova oportunidade para que o

infrator das leis divinas possa corrigir os próprios erros e progredir, reencontrando a paz de consciência.

"Nas veredas da vida, a suprema lei determina que, no processo de evolução do espírito, pode-se trocar o sofrimento pelo trabalho no bem, direcionando-o para o auxílio aos semelhantes.

"Esse grupo, de mais de duzentas pessoas comprometidas com o passado de falta de compaixão para com os semelhantes, poderia ter reencontrado a tranqüilidade da consciência através do trabalho no bem aos semelhantes. Porém as leis da física, como leis de Deus, são imutáveis. Na pista do aeroporto, governantes, empresários e empreiteiros, políticos e técnicos criaram condições para que o avião deslizesse até a explosão trágica.

"O acidente, além das dores que causou, trouxe prejuízos ao conceito de pátria, que nós, povo brasileiro, tivemos desvalorizado diante das denúncias vergonhosas que cobrem o país. Nestas horas de dor, sobrevêm a desgraça e exalta-se a falta de respeito à sublime entidade imaterial que se chama pátria brasileira.

"Muitos daqueles soldados gauleses necessitaram deste desastre doloroso em seu programa de reconciliação consigo mesmos e com a própria consciência culpada. Assim também, pela lei de causa e efeito, ou lei de ação e reação, que preside a justiça suprema, os governantes responsáveis pelo sofrimento e pelo atraso cultural e espiritual do povo - que devem proteger, orientar e amar - estão demonstrando o quanto necessitam sentir nas próprias vidas o sofrimento que infligem a seus semelhantes para que possam despertar para a necessidade da própria transformação moral.

"Nossos políticos devem entender que nosso povo não é um entre os demais; ele precisa ser preparado para liderar a nova civilização espiritual do planeta, onde os valores da justiça, do amor e da paz deverão ser o esteio das relações de todos os povos, em contraposição à cobiça e egoísmo que vigoram entre as potências nos tempos atuais.

"Os espíritos de jovens que renasceram no Brasil estão vivendo sem as luzes da escola eficiente que desenvolve o intelecto e a alma.

"Caso mantenham o corrompido padrão de comportamento que pautam em suas vidas, sofrerão amargamente aqueles que sugam o

trabalho dos semelhantes através dos impostos desviados para os próprios bolsos. Sofrerão pela avidez de ter sempre mais, sem se importarem com os meios, numa escalada sem limite. Sofrerão pelo mal que causam à infância e à juventude, incentivando o ensino de má qualidade em que manipula o tempo dessas jóias humanas que Deus colocou no Brasil. Sofrerão por darem maus exemplos, desprezando a grandeza espiritual do nosso país e por manipular a consciência desse povo bom e pacífico.

"Bem orientado por meio de escolas modernas, com os meios de comunicação baseados na moral cristã, com exemplos de dignidade dos governos, o brasileiro tem condições de se destacar na cultura, na ciência e auxiliar na elevação espiritual de todo o planeta.

"Sofrerão amargamente aqueles que deveriam defendê-las, mas participam da destruição das nossas riquezas naturais, como as florestas, rios, os animais, que são presentes de Deus para que o povo brasileiro e toda a humanidade possam utilizá-los pelos séculos futuros."

E o notável espírito continuou:

- Dói-me alertar sobre o futuro de dores que se está construindo. Infelizmente, muitos deles necessitarão da experiência na lepra, para se cobrirem de amor para se locomover em direção aos fracos; da mudez, para corrigirem o vício de usar a palavra para manipular consciências; da surdez, para aprenderem a ouvir os clamores dos injustiçados do Brasil. A reencarnação lhes será de duras lições, visando o crescimento espiritual eterno. Os governantes que se descuidaram do próprio crescimento espiritual serão espicaçados pelo remorso durante longo tempo."

O orador fez uma breve interrupção de modo a permitir que a platéia apreendesse o conteúdo de sua explanação.

A maioria dos governantes brasileiros da atualidade também teve aulas semelhantes a estas, antes de reencarnarem. Muitos políticos exemplares ainda têm lembranças dessas aulas. Porém, alguns as consideram pensamentos sem nexos e continuam a agir fora da dignidade que prometeram. O mergulho na carne lhes trouxe o esquecimento que poderá resultar em dores seculares.

Dando continuidade àquela aula, verdadeira experiência de campo ilustrando as tristes conseqüências da política em proveito próprio, o ilustre político-professor falou:

- A maioria dos governantes brasileiros esqueceu-se da grandeza da posição em que a vida os colocou para servir. Desviaram-se da responsabilidade, embriagados pelo poder e pela fortuna material, alcançados por métodos que esquecem o respeito e o amor à sua gente. O político deve ser o protetor do país, orientando o povo para o desenvolvimento cultural, moral e espiritual. E dos governantes, de todos os níveis, a responsabilidade pela situação lamentável em que se encontram os aeroportos onde pousam nossas aeronaves. Acontecimentos como este mostram que a direção do país, em todos os níveis, acentuou sua falta de amor à nação. O político que dignificar o posto que lhe demos receberá missão de destaque no governo espiritual do país, subindo na escala evolutiva da vida e do amor universal. A falta de dignidade coloca em perigo a missão sacrossanta do Brasil perante o mundo.

"O país, esquecido dos compromissos espirituais assumidos, está destruindo a natureza que Deus ofereceu a todos: florestas, rios e recursos naturais.

"A omissão é falta grave diante da tarefa divina de governar. Pede-se ao dirigente guiar o povo na direção do bem e da dignidade, na rota do engrandecimento moral do país. A maioria da população, no estágio espiritual em que se encontra a Terra, é constituída de espíritos sem orientação diante da vida universal. Cabe aos governantes orientá-los, ensiná-los, principalmente com o exemplo, a crescerem espiritualmente. Em todos os séculos, a massa humana necessitou ser orientada, não explorada. Necessitou ser guiada, não enganada. Necessitou ser protegida, não manipulada. ***A missão dada ao comandante do país lhe foi emoldurada pela pobreza material e cultural. Por saber o quanto é dolorosa a pobreza, pois sentiu o seu rigor na própria vida, a ele foi dada pelo governo espiritual do país a missão de governar pelo exemplo de dignidade, elevando os padrões morais dos seus comandados. Se não desempenhar a missão a ele confiada, a Justiça Divina o cobrará severamente.(grifo-eny)***

"A Justiça Divina dará, aos líderes que se comprometeram a elevar os padrões morais do país, a participação no governo espiritual da pátria, além da felicidade pelo dever cumprido.

"Ao redor do aeroporto, região em que, no plano físico, deveria ser preservada de outras construções humanas, foi planejada, no plano astral, enorme área, como um círculo de segurança, com um bosque grandioso. Neste bosque previa-se a presença de espíritos de elevada categoria. Organizar-se-ia, aí, sob a responsabilidade desses espíritos, um posto de socorro a espíritos sofredores, muitos vindos de outros países. Mas a ganância e a falta de amor à pátria alteraram esses planos traçados no mundo espiritual. O homem, principalmente o que governa, ilude-se com as promessas de felicidade que a glória de mandar e o poder da riqueza passageira lhe dão. Logo se desvia do roteiro que lhe traria a verdadeira felicidade, que é a do dever cumprido diante da vida espiritual. Muitos dirigentes, pobres desorientados, facilitaram para que organizações sem amor destruíssem os planos traçados. É a louca ilusão do enriquecimento material, às custas do empobrecimento cultural e espiritual da pátria. Ela, feito mãe bondosa, agasalha-os do berço à sepultura. Desorientados perante a vida, muitos governantes brasileiros não percebem que, se os cidadãos forem bem orientados, cultos, bem nutridos, com oportunidade de crescimento cultural e espiritual, não haverá tantos desvios à suprema lei, tanta doença, que é filha da miséria e da desigualdade social. A nação brasileira, pelos planos do governo supremo da Terra, foi planejada para ser um oásis de grandeza, paz e progresso espiritual, cultural e científico no mundo.

"Os líderes do país aprenderão que a maior riqueza do ser humano é ter sua pátria social, culturalmente sólida, favorecendo a elevação espiritual de todo o povo. Do que vale desviar milhões e viver amedrontado, temendo assaltos, inseguro com os que vivem ao seu redor, tentando sobreviver à miséria sem cultura, sem desenvolvimento intelectual?"

O político parou, olhou aquela cena dolorosa e continuou:

- Imaginem, irmãos, a dor e o desespero que muitos governantes vêm atraindo para o próprio futuro espiritual.

"Temos, já, uma missão a cumprir. Podemos, através da inspiração, falar aos membros do nosso Congresso o que os espera de dor e desespero no futuro, se não forem dignos da missão divina a eles confiada. Podemos ensinar que a felicidade espiritual, por séculos futuros, os espera se cumprirem a tarefa grandiosa. Alertá-los sobre o fosso de dores morais milenares que estão cavando para si mesmos, quando se desviam da missão de protetores da população, função espiritual equivalente à de um pai amoroso. É doloroso para os brasileiros e muito pior para os próprios políticos, quando se esquecem dos compromissos de elevação moral que têm diante da espiritualidade que dirige o país.

"Precisamos falar aos dirigentes de todos os níveis, às equipes responsáveis pelo rumo do Brasil, que eles não têm idéia do quanto sofrerão, durante milênios futuros, os que favorecerem a destruição da dignidade e da cidadania, difundindo a ignorância nas fontes de cultura.

"É preciso falar-lhes, por exemplo, que os bosques ao redor deste aeroporto foram destruídos, como também estão sendo as selvas que foram planejadas para manter o equilíbrio vibratório e espiritual de toda Terra. Refiro-me principalmente à Amazônia, onde a natureza em sua prodigalidade emite vibrações de amor ao planeta. Ensinar-lhes que, através das águas imantadas de amor da bacia Amazônica, que se espalham por todo o Atlântico, a Amazônia leva energias de grandeza espiritual a todos os oceanos, beneficiando toda a Terra. É preciso alertar que, além das conseqüências físicas catastróficas, a destruição das matas da Amazônia afetará muitos sistemas de energias espirituais do planeta.

"Falemos a eles, estejam nos ministérios, nos quartéis, nos aeroportos, nas escolas, nos hospitais, nas fábricas, que não é por acaso que este país tem a natureza deslumbrante que Deus nos oferece.

"Agora é a hora de o Brasil desenvolver-se economicamente para espalhar amor e paz por todo o planeta.

"A falta de amor ao país por parte de alguns governos brasileiros causa profundas mudanças no roteiro espiritual das nações, colocando países materialistas e guerreiros na vanguarda do planeta. Porém, o povo brasileiro manteve-se atrasado pela falta de

cultura e esmagado pela pobreza que se acentua nas diferenças sociais. A atitude de muitos dirigentes brasileiros, ao impedir a eclosão da espiritualidade e pacifismo de nosso povo, alterou profundamente o planejamento espiritual do planeta.

"Peço-lhes, que, urgentemente, inspirem os responsáveis pela psicofera de Brasília a convencer os dirigentes de que aquela capital, profetizada por dom Bosco muito anos antes da sua construção, foi planejada por missionários espirituais do bem para ser a capital espiritual de toda a cultura latina.

"Diga-lhes para imitem a grandeza espiritual que caracteriza a nossa pátria, na sua história de paz e de amor que floresce no coração pacífico dos brasileiros de bem."

Enquanto falava, os corações daquela gente valorosa se conservavam em paz. A multidão de políticos-aprendizes estava emocionada, em profundo silêncio.

Sob a ação direta dos intemoratos bombeiros, as chamas lentamente foram dominadas. Corpos foram transformados em cinzas, enquanto muitas almas partiam, levadas por missionários do amor.

26 - PUNIÇÃO NUNCA - O AMOR ETERNAMENTE

A noite começava a dar novas tintas ao céu de São Paulo. A fumaça negra ainda subia no ar, sinalizando a dor e o desespero.

Os bombeiros trocavam de turno, enquanto, ao longe, no horizonte, atrás dos edifícios que não deveriam estar ali, o sol recomeçava a brilhar, subindo avermelhado na linha do horizonte.

A esquadrilha dos socorristas levava junto, em silenciosas aeronaves espirituais, os funcionários da companhia de cargas. Eles também eram participantes do batalhão dos Leões. Por isso a lei suprema determinou que, dentre dezenas de prédios, o avião desgovernado atingisse exatamente aquele - o da companhia da aeronave.

As horas de dor exigem nos amemos uns aos outros, porque todos estamos comprometidos com a lei suprema. Cabe-nos

ampararmo-nos uns aos outros, perdoando-nos e perdoando os que seguem ao nosso lado, vencendo nossos erros do passado. A lei da reencarnação não é feita para punir. Deus, Pai de amor, apenas ensina, não pune. Somos almas imortais. Nosso destino inapelável é a grandeza espiritual. A ela chegaremos quando nos reconciliarmos com nossa consciência manchada pelos erros do passado.

O mesmo amor que enviou os bombeiros encarnados enviou os espíritos especializados em socorrer tais acidentes. Assim, todas as vítimas foram cercadas pelo carinho de espíritos bondosos que as consolaram na difícil passagem da morte do corpo.

O sol começava a inundar São Paulo de luz e de alegria.

Alguns órgãos de notícias difundiam os fatos, às vezes tentando colocar a culpa pelo desastre nos ombros de quem não mais estava encarnado para poder se defender. Queriam manipular a opinião pública, isentando os governantes responsáveis. Cenas e sons se espalharam pelo Brasil, mostrando os horrores do maior acidente aéreo de nossa história.

As cores da alegria do brasileiro transformam-se em tons de tristeza. Ao lado da solidariedade às famílias das vítimas, um sentimento de decepção: o desastre foi uma prova da falta de amor ao país da parte de seus líderes.

O povo brasileiro, que tem a missão de iniciar a era de fraternidade em nosso planeta, segue oprimido e culturalmente alienado: escolas dão diplomas e não ensinam. O conceito de pátria é afogado na lama da corrupção. O abismo entre pobres e ricos se equipara ao de países muito mais pobres do que o nosso. Enquanto isso, homens que deveriam liderar o povo martelam as consciências, sem auxiliá-las a elevarem-se espiritualmente. Onde falta o indispensável para se viver, a moral e a dignidade são artigos dispensáveis.

Moços terminam cursos, sem aprender, em faculdades caras, e arrumam emprego em funções de subserviência. A liderança cultural do país desaparece sob leis que degeneram a cultura e a educação. Indústrias tradicionalmente brasileiras são esmagadas pela falta de preparo dos dirigentes. O poder econômico estrangeiro domina as estruturas básicas da nossa nação e o brasileiro, por justiça dono

dos recursos naturais, transformou-se em servidor de organizações que drenam nosso sangue econômico para outras terras.

O aeroporto estava em silêncio, exceto por algumas máquinas que limpavam a pista. As chamas finalmente foram extintas.

Uma tela montada na dimensão espiritual mostrava magotes de sofrendores andando sem rumo, na escuridão do umbral; caminhando entre substâncias fétidas e negras. Eram políticos e empresários que haviam falhado em suas missões.

Eles ouviam gemidos e sussurros de dor de velhos e crianças que foram vítimas indiretas da sua liderança, cuja missão deveria ser a de protegê-los. O remorso apunhalava os corações daqueles homens e mulheres que preferiram se esquecer da missão sacrossanta de guiar o povo para mergulharem na irresponsabilidade da corrupção.

Aquela história de dor não terminava ali com a transferência dos espíritos das vítimas: novos tormentos surgiram nos corações dos culpados pelo acidente.

O espírito humano não se libertará do sofrimento enquanto não adequar seu comportamento às leis divinas que regem o universo. O maior presente que a vida nos deu é a certeza de que somos eternos, indestrutíveis. Mesmo que o homem queira destruir-se, a vida continuará na grandeza do espírito humano. O espírito é fagulha divina e pode criar belezas indescritíveis.

Com esforço, nós brasileiros transformaremos esta pátria em imenso canteiro de amor. Nossas florestas brasileiras, rios, cachoeiras, nascentes, lagos e praias são verdadeiros centros de terapia, onde espíritos de todo o mundo podem ser trazidos para se tratarem e se refazerem. Aqui está planejado o surgimento da civilização do amor. No planalto Central está concentrada a força espiritual da civilização brasileira. No norte do país, estão as florestas que, se forem usadas com equilíbrio, protegerão todo o planeta. Porém, a destruição da flora e da fauna nos ataques ao meio ambiente pode alterar profundamente os planos do governo espiritual, interferindo na ascensão espiritual de todo o planeta.

Não foi o acaso que conservou as florestas da faixa do Norte, desde a época do descobrimento, apesar de estarem mais próximas

da civilização europeia mais de cinco mil quilômetros que o sul. A civilização brasileira floresceu, primeiro, nos estados sulistas.

Que paraíso seria o Brasil se todos retribuíssemos à vida as dádivas que recebemos de Deus na natureza! Nos céus do Brasil, nas cenas do futuro, eu vejo o país que deveríamos ser. A pátria das cidades civilizadas, escolas deslumbrantes, gente bem vestida e feliz, automóveis, barcos, navios, caminhões, trens e ônibus levados por combustíveis aqui produzidos; aviões fabricados por nós mesmos, com tecnologia nossa, já que somos o berço do Pai da Aviação.

Imagino o que seria o meu Brasil, pontilhado de escolas, faculdades de alto padrão científico, difundindo a grandeza humana.

O aeroporto, da noite trágica, ficou em silêncio. Lá fora, um monte de escombros e ferros retorcidos. Aqui dentro do meu coração, um mundo de tristeza e uma certeza: meu país não merece o que alguns dos seus maus filhos fazem à pátria, quando se esquecem da gratidão a Deus, por termos nascido no Brasil.

Cansado e comovido, termino aqui minha difícil tarefa de repórter da desgraça, elevando a Deus uma prece de amor ao meu país e às vítimas - brasileiros como eu.

ALBERTO SANTOS DUMONT

Inventor do Avião

São Paulo, seis horas da manhã

do dia 18 de julho de 2007

27 - MENSAGEM DE J. K.

Vejo, nos céus do futuro, o povo sentado às margens dos rios, nos dias de descanso, pescando em águas limpas, à sombra de árvores que se conservaram grandiosas através dos séculos.

Vejo os empresários distribuindo o lucro do trabalho e investindo nos processos educativos modernos, preparando nossa gente espiritual, moral e culturalmente para a missão de liderar o planeta pelos caminhos da paz.

Vejo imensos laboratórios de pesquisa, com cientistas nossos procurando a perfeição na grandeza da vida.

Vejo a comunicação por meio do som e da imagem, difundindo o belo para estudantes cheios de amor pela pátria, crescendo moral, espiritual e intelectualmente no intercâmbio de idéias de respeito ao país que Deus nos deu.

Vejo a população toda lendo livros retirados de imensas bibliotecas, mantidas pelos governos, espalhadas por todo o país.

Vejo os pátios das escolas de portões abertos, porque as crianças e os jovens aprenderam a respeitar a propriedade coletiva e pública.

Vejo as casas de leis, os congressos estaduais e federal cheios de homens idealistas que lutam para conservar a educação, com seu amor, para enriquecer o povo com a verdadeira riqueza - a cultura.

Vejo o Congresso Nacional como se fosse academia de paz e de dignidade, com missionários dedicados ao progresso da pátria e de seu povo.

Vejo as prisões apenas com alguns doentes da alma, distribuídos nos pátios floridos cheios de sombras das árvores, sendo tratados com carinho por missionários que se consideram pais e protetores dos criminosos, já que estes são apenas homens que estão na retaguarda do desenvolvimento espiritual e moral.

Vejo as florestas brasileiras conservadas, com caminhos e trilhas limpas, animais aparecendo entre a folhagem, correndo em disparada sem medo da agressão, e os pássaros abotoando entre as flores, entre as folhas, entre as nuvens do céu.

Vejo as espécies que estavam em extinção se multiplicando neste abençoado país.

Vejo os rios de água cristalina, imensos, atravessando a Amazônia, conservadas as cachoeiras, por métodos que não exigem a destruição das matas e agressão ao meio ambiente.

Vejo o meu povo educado e preservacionista, aprendendo com a sabedoria dos silvícolas, que freqüentam escolas próximas aos povoados, vacinados com eficiência, evitando as doenças que dizimaram suas populações, no passado.

Vejo os céus do Brasil pontilhados de aviões cheios de alimentos, progresso, cultura e beleza.

Vejo centenas de aeroportos espalhados no país, muitos deles nas nossas fronteiras.

Vejo as estações policiais dirigidas por homens cultos e fisicamente bem preparados, auxiliando crianças e velhos.

Vejo o Nordeste todo irrigado por poços feitos pelos próprios nordestinos, retirando a bendita água do maior depósito subterrâneo do planeta. O São Francisco fluindo sem ser molestado na sua grandeza, as suas águas democraticamente controladas sem a intervenção das garras do poder econômico antidemocrático.

Vejo o Brasil exemplificando o amor para toda a Terra.

Vejo o sorriso de felicidade brotando dos corações dos velhos, jovens e crianças brasileiros.

Vejo a igualdade social se difundindo.

Vejo os brasileiros afro-descendentes, nobres filhos, netos e bisnetos de antigos escravos injustiçados, abarrotando as grandes universidades brasileiras, colocando sua sensibilidade e inteligência nas artes, nas ciências, nos laboratórios, nos esportes e na música.

Vendo a aeronave em chamas em plena São Paulo, terra do meu coração que me deu os meios para construir Brasília, eu chorei. Chorando, orei pelo Brasil e por aqueles dirigentes que desviam nossa pátria do caminho da dignidade.

Que Deus tenha misericórdia deles e aplique-lhes, com todo rigor, sua justiça! Pois a Pátria é instituição sagrada que merece muito mais do que respeito - exige a veneração dos seus filhos.

Termino minha respeitosa saudação às vítimas e aos familiares, neste acontecimento que nos faz chorar os corações.

Quero abraçá-los com todo respeito, carinho e profundo afeto patriótico, sem nunca esquecermos que estamos - todos os brasileiros - ligados pelos laços de amor a este país magnífico que haveremos de construir esplêndido para brilhar na sua grandeza, iluminando os caminhos da civilização humana.

JUSCELINO KUBITSCHEK

NOTA EXPLICATIVA

A Providência Divina reuniu, para um processo de expiação coletiva, a maior parte do antigo batalhão dos Leões, pois que algumas dessas almas já haviam logrado a remissão de seus erros em outros transes aflitivos.

O relato espiritual desta história nos obrigou a tomar alguns cuidados. Procuramos, em nome da justiça, proteger cada participante desta epopéia que culminará na elevação da nossa pátria. Os nossos queridos pilotos, vítimas da situação de desequilíbrio pela qual nosso país atravessa, merecem ser protegidos das vibrações de ódio a eles injustamente dirigidas através de pensamentos guiados por notícias sem fundamento.

Com esse objetivo, a equipe espiritual responsável pela produção do livro decidiu mudar fatos biográficos não apenas da vida dos pilotos no Brasil, mas de outros passageiros do vôo da esperança. Desta forma, preservamos os personagens reais e respeitamos a intimidade familiar de seus parentes próximos, que permanecem ainda na romagem terrena, sem que esta mensagem perca sua veemência e seu brilho.

Tenhamos em mente que a finalidade principal da obra que nós - em equipe multidisciplinar - elaboramos é alertar sobre a gravidade da situação moral da nossa nação. Os agentes da situação dolorosa

por que passa nosso país cavam um futuro de dores acerbadas que se delineiam nos horizontes das suas existências.

Pedimos muito cuidado aos homens públicos que se desviam da sacrossanta missão de guiar nosso povo na direção dos mais altos destinos da dignidade humana.

A EQUIPE ESPIRITUAL